

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO

*VITA* DE FLÁVIO JOSEFO: UMA NARRATIVA DE AUTORREPRESENTAÇÃO  
(94- 101 d. C)

VALTER BUENO DA SILVA JUNIOR

GOIÂNIA, 2015

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

**1. Identificação do material bibliográfico:**       **Dissertação**       **Tese**

**2. Identificação da Tese ou Dissertação**

Autor (a):	Valter Bueno da Silva Junior		
E-mail:	valterbsjunior@gmail.com		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
Vínculo empregatício do autor	Não		
Agência de fomento:	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior	Sigla:	CAPES
País:	Brasil	UF:	DF
		CNPJ:	00.889.834/0001-08
Título:	VITA DE FLÁVIO JOSEFO: UMA NARRATIVA DE AUTORREPRESENTAÇÃO (94 - 101 d. C)		
Palavras-chave:	Flávio Josefo, <i>Vita</i> , Revolta Judaica, Narrativa e Memória.		
Título em outra língua:	VITA OF JOSEPHUS: A SELF-REPRESENTATION NARRATIVE (94-101 d. C.)		
Palavras-chave em outra língua:	Flavius Josephus, <i>Vita</i> , Jewish Revolt, Narrative and Memory.		
Área de concentração:	Culturas, Fronteiras e Identidades.		
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	31/08/2015		
Programa de Pós-Graduação:	História		
Orientador (a):	Luciane Munhoz de <u>Omena</u>		
E-mail:	lucianemunhoz34@gmail.com		
Co-orientador (a):*			
E-mail:			

\*Necessita do CPF quando não constar no SisPG.

**3. Informações de acesso ao documento:**

Concorda com a liberação total do documento  SIM       NÃO<sup>1</sup>

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) autor (a)

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

VALTER BUENO DA SILVA JUNIOR

*VITA* DE FLÁVIO JOSEFO: UMA NARRATIVA DE AUTORREPRESENTAÇÃO  
(94 – 101 d. C)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História em exame de Qualificação.

**Área de concentração:** Culturas, Fronteiras e Identidades.

**Linha de Pesquisa:** História, Memória e Imaginários Sociais.

**Orientadora:** Professora Doutora Luciane Munhoz de Omena.

GOIÂNIA, 2015

Ficha catalográfica elaborada automaticamente  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob orientação do Sibi/UFG.

Bueno da Silva Junior, Valter

Vita de Flávio Josefo: uma narrativa de autorrepresentação (94 - 104  
d. C) [manuscrito] / Valter Bueno da Silva Junior. - 2015.  
CLXVII, 167 f.

Orientador: Profa. Dra. Luciane Munhoz de Omena.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade  
de História (FH) , Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2015.

Inclui siglas.

1. Flávio Josefo. 2. Vita. 3. Revolta Judaica. 4. Narrativa. 5.  
Memória. I. Munhoz de Omena, Luciane, orient. II. Título.

VALTER BUENO DA SILVA JUNIOR

*VITA DE FLÁVIO JOSEFO: UMA NARRATIVA DE AUTORREPRESENTAÇÃO*  
(94 – 101 d. C)

Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do grau de Mestre em História. Aprovada em 31 de agosto de 2015, pela seguinte Banca Examinadora:

---

Professora Doutora Luciane Munhoz de Omena / UFG

Presidente

---

Professora Doutora Renata Cristina Souza Nascimento / PUC-GO

Examinadora

---

Professora Doutora Ana Teresa Marques Gonçalves / UFG

Examinadora

---

Professor Doutor Alex Degan / UFTM

Suplente

---

Professora Doutora Heloísa Selma Fernandes Capel / UFG

Suplente

## **AGRADEÇO:**

À minha orientadora Professora Doutora Luciane Munhoz de Omena, pelo conhecimento e competência demonstrados, qualidades tais que criaram em mim profunda admiração e inspiração enquanto pesquisador. Suas sugestões ao colaborar com ideias inovadoras e sua paciência e dedicação foram fundamentais para essa pesquisa. Além disso, minha gratidão se estende pela amizade e generosidade que sempre demonstrou.

À Professora Doutora Ana Teresa Marques Gonçalves, pelo incentivo ao desenvolvimento desta pesquisa ainda na graduação. Suas sugestões durante o exame de qualificação, além da disponibilidade de um arcabouço teórico pertinente ao assunto estudado, foram de grande importância à pesquisa.

Ao Professor Doutor Alex Degan (UFTM), pela participação em meu exame de qualificação e pelo fornecimento de materiais fundamentais ao aperfeiçoamento da pesquisa. Suas sugestões enriqueceram o desenvolvimento do trabalho.

À Professora Doutora Renata Cristina Souza Nascimento (PUC-GO), pela disposição em participar da banca e pela forma atenciosa com a qual sempre se colocou à disposição para a melhoria deste trabalho científico.

À CAPES, pela concessão da bolsa de pesquisa. Os sete meses em que fui financiado permitiram que esse trabalho fosse finalizado dentro do prazo previsto.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, juntamente com o funcionário Marco Aurélio e a funcionária Dayane, ambos muito importantes e atenciosos na solução de todas as questões administrativas que envolveram a realização deste trabalho acadêmico.

Aos meus colegas de Universidade Francisco Arantes, Diego Augusto, Bruno Pegorari e André Ricardo, pelo compartilhamento de materiais, ideias e incentivos. Aos colegas Gustavo Góes, Erick Otto e Suiany Bueno, pelos importantes auxílios no decorrer desse período de pesquisa.

Aos meus familiares, pelo apoio incondicional. Especialmente, às minhas irmãs Nádia Bueno, Ludmilla Bueno e Viviane Bueno, pelos importantes conselhos que

sempre me têm dado e por dividirmos momentos significativos em nossa Família. Ao meu pai, Valter Bueno da Silva, pelo equilíbrio e amparo a mim, mesmo durante o momento de nossa maior perda: a partida de sua querida esposa e de minha adorada mãezinha.

À minha querida e amada noiva, Paula Bueno Barbosa, pela presença, compreensão e motivação durante todos os momentos pelos quais tive de percorrer para que esta pesquisa chegasse ao fim. Agradeço por tudo que fez e faz por mim, me considero uma pessoa privilegiada por ter você ao meu lado. Sua atenção para comigo foi algo de extremo cuidado e zelo e que me faz sentir uma pessoa completa ao seu lado. Sem sua atenção e cuidado esse trabalho não seria possível. Na verdade, não tenho palavras que possam expressar a minha gratidão com você, só posso lhe dizer que sou muito feliz ao seu lado e que sempre terei uma eterna dívida de gratidão e amor contigo. Envio um agradecimento especial aos familiares de minha noiva, sua mãe Maria Aparecida Bueno e seu pai Marlon Barbosa.

À minha mãe amada, Maria de Almeida Costa Bueno, pela minha vida, sem a sua dedicação e amor eu não seria a pessoa que sou. Você foi a primeira a me incentivar a realizar este desafio. Hoje não posso compartilhar essa etapa completada, mas posso dizer que mesmo ausente, a sua lembrança contribui para o meu crescimento, seja ele profissional ou pessoal. Sua ternura e amor estarão sempre em nossas memórias.

A Deus, pela concessão de força e de amparo espirituais durante esse importante processo de aprendizagem pelo qual tive o privilégio de passar.

## RESUMO

Discutiremos acerca das representações de Flávio Josefo a partir de sua obra autobiográfica *Vita*, além do modo como a mesma definiu e consolidou a percepção de representação própria de seu autor. O contexto histórico ao qual pertenceu deve ser considerado. Trata-se de observar o ambiente da Judéia que antecedeu a Revolta Judaica, marcada por conflitos sociais, econômicos e políticos, pois estes foram fundamentais para que o embate entre romanos e judeus ocorresse. Sendo assim, evidenciamos a eclosão da Revolta Judaica e também a participação de Josefo nessa Guerra. Neste sentido, as experiências de Josefo na Revolta são recorrentes devido ao próprio desdobramento do conflito, pois vivenciou os lados distintos da guerra e presenciou a vitória romana ao lado dos envolvidos. Dessa maneira, consideraremos a relevância da *Vita* de Josefo, pois foi uma obra que abordou a Revolta em uma perspectiva pessoal; a partir desta criação, suas recordações e lembranças foram ressaltadas em um processo construtivo de argumentações narrativas, tornando-as elementos primordiais na impressão da representação própria de Flávio Josefo. Comprendemos como o discurso autobiográfico de Josefo expressa as demandas pessoais de sua contemporaneidade, a partir da relação entre narrativa, memória, representação e identidade.

Palavras-chave: Flávio Josefo, *Vita*, Revolta Judaica, Narrativa e Memória.



## ABSTRACT

We will discuss about the representations of Flavius Josephus from his autobiographical work *Vita*, and how it has defined and consolidated the perception of self representation of the author. The historical context in which it belonged should be considered. It is about to observe the Judean environment that preceded the Jewish Revolt marked by social, economic and political conflicts, as these were crucial for that the clash between Romans and Jews occurred. Therefore, we noted the surge of the Jewish Revolt, and also the participation of Josephus at that war. In this sense, Josephus experiences in the Revolt are recurrent due to own unfolding of the conflict as he experienced the different sides of the war and witnessed the Roman victory beside them. This way, we will consider the relevance of Josephus' *Vita* as it was a work that approached the Revolt in a personal perspective, and from it, his memories were highlighted in a constructive process of narrative argumentations, making them the key elements in the very representation of Josephus' impressions. We understand how Josephus' autobiographical speech expresses his own demands of his contemporary, from the relation between narrative, memory, representation and identity.

Keywords: Flavius Josephus, *Vita*, Jewish Revolt, Narrative and Memory.

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS: .....	6
RESUMO: .....	8
ABSTRACT: .....	9
INTRODUÇÃO. ....	11
<b>CAPÍTULO I: RELAÇÕES DE PODER ENTRE ROMANOS E JUDEUS: O AMBIENTE DA REVOLTA JUDAICA.</b>	
I- A relação entre a Judéia e Roma precedente à Revolta Judaica: .....	21
II- Nero: Crises e Revoltas (61-68): .....	40
III- A Revolta Judaica: .....	45
IV- Dinastia Flaviana: .....	60
<b>CAPÍTULO II: FLÁVIO JOSEFO: VIDA, OBRAS E NARRATIVAS.</b>	
I- Vida de Flávio Josefo: Uma perspectiva anterior e posterior à Revolta Judaica:.....	72
II- Flávio Josefo: obras. ....	86
III- <i>Vita</i> de Flávio Josefo: aspectos sobre a composição das obras:.....	93
IV- Flávio Josefo: Narrativa, retórica e memória. ....	104
<b>CAPÍTULO III: FLÁVIO JOSEFO E REFERÊNCIAS NA VITA</b>	
I- <i>Domus</i> e família: .....	117
II – Flávo Josefo: um judeu romano: .....	128
III – Flávio Josefo e autorrepresentação na <i>Vita</i> : o ofício sacerdotal: .....	135
IV – O comando galileu: .....	140
Considerações finais: .....	150
Referências Bibliográficas: .....	154

## INTRODUÇÃO

No ano 66 d. C.,<sup>1</sup> o Império romano estava sob o Principado de Nero; a partir desse recorte temporal, podemos destacar as revoltas nas Províncias da Judéia e Gália, bem como o próprio ambiente político romano que agravou a crise de relacionamento entre o *Imperator* e o Senado (LAVAN, 2013 p.73). Dentro dessa perspectiva geral, destacamos, como primordial para essa dissertação, a eclosão e os desdobramentos da Revolta Judaica. Sabemos, pois, que a revolta iniciou-se na Província da Judéia contra a dominação romana e, com essa ressalva, inferimos que a insurreição do conflito deveu-se a uma série de circunstâncias, entre elas, a insatisfação dos judeus contra o controle romano (GOODMAN, 1994, p. 158), as políticas romanas que sofriam variações de acordo com as sucessões dos Imperadores, a diminuição da autonomia local diante dos destacamentos político-econômicos de Roma, além da insatisfação dos judeus com outras influências culturais estrangeiras (Cf. MILLAR, 2006). No entanto, o fato que culminou com início do conflito foi a ordem do Imperador Nero em confiscar o tesouro do Templo de Jerusalém (WIEDEMANN, 2008 p. 251; LAVAN, 2013 p. 72-73). Tal atitude causou indignação na sociedade judaica e, por conseguinte, distúrbios sociais, contidos pelo procurador romano Céstio *Gallus*. Derrotado, os romanos sentiram-se obrigados a entrar em uma guerra regular contra Judéia (WIEDEMANN, 2008, p. 251).

A ofensiva romana se intensificou quando Nero designou o general Vespasiano para conter a Revolta (WIEDEMANN, 2008, p. 255). As ações de Vespasiano demonstraram uma eficiente organização militar, resultando em importantes vitórias para os romanos. Nesse contexto, tivemos a inclusão de um relevante personagem histórico, o judeu Yousef ben Mattityahu.<sup>2</sup> Josefo foi comandante dos judeus e liderou os destacamentos na Galiléia enquanto general dos judeus. Posto isto, interessa-nos ressaltar que, sob a condição de general, Josefo teve seu primeiro embate contra Vespasiano. Durante o cerco de Jotapata, liderou os judeus rebeldes, fato que resultou em quarenta dias de resistência. Vespasiano conseguiu impor-se em Jotapata (LEVICK, 1999, p. 31); nesse ambiente bélico, Josefo entregou-se aos romanos e, aproximando-se mais do general, proferiu que se tornaria o futuro Imperador de Roma. Tal profecia

---

<sup>1</sup> Nesta dissertação as referências temporais correspondem à datação depois de Cristo. Caso seja necessário, ao aparecer alguma data antes de Cristo, acrescentaremos a sigla ao texto.

<sup>2</sup> Neste trabalho, não utilizaremos o nome judaico, mas sim Flávio Josefo, ou mesmo Josefo.

agradou Vespasiano e, com isso, poupou a vida de Josefo. A partir de então, Josefo teve sua vida mudada: ainda no período da Revolta Judaica, contribuiu com os romanos e manteve uma relação de proximidade com Vespasiano e seu filho Tito (LEVICK, 1999, p. 32).

Conforme esta linha de raciocínio, a campanha romana foi obtendo resultados positivos, enquanto os judeus sofriam constantes derrotas. Contudo, a liderança de Vespasiano na Judéia foi substituída pelo seu filho Tito (Flávio Josefo, *Guerra dos Judeus*, VI. 481-482), pois o comandante romano se envolveu em uma disputa política em Roma. No ano 68, tivemos a morte voluntária de Nero, ocasionando, deste modo, uma crise de sucessão. Vespasiano passou a disputar o poder político Imperial e, após vencer o embate contra Vitélio, tornou-se o Imperador de Roma. Assim, o processo sucessorial e a vitória de Vespasiano resultaram na ascensão da dinastia Flaviana (WOOLF, 2012, p. 169).<sup>3</sup> No ambiente da Judéia, Tito foi obtendo importantes vitórias sobre os rebeldes judeus, reprimindo cada vez mais os focos insurretos na região. Na verdade, Tito foi quem obteve a vitória romana (Flávio Josefo, *Guerra dos Judeus*, VI. 481-482). Argumentamos, portanto, que, após este conflito bélico, tivemos a destruição da cidade de Jerusalém, bem como a destruição de seu Templo (DEGAN, 2010, p. 298). Neste sentido, parece-nos pertinente inferir que a vitória romana contra a Judéia consolidou a dinastia recém instaurada, pois, assim como entendemos, a revolta foi um importante instrumento de legitimação de poder dos Flávios, já que resolveram um conflito no contexto político imperial e, ao mesmo tempo, pacificaram os descontentamentos com o Senado romano (BARNES, 2005. p. 129-130).

Pelo exposto acima, entendemos que a proximidade de Josefo com o general e sua colaboração com os romanos, levando-se em consideração a derrota judaica, rendeu-lhe inimigos; diante deste fato, o seu maior opositor teria sido Justo de Tiberíades (JONES, 2005, p. 203). Assim, parece-nos possível deduzir que o discurso de autorrepresentação em *Vita*<sup>4</sup> seria uma resposta às querelas de seus oponentes

---

<sup>3</sup> Após a morte voluntária de Nero, o Império romano passou por um período de crise de sucessão dinástica. Esse período marcou o fim da dinastia Júlio-Cláudia e proporcionou a ascensão dos Flávios. No entanto, o contexto que possibilitou a subida flaviana foi marcado por uma intensa crise política em Roma, pois, em um intervalo de um ano, quatro nomes foram reconhecidos como Imperadores: Galba, Otão, Vitélio e Vespasiano foram os protagonistas. Ao final, Vespasiano se legitimou como *Imperator* e, como entendemos, criou possibilidades de pacificação política em Roma, bem como estabeleceu a segunda dinastia, os flavianos (Cf. WIEDEMANN, 2008).

<sup>4</sup> Utilizamos a seguinte tradução para a obra *Vita*, de Josefo: JOSEPHUS, Flavius. *Life of Josephus. Translation and commentary by Steve Mason*. Boston: Brill, 2001. Todos os excertos da *Vita* de Flávio Josefo foram traduzidos por mim, a partir da tradução em inglês.

(LAMOUR, 1999); por conseguinte, o discurso de Josefo tornou-se um dispositivo de poder, à medida que necessitava legitimar-se diante dos judeus e, de fato, colocar-se como um bom comandante e um habilidoso líder político. Escrita entre os anos 94 a 101, a *Vita*<sup>5</sup> engloba a sua ascendência; por questões estratégicas, concentrou-se no relato, em grande parte, durante a Revolta Judaica. Em função deste fato, Flávio Josefo colocou em evidência sua participação na revolta, demonstrando, dessa forma, que suas ações se deram a partir de seu compromisso com o povo judeu; além disso, apresenta aos leitores ouvintes o seu *modus operandi* no conflito contra os romanos e as características do ambiente “rebelde” na Judéia.

Sendo assim, entendemos que as experiências no presente de Josefo influenciaram a forma como se retrataria na *Vita*. Portanto, consideramos a relevância do conceito de identidade,<sup>6</sup> pois, a partir dele, podemos compreender a maneira que Josefo se identificou por intermédio da *Vita*. Entendemos o conceito de identidade como um fenômeno social, pois pode estar relacionado ao âmbito individual e também ao coletivo. As subjetividades individuais e coletivas constituem um importante fundamento para a identidade. No decorrer de uma jornada (História) pessoal, cada indivíduo constrói diversificadas identidades que o fazem pertencer a grupos étnicos, familiares, afetivos, etc. Dessa forma: “A identidade conforma-se a partir de experiências reais e significativas. Ela, identidade, enquanto sentimento de pertencimento, é simbólica e abstrata, mas é originária de vivências, experiências e afetos” (WASEERMAN, 2002, p. 94). Assim, considerando a relevância das

---

<sup>5</sup> Josefo escreveu três obras anteriores a *Vita*. A *Guerra dos judeus* foi a primeira obra elaborada por Flávio Josefo. Escrita por volta dos anos 75 a 79, foi uma narrativa extensa que demonstrou um caráter apologético aos romanos, além de ter sido encomendada pelo próprio Imperador Tito (Cf. BARNES, 2005, p. 139). A *Antiguidades judaicas* foi elaborada por volta dos anos 94 a 99 e indicou questões sobre as origens do povo judeu até os eventos da Revolta Judaica. Também foi uma obra extensa que demonstrou a proximidade de Josefo com os preceitos judaicos (Cf. MASON, 1998, p. 66). *Contra Apião* foi escrita entre os anos 94 a 99 e Josefo apresentou uma característica semelhante à proposta na *Antiguidades judaicas*, já que exaltou a relevância da tradição do povo judeu; no entanto, destacou a significância dos costumes e tradições judaicas ante as críticas proferidas pelos gregos, em outras palavras, produziu uma narrativa em apologia aos judeus (Cf. BARCLAY, 1998, p. 196).

<sup>6</sup> Segundo Stuart Hall (2006), existem três concepções distintas de identidade que se relacionam às visões de sujeito ao longo da história. A primeira é denominada de “identidade do sujeito do Iluminismo”, expressando a visão individualista de um indivíduo, em que prevalece a capacidade racional e de consciência. Assim, entende-se o sujeito como portador de um núcleo interior que emerge no nascimento e impera ao longo de todo seu desenvolvimento, de forma contínua e idêntica. A segunda é a “identidade do sujeito sociológico”, que considera as complexidades do mundo e reconhece que o sujeito é constituído a partir da relação com outros indivíduos. A terceira concepção apresenta a “identidade do sujeito pós-moderno”, que não possui uma identidade fixa ou permanente, mas formada e transformada continuamente, sofrendo a influência das formas; fato este representado ou interpretado nos e pelos diferentes sistemas culturais de que toma parte (Cf. HALL, 2006, *Apud*: FARIA; SOUZA, 2011, p. 37-38).

experiências individuais e coletivas na constituição da identidade, inferimos a construção de um caráter identitário a partir da *Vita*. Flávio Josefo relatou experiências vivenciadas, principalmente no que se refere aos eventos da Revolta Judaica, enfatizando suas características enquanto judeu. Dessa forma, as experiências relatadas comprovaram sua identificação no meio judaico.

Como já demos a entender, a *Vita* é um autorretrato de Josefo. Para compreendermos, então, a forma como Josefo se representou, entendemos que alguns questionamentos sejam pertinentes. Qual foi o espaço que Josefo ocupou na sociedade judaica? Qual foi a sua relação com o ambiente rebelde judaico? Em que circunstância ocorreu a aproximação de Josefo com a dinastia Flaviana? Qual foi a relação de Josefo com a dinastia flaviana? Porque escreveu a *Vita*? Se levarmos em consideração o contexto histórico de Josefo, podemos apontar uma hipótese central: sendo a *Vita* uma representação de si, compreendemos que a projeção do passado, qual seja, a Revolta Judaica, representou uma resposta ao ambiente judaico, que, tal como entendemos, o hostilizava. Citemos *in extenso*:

Eu, portanto, apresento a sucessão de nossos ancestrais e como eu a encontrei nos registros públicos, enviando uma saudação para aqueles que tentam nos caluniar (Flávio Josefo. *Vita*, IX: 6).

Dessa forma, Josefo coloca em evidência que existiam indivíduos que tentavam caluniá-lo. Assim, inferimos que a *Vita* seja uma resposta aos seus inimigos e, por conseguinte, uma tentativa de acentuar, em termos retóricos, a presença de sua liderança e ascendência ilustres entre os judeus. Ora, sabemos que Josefo era de origem judaica, mas, após a Revolta, se beneficiou com a ascensão flaviana e se tornou um cidadão romano. Ao receber críticas relacionadas à Revolta Judaica, Josefo ainda estava vinculado às ações de seu passado. Assim, o passado e o presente se confluíam, demonstrando, desse modo, um passado ressignificado na conjuntura do presente (Cf. CATROGA, 2009). Dessa maneira, consideramos a relação da memória com as experiências no passado como um fator considerável para a formação individual. “A formação do *eu* será, assim, inseparável da maneira como cada um se relaciona com os valores da(s) sociedade(s) e grupo(s) em que se situa e de modo como, a luz do seu passado, organiza o seu percurso como *projeto*” (CATROGA, 2009, p.15). Portanto, consideramos a memória pelo caráter individual e coletivo, sendo possível também estabelecer uma ligação entre memória e identidade. Nesse sentido, a memória

condiciona o desenvolvimento do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo no processo de construção de identidade. Nesse processo, a memória se torna uma atualização do passado e também um registro do presente que permanece como lembrança (POLLACK, 1992). Michael Pollack (1992) concebe a identidade remetendo a três elementos essenciais: corpo e território (unidades físicas da identidade); continuidade temporal e sentimento de coerência, pois, de acordo com a releitura de Amorin (2012), “esses elementos funcionam como fatores de equilíbrio para o indivíduo se localizar individual ou coletivamente no mundo, a memória será também um elemento constituinte desse sentimento de continuidade e coerência para a reconstrução do eu” (POLLACK, 1992, *Apud*: AMORIN, 2012, p. 109). Dessa forma, ao elaborar a *Vita*, Josefo relatou o passado e o significou o presente, constituindo uma identidade própria a partir da construção de uma argumentação individualizada. Como a *Vita* é uma obra que retrata sobre si, o “eu” de Josefo foi “ressignificado” tendo como base circunstâncias pessoais no presente. Portanto, não apenas o seu passado foi preservado, mas, a partir dele, uma identidade própria foi construída.

Assim, o conceito de memória torna-se um suporte teórico para compreendermos a percepção do passado em Josefo. Ao inferimos que elaborou a *Vita* fundamentado em suas ações no passado, podemos considerar que a produção de memória torna-se recorrente em narrativa autobiográfica. Evidentemente que, por se tratar de uma autobiográfica, sua escrita tem caráter pessoal, porém, o retorno ao seu passado ofereceu as fontes necessárias para a construção de tal narrativa. Visto desse modo, acreditamos que Josefo construiu uma memória própria. Ao retratar sobre si mesmo em um período do passado, Josefo empreendeu ações pessoais substanciadas no seu processo de escrita. Assim, sua retratação ficaria para posteridade, sendo uma forma de preservação de memória. Dessa forma, a escrita se vinculava ao processo de construção da narrativa a fim de perpetuar suas ações (GEIGER, 2011).

Dessa forma, preservar e divulgar a memória confere uma permanência social. Em vista desses apontamentos, produzir as memórias requer atitudes que envolvem circunstâncias relacionadas à sociedade (GOWING, 2005, p. 2). Isso implica uma proposição voltada à perpetuação a ser divulgada. Dessa maneira, compreendemos a memória como um aspecto rememorativo em um contexto individual ou social, porém, entendida também como um processo de perpetuação a fim de preservar algo à posteridade. Em nosso entender, a narrativa *Vita* de Josefo produziu diferentes

argumentações de preservação de sua memória, sendo entendida como uma lembrança textual que permite “imortalizar” as ações de um personagem “público” (HOPE, 2003, p. 113-120). Por isso, a memória pode ser concebida como um “suporte da lembrança, um suporte do passado que, em outras palavras, designa a construção de imagens do passado” (FUNARI; OMENA, 2012, p. 164).

Ao referir-se à memória como uma relação entre passado e presente que se constrói por percepções ou imagens do passado, entendemos que o processo de construção de uma memória envolve variadas situações. Em vista destes apontamentos, a *Vita* de Flávio Josefo se tornou uma importante narrativa de memória construída; deste modo, temos uma obra de caráter autobiográfico na Antiguidade. Joseph Geiger (2011) salienta que a elaboração de uma obra com o caráter autobiográfico compreende uma construção de memória. Tal situação se dava por meio da elaboração de biografias dos Imperadores romanos no século I, à medida que se desejava perpetuar os atos de tais governantes. De acordo com essa perspectiva, o caráter biográfico apresentava uma relação com a memória em um sentido de preservação. Logo, a elaboração de uma autobiografia se dava por meio da seleção de fatos que iriam compor os argumentos que perpetuariam a memória do biografado. Quando inferimos que Josefo se vinculou à memória, podemos compreender que recordou o seu passado, selecionou fatos e perpetuou-os a partir da *Vita*.

O processo de seleção de argumentos passa pelas próprias lembranças de seu autor. No entanto, a circunstância do presente pode determinar o que vai ser buscado no passado. Se considerarmos que Josefo vivenciou uma situação de crítica, a resposta foi a própria elaboração da *Vita*; entendemos, portanto, que a composição da obra constituiu-se na utilização de argumentos que visavam refutar as críticas recebidas. Dessa forma, a narrativa autobiográfica de Josefo pretendia divulgar sua memória por meio da construção de uma representação própria.

Sendo assim, o conceito de representação se torna outro importante suporte teórico para compreendermos os argumentos de Josefo acerca de si mesmo. Dessa forma, a representação é como a apresentação de algo presente de um objeto ausente; de certo modo, a representação indica a ausência, pois assinala uma diferenciação do que representa e do que é representado; de outra forma, a realidade apresentada pode ser visível, sugerindo uma presença (GIZBURG, 2001, p. 85; CHARTIER, 1990, p. 74). Dessa maneira, a representação pode ser compreendida como “um instrumento de



conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição imediata” (CHARTIER, 1990, p. 17). As representações estabelecem relações com os atos vivenciados pelos diferentes grupos sociais, possibilitando aos indivíduos credenciarem sentido ao seu mundo (CHARTIER, 1990, p. 17). Em razão disso, consideramos essa relação de representação como um conceito relevante para a *Vita*, de Josefo. O seu passado passou a ser representado por sua escrita em uma análise pessoal, ou seja, a forma como Josefo selecionou e escreveu os fatos acerca de sua vida produziu uma representação própria.

A partir da compreensão destas discussões, é essencial que as peculiaridades da *Vita* de Josefo sejam aprofundadas. Para tal intento, a presente dissertação foi dividida em três capítulos: Vejamos: no primeiro capítulo, intitulado "*Relações de poder entre romanos e judeus: o ambiente da Revolta Judaica*", discutiremos, com o suporte da historiografia especializada, os aspectos voltados à contextualização do recorte temporal acerca do ambiente da Revolta Judaica. Compreender esse contexto implica considerar a política romana no final do Principado de Nero, bem como o processo de crise política instaurada em Roma, após sua morte voluntária. De forma conjunta, iremos apresentar as particularidades do conflito na Judéia, destacando o comando designado por Vespasiano e Tito no conflito, bem como as distinções do movimento rebelde judeu por meio das narrativas de Josefo. No capítulo I, produziremos também reflexões críticas acerca da ascensão de Vespasiano e a importância da Revolta Judaica. Assim, consideramos as obras *Guerra dos Judeus* e *Vita* de Flávio Josefo como importantes suportes documentais para a compreensão desse período. Iremos considerar a relação entre a Judéia e Roma e como esse processo resultou no conflito da Revolta Judaica.

No capítulo II, nomeado "*Flávio Josefo: Vida, obras e narrativas*", abordaremos os aspectos ligados à vida pessoal de Flávio Josefo. Para isso, iremos considerar as referências extraídas das obras de Josefo que retratam características de sua vida pessoal. Entendemos que Josefo obteve uma criação voltada aos preceitos judaicos, sendo assim, as argumentações que se referem a esse período de sua vida serão abordadas, bem como questões pessoais: casamentos e filhos. Outro aspecto abordado por Josefo foi a designação de sua família como descendente da dinastia dos hasmoneus e como vinculada ao ofício sacerdotal; sendo assim, consideramos relevante compreender essas características destacadas por ele e suas implicações na sociedade judaica. Ainda no capítulo II, iremos apresentar as obras de Josefo em uma perspectiva

historiográfica quanto às suas características próprias. No entanto, a *Vita* será abordada de uma maneira mais aprofundada, pois é a referência documental dessa dissertação. Por se tratar da vida de Josefo e de suas particularidades, consideramos pertinente a introdução de uma discussão voltada à compreensão dos conceitos de memória, à escrita biográfica no mundo Antigo e aos aspectos retóricos das narrativas de Josefo.

No capítulo III, intitulado "*Flávio Josefo e representações na Vita*", abordaremos a vida de Flávio Josefo no contexto social romano. Para isso, consideramos pertinente uma discussão historiográfica sobre os conceitos de família romana e *domus*, pois, como já demos a entender, Josefo esteve associado à dinastia Flaviana. Assim, consideramos importante conhecer como essa vinculação foi possível. A partir dos relatos da *Vita*, iremos abordar a forma que Flávio Josefo produziu representações de si mesmo. Para isso, consideramos relevante analisar a condição de Josefo na Revolta Judaica, já que estava inserido na sociedade romana, bem como os fatores que influenciaram seus relatos autobiográficos.

Diante destas questões, propomos, na presente dissertação, compreender o contexto histórico ao qual Flávio Josefo esteve inserido. Em razão disso, construir esse trabalho exigiu uma profunda reflexão sobre as motivações de Josefo na construção de sua biografia, tendo em vista que o historiador demonstrou motivações relacionadas ao que estava vivendo nos anos 90, entre as quais, destacam-se as críticas de Justo de Tiberíades (Cf. LAMOUR, 1999). Assim, sua pretensão foi refutar as críticas que recebeu e, por meio de seu relato autobiográfico, construir uma representação própria. Deste modo, nos capítulos que se seguem é possível contemplar como esses fatores estiveram ligados ou próximos a Flávio Josefo e como puderam influenciar em seu relato autobiográfico.

## **CAPÍTULO I**

### **RELAÇÕES DE PODER ENTRE ROMANOS E JUDEUS: O AMBIENTE DA REVOLTA JUDAICA.**

A eclosão da Revolta Judaica ocorreu em um período de intensas agitações políticas em Roma, sendo Nero o *Imperator*. Os últimos anos de seu Principado foram marcados por divergências políticas, principalmente no que se refere ao relacionamento com o Senado romano, além de revoltas nas províncias da Bretanha, Judéia e Gália. Assim sendo, iremos apresentar neste capítulo o panorama político em Roma por meio dos últimos anos do Imperador Nero, bem como as suas desavenças com o Senado romano e os desfechos das revoltas das províncias em seu Principado. Os desdobramentos da Revolta Judaica também serão expostos, pois foram determinantes para o desarranjo político em Roma e na Judéia. Sobre isso, iremos apresentar o envolvimento de Vespasiano e Tito na contenção da Revolta dos judeus e delinear os confrontos militares entre judeus e romanos. Deste modo, entendemos que a Revolta Judaica proporcionou a ascensão de Vespasiano como o novo Imperador de Roma e o sucesso de sua incursão na Judéia credenciou o seu nome como *Imperator*. Dessa forma, iremos expor a disputa política em Roma após a morte voluntária de Nero, à medida que o general Vespasiano se encontrou envolvido em uma disputa política denominada como o “ano dos quatro Imperadores”, saindo vitorioso e, deste modo, inaugurando uma nova dinastia, a Flaviana.

Os antecedentes da Revolta Judaica serão retratados, fato que demonstra que o relacionamento entre judeus e romanos estava sujeito a mudanças; visto por esse ângulo, o desdobramento da Revolta não decorreu, apenas, das ações dos dominadores romanos, mas de diferentes fatores de ordem: econômica, social, política, militar e cultural. Desse modo, empreendemos a Revolta Judaica como um episódio decorrente de um processo histórico que fomentou e viabilizou as ações rebeldes na Judéia contra os romanos. Inserido nesse contexto, encontramos a figura de Flávio Josefo, historiador romano-judeu que descreveu os fatos da Guerra a partir de sua percepção, já que vivenciou o conflito na condição de general rebelde e, posteriormente, como prisioneiro e protegido pelos romanos, especificamente por Vespasiano e Tito.

## I- A RELAÇÃO ENTRE A JUDEIA E ROMA PRECEDENTE À REVOLTA JUDAICA.

A eclosão da Revolta Judaica decorreu de diversos fatores, de ordem política, econômica, social, administrativa e religiosa. A análise desses fatores é essencial para a compreensão histórica da incursão do conflito contra Roma. É importante ressaltar que o processo de dominação romana passou por contextos históricos distintos; também vale destacar que o relacionamento dos judeus para com os romanos estava sujeito a diversificadas relações, que poderiam sofrer alterações de acordo com o período histórico. Sendo assim, é essencial compreendermos a forma como ocorreu o relacionamento da Judéia com o dominador romano e suas implicações para a Guerra.

O período Hasmoneu (164 a. C – 67 a. C) incorporou em um contexto de autonomia perante os Impérios próximos ao território independente judeu. Aliás, esse “Estado” independente estava entre dois Impérios: Selêucida<sup>7</sup>, com quem os judeus estavam em constante conflito, em grande parte durante a dinastia dos Hasmoneus,<sup>8</sup> e Romano, que demonstrou interesse na região desempenhando diversificadas ações políticas e militares.

O fim da dinastia dos Hasmoneus ocorreu com a conquista de Pompeu na região. Os eventos que desencadearam essa dominação envolveram a sucessão do trono, após a morte de Alexandre Janeu; sua esposa, Salomé Alexandra, assumiu o trono de 76 a. C a 66 a. C. Segundo Flávio Josefo, esse reinado foi marcado por disputas políticas internas, ligadas a desavenças com os sacerdotes da seita dos fariseus, à medida que destacou um reino que caminhava com tranquilidade e equilíbrio, não fossem as desavenças com os fariseus (Flávio Josefo. *Antigüedades Judias*, XII:577-578). De acordo com suas palavras:

No entanto, esta mulher também observou sobre o reino, reuniu inúmeras forças mercenárias e tropas próprias, os levantou duas vezes, de modo que assustou

---

<sup>7</sup> A dominação Selêucida na Palestina corresponde desde as conquistas de Alexandre Magno até o início do período dos Hasmoneus, aproximadamente entre os anos 333 a. C – 164 a. C. (Cf. MILLAR, 2006).

<sup>8</sup> Conferir *Antigüedades Judias, Libro XII* de Flávio Josefo, à medida que nesse livro, em específico, narrou as circunstâncias presentes no contexto da Revolta dos Macabeus e a implantação da dinastia dos Hasmoneus, como os diversos conflitos com os selêucidas e até mesmo as intervenções dos romanos em assuntos políticos no Egito, Império Selêucida e Judeia.

os reis da fronteira e fizeram deles reféns. Contudo, em nosso país foi sereno, exceto para os fariseus, uma vez que estes consternavam a paz da rainha ao tentarem convencê-la de matar aqueles que tinham incitado Alexandre a executar oitocentos (Flávio Josefo. *Antiguedades Judias*, XIII:788).

Fica evidente que os Hasmoneus detinham a sua própria autonomia na região, ao ponto de terem em suas mãos a capacidade de reunir forças mercenárias, despertando a atenção das regiões vizinhas. Como destacou Josefo, o reinado de Salomé Alexandra foi sereno diante dos fatores externos, apesar de enfrentar divergências quanto às ações dos fariseus. Contudo, a dominação romana começava a se intensificar na região. Vale ressaltar que, desde as guerras de Antíoco IV no Egito, em 169 a. C, os romanos passaram a intensificar os seus interesses na região, opondo aos interesses selêucidas no Egito. Nesse episódio, os romanos saíram em defesa do Egito tentando neutralizar as ofensivas de Antíoco IV (Flávio Josefo. *Antiguedades Judias*, XII: 242). Portanto, as ações romanas na região se estabeleceram anteriormente à própria conquista efetiva da região.

A sucessão de seu reinado ficaria ao cargo de seus dois filhos, Hicarno II e Aristóbolo II. A proximidade de Hicarno II com Antípatro da Idumeia provocou uma relação de desconfiança dos romanos, já que as medidas de Hicarno II estavam voltadas ao auxílio a Antípatro, que instigava um levante contra os romanos (Flávio Josefo, *Antiguedades Judias*, XIV:1-29). Por meio desse episódio, Pompeu tomou Jerusalém, submetendo a Judéia ao domínio romano (Flávio Josefo. *Antiguedades Judias*, XIV: 29-69). A partir deste momento, observamos a subordinação da Judeia frente ao domínio romano; em um primeiro instante, com a instituição de uma monarquia própria entre os judeus, porém ligada aos interesses romanos. Dessa forma, iniciou-se o período dos herodianos em detrimento à dinastia dos hasmoneus, com o reconhecimento de Herodes, o grande<sup>9</sup> (37 a. C - 4 a. C), como rei da Judéia e apoiado pelos romanos.

Assim, iniciou-se o período de subordinação do território judaico aos romanos; entretanto, a princípio os romanos caracterizaram a dominação concedendo autonomia à Judéia em questões particulares como a questão religiosa dos judeus em referência ao monoteísmo judaico, à própria composição social e suas seitas (Fariseus, saduceus e essênios), costumes, tradições e religiosidade. Essa autonomia era garantida pelo apoio à dinastia Herodiana (37 a. C – 66 d. C) na Judéia; os reis eram de origem judaica,

---

<sup>9</sup> A denominação Herodes Magno será utilizada em referência a Herodes, o grande.

porém, fieis à subordinação romana. Os aspectos políticos, econômicos e sociais da Judéia, associados ao domínio romano na região, iniciaram de forma autônoma para os judeus, ao comporem e apoiarem uma dinastia propriamente de origens judaicas para governar a Judéia. Nesse sentido, o relacionamento dos romanos para com os judeus era, tendenciosamente, menos conflituoso em relação à política de dominação exercida pelos selêucidas em períodos anteriores.

A ascensão de Herodes ao poder na Judéia ocorreu com o apoio romano ainda ao final do período republicano, com as articulações de Marco Antônio e Otávio. A coroação de Herodes garantiu a presença dos romanos com maior eficiência, além do apoio de um reino intimamente ligado aos seus interesses na região. De acordo Aryeh Kasher (2007, P. 65-72), a coroação de Herodes visava garantir o poder e o controle romano na região. O avanço do Império Parta era visto como uma ameaça ao poder expansionista romano no Oriente, fator que ficou mais evidente quando o rei judeu Matatias Antigono (40 a. C – 37 a. C), da dinastia dos Hasmoneus, concedeu apoio aos partas e, deste modo, refutou a diplomacia com Roma. “Esta reviravolta política ocorreu em resposta à decisão do rei Hasmoneu em abandonar a aliança histórica com Roma, em nome dos laços políticos com os partos” (KASHER, 2007, p. 71).

Nesse sentido, a argumentação de Kasher (2007) demonstra que a principal razão que impulsionou a coroação de Herodes teria sido, em termos efetivos, em função do apoio dado aos romanos. Assim, organiza sua *argumentatio* em três tópicos: o primeiro baseou-se na lealdade de Herodes aos romanos, o segundo propõe que Herodes desejava reforçar a sua política em Jerusalém, já que sua origem Iduméia o impedia de exercer funções sacerdotais e políticas na Judéia dos Hasmoneus e, por fim, a terceira proposta destaca que Herodes possuía um bom relacionamento com os “não judeus” que viviam na Judéia, apesar de manter um relacionamento hostil para com os judeus (KASHER, 2007, p. 71).

Inserido na perspectiva administrativa da dominação romana, o rei Herodes Magno firmou-se na condição de “Rei-Cliente”, era a autoridade de seu povo; porém, com total fidelidade ao dominador romano, o que lhe garantia a manutenção de seu poder político local (KASHER, 2007, p. 71). Essa era uma prática administrativa recorrente da dominação e organização romana, visando a menor interferência em questões locais, mas garantindo a fidelidade e lealdade das autoridades. Não apenas na

Palestina de Herodes que ocorria tal prática, também na Bretanha com o rei Cogidubnus (ROGAN, 2011, p. 73-74).

Esse modelo de administração e dominação é importante para compreender o relacionamento dos romanos com os povos e regiões dominadas, especificamente a Judéia. Desse modo, entendemos que durante o reinado de Herodes Magno, os judeus estavam em um campo administrativo de submissão a um rei local, não sendo ainda considerados pertencentes a uma Província romana. Neste contexto, o “administrador” local era da própria região e com total submissão aos romanos. Não contrariando a perspectiva da dominação romana, o reinado de Herodes foi de submissão a Roma, atrelado ao seu estilo autoritário e repressivo de governar, perseguindo opositores e, até mesmo, os descendentes dos Hasmoneus (KASHER, 2007, p. 155- 179). Entretanto, a relação entre judeus e romanos à época do reinado de Herodes ocorreu sem muitos atritos (BARRET, 2009, p. 281-300).

Assim, a Judéia romana estabeleceu um vínculo administrativo com Roma a partir da autonomia regional concedida pelos romanos. Dessa forma, implicamos dizer que a Judéia, diante da dominação romana, exerceu a sua autonomia local com o rei Herodes Magno, fiel aos destacamentos romanos, apesar de possuir origem judaico-iduméia. Os interesses romanos, todavia, tinham a garantia de serem mantidos, pois o poder local foi constituído no intuito de assegurar o controle da região, juntamente com os interesses romanos preservados por uma administração local. Esse modelo administrativo implicava uma manutenção do domínio por meio de lideranças locais, evitando problemas de relacionamento perante os dominadores, já que a região detinha autonomia para solucionar questões internas. Outro fator ocorreu por meio da soberania em alguns assuntos, como manutenção de exércitos, questões religiosas e até mesmo econômicas, sendo que a região dominada possuía uma relação com o dominador por intermédio do repasse de impostos. Essas características são decorrentes de um Estado-Cliente, o qual possuía autonomia em assuntos internos, mas devia contribuições ao dominador romano (ROGAN, 2011, p. 58-66). Especificamente na Judéia, o rei Herodes Magno se adequava a esse modelo administrativo, considerado um “Rei-cliente” (ROGAN, 2011, p. 73-74).

A autonomia dos “Reis-clientes” decorria de diferentes setores, como político, econômico, militar, diplomático, religioso, social e cultural. Essas atribuições demonstravam o caráter autônomo da região ante aos dominadores em questões



particulares internas. No contexto específico da Palestina de Herodes, essas características eram marcantes em suas determinações e, até mesmo, na política externa demonstrava que sua autonomia estava de acordo com as diretrizes do apoio romano.

Esta breve pesquisa nos permite perceber o que um rei-cliente podia e não podia fazer. Houve considerável discricção em todos os assuntos nacionais e internos, desde que a lealdade a Roma e ao seu governante fosse constante e inequívoca. Um rei cliente que se arriscasse em guerras estrangeiras por sua própria responsabilidade; resultava em intervenções locais que poderia envolver o Imperador. Ambas as iniciativas, diplomáticas ou política independente, poderiam incorrer em desfavor do Império. Ações defensivas militares eram admissíveis se um rei estivesse sob ameaça. Em resumo: os reis-clientes parecem ter tido uma relativa liberdade para governar nos assuntos internos de seu reino, porém, acerca da política externa e de incursões militares além de suas fronteiras, eram questões além de sua autoridade. O direito romano era para os cidadãos romanos; outros habitantes foram tratados de acordo com as leis das *ciuitas* as quais pertenciam (ROGAN, 2011, p. 76-77. 2011).

Dessa forma, a autonomia regional foi um caráter fundamental para a política administrativa romana. Vale destacar que a questão jurídica era determinada pelos costumes e leis locais para com aqueles que não eram cidadãos romanos, ressaltando a importância da autonomia local que era exercida para solucionar peculiaridades regionais. Essa posição administrativa dependia da habilidade do “Rei-cliente” em manter estável a região e a sua população, no caso específico de Herodes, a política administrativa autônoma foi mantida com sucesso (ROGAN, 2011, p. 76).

Apesar do reinado de Herodes Magno ter alcançado êxito em relacionamento com os romanos e com o controle da região, isso não impediu que setores da sociedade judaica contestassem o domínio herodiano e romano (RICHARDSON, 1996, p. 54-62). O fato de Herodes ser um descendente Idumeu, autoritário e hostil com alguns grupos sacerdotais e de aceitar e incentivar elementos da cultura grega nos costumes judaicos, esse fator fomentou questionamentos internos quanto ao seu reinado, em especial no que se refere aos grupos sacerdotais que rejeitavam influências estrangeiras em seus ritos e costumes (RICHARDSON, 1996, p. 54-62; BARRET, 2009, p. 281-300). Parte desses descontentamentos locais começou a impulsionar a insatisfação dos judeus com a presença romana. Essa situação começou a ficar mais evidente após o reinado de Herodes Magno. É importante destacar que seu reinado iniciou ainda no período

Republicano romano e terminou durante o Império romano, sob o Principado de Otávio Augusto. O relacionamento com os romanos traduziu-se na proximidade de Herodes com Otávio, desde a sua fuga a Roma (38. a. C) para pedir apoio contra os Hasmoneus, até a autonomia política concedida (KASHER, 2007, p. 55-72). Isso indica que o relacionamento entre judeus e romanos poderia variar dependendo da condução política local e Imperial.

A alternância de poder iria de fato mudar o relacionamento entre romanos e judeus. Após a morte de Herodes Magno, seu reino dividiu-se entre os seus filhos: Filipe e Herodes Antipas. Seria uma continuação da prática adotada pelos romanos com Herodes Magno, porém a divisão do reino ocorreu por meio da influência romana sobre os Herodianos (KASHER, 2007, p. 394-404), caracterizando o poder intervencionista em políticas locais pelos romanos. Isso foi um fator que demonstrou que a autonomia da Região estava à disposição dos interesses ligados aos dominadores, mesmo com a sucessão do reino entre os herdeiros legítimos do trono. As relações entre romanos e judeus já não foram as mesmas, como ocorria no reinado de Herodes Magno (ROGAN, 2011, p.77).

Apesar da divisão, o relacionamento cordial com o Império e Imperadores obteve uma tendência de continuidade, porém com austeridade. Herodes Antipas foi destronado com apoio romano para que o trono ficasse ao cargo de seu irmão Herodes Agripa. Isso ocorreu sob a acusação de que Antipas não estava mantendo sua fidelidade para com os romanos, forçando-os a destroná-lo para colocar o seu irmão como rei. Apesar de Herodes Antipas ter tido um bom relacionamento com o Imperador Tibério, chegando a homenageá-lo com o nome da cidade de Tiberíades, o mesmo não logrou êxito com o Imperador seguinte, Calígula. O *Imperator* colocou Herodes Agripa com o título de Tetrarca<sup>10</sup> da Judéia, em oposição ao seu irmão Antipas (ROGAN, 2011, p. 77).

Nesses episódios citados, podemos perceber que a autonomia na Palestina diminuiu com o fim do reinado de Herodes Magno e o relacionamento com os Imperadores romanos poderiam estar sujeitos as diferentes circunstâncias e momentos. Como foi exposto, durante o Principado de Otávio Augusto, a Palestina estava sob o comando de Herodes Magno; já nos Principados de Tibério e Calígula essa relação passou por mudanças, à medida que o reino foi dividido, demarcando, desta feita,

---

<sup>10</sup> Título dado ao administrador de regiões dentro da Palestina, governando uma quarta parte da Galiléia.

interferências na composição do poder administrativo local. Nesse sentido, as ações romanas começavam a fazer interferências em peculiaridades locais, o que começou a fortalecer oposições à dominação romana. Isto nos leva a crer que o relacionamento entre romanos e judeus começava a se deteriorar. Por exemplo, o episódio em que o Imperador Calígula determinou que uma estátua sua fosse colocada no Templo de Jerusalém causou intensa insatisfação popular, já que tal ato contrariava a fé monoteísta dos judeus e era visto como uma agressão à fé judaica (GOODMAN, 1994, p. 16).

O Imperador Cláudio, ao contrário de seu predecessor, adotou uma política diferente ao colocar Agripa I como rei da Judéia. A sua posição, quanto ao rei judeu, era de gratidão no que se refere ao esforço de Agripa I em Roma, pois foi responsável pela sobrevivência de Cláudio após o assassinato de Calígula, e, também, pela sua ascensão como Imperador de Roma. Esta atitude marcou o bom relacionamento de Cláudio e Agripa, bem como com a Judéia, já que demonstrou maior tolerância para com os costumes locais. Na correspondência de Cláudio aos alexandrinos, alega os seguintes aspectos de sua relação para com os judeus. Citemos *in extenso*:

Quanto à questão de qual partido foi responsável pelos motins e rixas (ou melhor, a verdade deve ser dita, a guerra) com os judeus, embora em confronto particular com seus oponentes e embaixadores, Dionísio, filho de Theon, disputava com grande zelo; no entanto, eu não estava disposto a fazer um inquérito rigoroso, embora estivesse guardando dentro de mim uma grande indignação contra qualquer partido [que] renovasse o conflito; e digo-vos uma vez por todas que, se você colocar um fim a essa inimizade ruinosa e obstinada de uns contra os outros, vou ser conduzido para mostrar o que um príncipe benevolente pode ser quando se vira para a justa indignação. (*Missiva de Cláudio aos Alexandrinos Apud GRANT, 1999*).

Essa correspondência foi elaborada no início do Principado de Cláudio, no ano 41, à medida que o Imperador revelou sua preocupação para com as desavenças entre os judeus, alexandrinos e egípcios, em especial no que se referia ao campo religioso. Neste trecho, Cláudio demonstrou sua intenção em solucionar o conflito de maneira imparcial, pois indicou a vontade de não tomar parte nessas desavenças e sim solucioná-las. De acordo com suas palavras:

Portanto, mais uma vez eu vos conjuro que, por um lado, os alexandrinos mostraram-se tolerantes e bondosos para com os judeus, que por muitos anos viveram na mesma cidade e não houve nenhuma

desonra dos ritos observados por eles na adoração de seu deus, mas permitiram observar seus costumes, como no tempo de *Augustus* divinizado. Espero que eu também possa, depois de ouvir os dois lados, pedir aos judeus não se agitem por mais privilégios do que anteriormente possuíam. No futuro, não enviarei uma embaixada em separado como se eles vivessem em uma cidade separada, uma coisa inédita, e não forçarei o caminho nas *gymnasiarchies* ou os jogos dados pelos *cosmetes*, enquanto desfrutarem de seus próprios privilégios e partilharem uma grande abundância de vantagens em uma cidade que não é deles. Não irei admitir judeus que navegam da Síria ou do Egito, um processo que vai me obrigar a conceber suspeitas graves; caso contrário, vou por todos os meios vingá-los como fomentadores de uma praga geral que infectou o mundo inteiro. (*Missiva de Cláudio aos Alexandrinos Apud GRANT, 1999*).

Como se pode notar, o Imperador Cláudio destacou seu esforço em restabelecer a boa convivência entre os alexandrinos e judeus; observou sobre isso a convivência que já houvera entre os dois povos, assinalando a relação de tolerância dos alexandrinos quanto ao monoteísmo judaico e que essa ação deveria ser seguida novamente. Acerca dos judeus, Cláudio demonstrou que as suas agitações não seriam atitudes produtivas, já que, segundo Cláudio, os judeus desfrutavam de privilégios consideráveis em um território estrangeiro. Demonstrou ainda a impossibilidade de atender ao pedido dos judeus em estabelecer uma embaixada em território estrangeiro e exortou aqueles que navegavam sobre a Síria e Egito sob a alegação de fomentadores. Ainda segundo suas palavras:

Se, desistindo destes cursos, você concorda com a convivência mútua, paciência e bondade, eu do meu lado irei exercer uma solicitude há muito presente na cidade, como algo vinculado a nós por amizade tradicional. Ouvirei testemunhas do meu amigo Balbillus, da solicitude que este sempre mostrou para com você em minha presença e do zelo extremo com o qual já defendeu a sua causa, como também ocorreu a meu amigo Tiberius Claudius Archibius. Adeus (*Missiva de Cláudio aos Alexandrinos Apud GRANT, 1999*).

Por fim, Cláudio demonstrou preocupação em resolver os embates na região e destacou a tradicional aliança com os alexandrinos. Entretanto, a carta indica que as desavenças entre judeus e alexandrinos despertou a atenção do Imperador, porém a sua benevolência estava em sua ação de deixar que as soluções para o conflito fossem

resolvidas entre eles. Este fator revela, portanto, o posicionamento de Cláudio em relação às questões internas. De acordo com a correspondência, suas ações não demonstravam interferências nos conflitos internos nas Províncias. Destaca também a sua atitude em relação à tolerância com os costumes locais. Tal fator tornou-se evidente ao alertar os alexandrinos sobre a tolerância ao monoteísmo judaico e que os judeus deveriam considerar os limites legais, sobretudo, em um local estrangeiro. Esta preocupação demonstrou a não interferência em costumes locais por parte do Imperador, sendo essa uma característica específica em Cláudio, pelo menos, a partir da correspondência aos alexandrinos.

É importante ressaltar que a *Missiva* de Cláudio se refere a um contexto específico, nesse caso, em relação aos alexandrinos. De qualquer forma, esse documento é importante para percebermos parte da política exercida por Cláudio na resolução de conflitos internos. Sendo assim, o contexto da carta não se refere ao panorama da Judéia, mas nos serve de auxílio para compreendermos parte da política conciliatória do *Imperator* romano em contextos distintos.

Apesar de a política de Cláudio em não interferir em questões internas e de tolerância aos costumes da Judéia, algumas desavenças entre Agripa e Cláudio começaram a surgir, principalmente no que se referia à intenção do rei judeu em fortalecer as fortificações de Jerusalém no ano 44. Intento que foi vetado por Cláudio por meio da dissolução da conferência de governadores orientais aliados a Roma pelo Governador da Síria por ordens do Imperador. Após a morte de Agripa em 44, Cláudio colocou a administração da Judéia sob o controle direto de Roma, governada por um Procurador que estava submisso ao Governador da Síria. Nesse contexto, a Judéia passou para as mãos dos romanos e ficou subordinada à Província da Síria; o que era um “reino autônomo” passou, então, a ser uma Província subordinada a um governador estrangeiro (GOODMAN, 1994, p. 16).

Notadamente, é importante destacar a função de um Procurador, como propõe John Rogan (2011, p. 67-72); a mesma estaria ligada aos interesses do Imperador, ou seja, as suas ações estavam vinculadas aos destacamentos e interesses do *Imperator*. Isso não implica dizer que a região não seria governada por essa figura, mas que o Procurador iria cumprir funções específicas designadas pelo Imperador, entre as quais: cobranças de impostos, auxílio administrativo, recrutamentos, entre outras. Entretanto, as funções de um Governador ou de um Rei-cliente poderiam ser acompanhadas pelo

Procurador, evidentemente, dependeria da ação individual de cada Imperador. Todavia, a presença de um Procurador marcava uma acentuação do domínio romano sobre uma determinada região.

Diante desses fatos, a administração da Judéia estava sujeita ao poder direto romano, sendo que o princípio de “Reis-clientes” detinha cada vez mais a autonomia reduzida para questões internas. Nesse sentido, as peculiaridades locais ficavam ao cargo do Governador local, que, muitas vezes, não estava familiarizado com os costumes locais; fator que fortalecia o sentimento de insatisfação da população. Mesmo que o relacionamento do Imperador Cláudio tenha sido sem atritos em peculiaridades religiosas e culturais na Judéia, consideramos que este contexto abriu a possibilidade de tratamentos hostis, quanto às especificidades internas, já que o tratamento de Roma com as Províncias estava sujeito aos procedimentos pessoais dos Imperadores.

Esse fator fica evidente à medida que o relacionamento entre o Império e as Províncias, especificamente na Judéia, poderia variar conforme a política estabelecida pelo Imperador. Apesar de Cláudio demonstrar uma relação mais harmoniosa com a Judéia, esta situação estava sujeita às mudanças conforme a sucessão imperial ocorria. A Revolta Judaica ocorreu durante o Principado de Nero, em uma tentativa de os judeus separarem a Judéia da dominação romana, organizando, dessa forma, um território próprio sem estarem subordinados à dominação estrangeira (HORSLEY, 2009, p. 87-88).

As motivações políticas que levaram a essa situação foi a posição administrativa da Judéia em relação ao Império. Neste contexto, a Judéia estava sendo administrada a partir de um Procurador, submetido ao Governador da Síria; no momento em que a Revolta iniciou, o Procurador era Floro. Assim como entendemos, esta posição administrativa tornou-se mais propícia aos descontentamentos internos na região, pois a autonomia, anteriormente concedida em relação à autossuficiência cultural e religiosa, ficou submetida aos Procuradores e Governadores, os quais não tinham ligações culturais com as peculiaridades locais, tornando, dessa forma, os seus atos políticos distantes das condições locais. Nero, por exemplo, julgou em favor dos “não-judeus” da cidade de Cesaréia, que indicaram a construção de um templo e Augusto, rejeitando suas queixas, tornou a situação mais delicada. A partir deste fato, temos a iniciativa para a Revolta contra os romanos (GOODMAN, 1994, p. 17).

O que foi exposto até então visa compreender a composição política da Judéia como uma região autônoma e as posições administrativas romanas que impulsionaram a Revolta. É importante salientar que os judeus demonstraram aversão às dominações selêucida e romana; portanto, a autonomia concedida pelos romanos no reinado de Herodes Magno tornou o relacionamento entre ambos menos conflituoso, mas a alternância de Imperadores em Roma acarretou mudanças na relação entre judeus e romanos, que, desse modo, estavam sujeitos às determinações designadas pelo Imperador. O que na prática demonstrava que a autonomia judaica estava sob o controle romano em suas intervenções na política local.

Assim, a discussão anterior expôs a relação entre romanos e judeus quanto à política administrativa. Essa política poderia sofrer alterações de acordo com as determinações particulares de cada Imperador, ou seja, em termos administrativos, a região da Judéia sofria influências em sua administração local de acordo com as alternâncias imperiais em Roma; era autônoma quanto aos aspectos peculiares locais, por ora estava sofrendo consequências de determinações realizadas por Procuradores ligados a Roma. Portanto, não apenas as questões administrativas favoreceram a relação conflituosa entre romanos e judeus na Revolta Judaica, pois a própria estrutura econômica, social e cultural da Judéia também contribuiu para a eclosão do conflito.

Em termos econômicos, a Judéia mantinha uma estrutura voltada à economia rural, que era considerável na produção de cereais, madeiras, frutas, gados, azeitona, vinhedos, carneiros e cabras. Jerusalém, importante centro comercial da Judéia, dominava os arredores da economia. Torna-se importante lembrar que grande parte da criação de carneiros e cabras direcionava-se aos sacrifícios no Templo (GOODMAN, 1994, p. 61-62). Segundo Martin Goodman, em *A Classe dirigente da Judéia: As origens da Revolta Judaica contra Roma, 66-70 d. C.*, uma parcela significativa da tensão social da Judéia encontrava-se em seu modelo econômico, que, de acordo com Goodman (1994), estimulava a lacuna entre os mais ricos e os mais pobres, tornando-se um reflexo da violência que ocorreu na área rural da Judéia antes da Revolta (GOODMAN, 1994, p. 61).

Outro fator de destaque na economia judaica era a cidade de Jerusalém com o seu Templo, que atraía um número grande de peregrinos judeus e de visitantes não judeus de fora da Palestina. A cidade encontrava-se como um destino de peregrinação, atraindo um número grande de visitantes que movimentavam sua economia. Parte dessa

movimentação deveu-se a Herodes Magno e seus descendentes, ao despejar na cidade riquezas criadas em outras partes do reino (RICHARDSON, 1996 p. 179-191). Essa economia também possibilitava o trabalho de artesãos, que, em tempos de peregrinações, poderiam contar com um cenário favorável à sua atividade econômica (GOODMAN, 1994, p. 62-63). Porém, segundo Goodman (1994, p. 63), o panorama econômico da Judéia era prejudicado pelo fato de a economia da Província estar ligada ao contexto geral da economia romana. O seu argumento evidencia que a “*Pax romana*” possibilitou a capacidade de transportar com maior eficiência e com maiores distâncias uma grande variedade de produtos, sendo que os artesãos locais não tinham condições de competir com as oficinas italianas e gregas (GOODMAN, 1994, p. 63).

Esses argumentos reforçam o pensamento de que a economia local favorecia para que a desigualdade entre os mais ricos e os mais pobres aumentasse, tornando a região propensa a situações sociais degradantes. Reforça o quadro de que a economia da Judéia era prejudicada, em partes, pela presença e dominação romana e, além disso, estimulava o banditismo na área rural da Judéia, antes e durante a Revolta judaica. A proposição de Goodman (1994, p. 61-64), sobre a economia da Judéia precedente à Revolta, se mostra relevante em demonstrar o potencial econômico da Província e sua produção na área rural, além da importância da cidade de Jerusalém na integração da economia judaica.

Goodman (1994) é um referencial teórico de elevada consideração sobre os princípios e desdobramentos da Revolta Judaica. Entretanto, sua análise apresenta um caráter dualista entre judeus e romanos, ricos e pobres. O que evidencia uma característica opressora dos romanos na Judéia. Evidentemente que esses fatores eram recorrentes na dominação romana na Judéia, portanto, a análise da Província sob esse ponto de vista descarta as multiplicidades presentes no Império em relação às suas Províncias. Sobre essas multiplicidades, Richard Hingley (2010) faz uma análise relevante sobre a presença romana em diferentes regiões dominadas. O seu argumento está alicerçado nas relações contidas entre os romanos e os habitantes locais da Bretanha, destacando um processo de interação cultural e econômica. Evidências arqueológicas demonstram que o formato e estruturação de algumas propriedades da Bretanha carregam essa proximidade (HINGLEY, 2010, p. 49-50). Isto se torna evidente ao tratar sobre as *uilla*, propriedades rurais que apresentam características, quanto a sua construção, próximas as das romanas; com isso, é possível identificar a



presença romana na região e sua interação com os costumes locais (HINGLEY, 2010, p. 50-51).

A contribuição de Hingley (2010) está na ideia de observar o Império romano por meio de sua composição étnica e cultural diversificada, desconstruindo o conceito de “romanização” e sua percepção unilateral de “cima para baixo” dos romanos e dos povos dominados. O seu ponto de análise é a Bretanha romana e o seu processo de interação entre nativos e romanos, estendendo esse viés de possibilidades a outras Províncias. Sendo assim, as relações de poder entre os romanos e os povos dominados estavam sujeitas às determinações e períodos cronológicos específicos. O processo de interação estava suscetível à influências, não destacando apenas a dominação como opressora, mas em um processo de interação com os povos dominados. Apesar do paralelo de Hingley (2010) com a Bretanha, o seu argumento retrata uma situação que os romanos estavam sujeitos. Dessa forma, a argumentação de Goodman (1994) deve ser analisada de forma cautelosa, ao expor demasiadamente a opressão romana para com os judeus. Apesar de apresentar uma economia fragilizada, a atuação romana na Judéia poderia estar sujeita às interações com os judeus, inclusive na área econômica.

Sabemos, pois, que as características da economia das Províncias no Império passavam pela significância da zona rural na produção e abastecimento de suas demandas. A produção rural no Império romano era complexa e elaborada, dependendo de arranjos políticos e jurídicos, além de incentivos para proprietários de terras pelas suas produções. Apesar do panorama da Judéia precedente à Revolta, é possível observar que existiam possibilidades de “flexibilização” econômica na produção romana, não caracterizando apenas o princípio de exploração do dominador frente ao dominado. A esse fator ocorreram posições jurídicas que possibilitavam que as terras produtivas pudessem continuar a ter o seu reconhecimento do Império, pois tais terras seriam consideradas elemento fundamental dentro da cadeia produtiva romana. A essas posições destacam-se, por exemplo, a lei do inquilinato e a lei do arrendamento (KEHOE, 2007, p. 118-130).

Em nosso entendimento, o debate sobre a economia na Judéia torna-se imprescindível, à medida que a economia rural judaica teria sido prejudicada pelos problemas do banditismo rural que permeavam a Judéia no século I e pela integração econômica da Judéia com o Mediterrâneo, que não conseguia concorrer, em termos econômicos, com as outras regiões do Império, como Grécia, Península Itálica e Norte

da África. Esses fatores contribuíram para que a economia da Judéia se tornasse menos produtiva, como salientou Goodman (1994, p. 61-63), o que impedia os ajustes e “flexibilizações” jurídicas em sua produção, já que esses benefícios eram concedidos a terras e propriedades produtivas (KEHOE, 2007, p. 123-129).

O assunto sobre a tributação também foi um importante fator para compreender a questão econômica, não apenas na Judéia, mas no Império de uma maneira geral. O grande desafio da administração imperial seria conduzir a política de cobrança e recolhimento de impostos de forma eficaz. Essa conjuntura tornava a política de tributação desorganizada e variável, pois as taxas de impostos estavam sujeitas a variações entre as diferentes Províncias (MATTINGLY, 2011, p. 130). A natureza variada de arranjos provinciais, muitas vezes com base em estruturas pré-existentes, e o acréscimo de ações adicionais ao longo do tempo, cumulativamente, representavam um fardo para muitas comunidades, agravado pelo fato de que alguns grupos e comunidades obtiveram um tratamento mais favorável (MATTINGLY, 2011, p. 130).

As possíveis variações decorrentes da política tributária não ficavam apenas restritas às diferentes composições das Províncias do Império, porém, estavam sujeitas, também, às alternâncias dos Imperadores. As variações tributárias poderiam estar ligadas à capacidade administrativa do Imperador, podendo ser alterada na sucessão imperial e trazer consequências positivas ou negativas, fator que variava de acordo com a política vigente do Imperador (MATTINGLY, 2011, p. 134). Em termos numéricos, a arrecadação seria para suprir as despesas militares, cerca de 85 % do recolhimento tinha esse destino. Portanto, mesmo com um gasto elevado na área militar, já como um destino recorrente da arrecadação, era possível observar alguns Imperadores utilizando recursos imperiais em extravagâncias pessoais, a exemplo do Imperador Calígula, quando utilizou 10 milhões de sestércios, provenientes de arrecadações tributárias, em um banquete. A arrecadação e a administração desses recursos se sujeitavam às variações de acordo com as sucessões de Imperadores (MATTINGLY, 2011, p. 134). A tributação pode ser considerada um fator relevante para o desdobramento da Revolta na Judéia. Os impostos tendiam a ser elevados àqueles com maiores dificuldades econômicas, com o agravante do banditismo que dificultava o cotidiano no campo (GOODMAN, 1994, p. 70).

O aspecto econômico demonstrou que poderia sofrer alterações, tanto no campo tributário, administrativo quanto no produtivo, porém esses fatores eram recorrentes não

apenas em uma Província específica, mas em toda extensão territorial romana. Na ocasião, a Judéia, por exemplo, já demonstrava as suas fragilidades no campo econômico e político-administrativo. Evidentemente que esses fatores contribuíram para que a insatisfação da dominação romana aumentasse entre os judeus, tornando o sentimento de emancipação cada vez mais presente na Judéia.

Apesar da situação político-administrativa e econômica, o contexto mais significativo, que precedeu a Revolta de forma vívida, foi o social. Esse panorama indicou uma sociedade ligada às suas tradições e preceitos religiosos, no entanto, em contato direto com outros povos dentro de seu território, o que abria precedentes a hostilidades e tensões. Assim, não apenas o contato com outras etnias e culturas causavam agitações e motins, a própria composição social, que no século I encontrava-se dividida em distintas facções, gerava motivações discrepantes.

Os grupos de judeus que se beneficiavam com a dominação romana também eram motivos de desavenças internas, já que eram geralmente vistos como aqueles que concordavam com a subordinação do povo judeu. Dessa forma, é importante destacar o papel do grupo sacerdotal na Judéia como um segmento que detinha influência sobre a sociedade, além da divisão ideológica entre fariseus, saduceus e essênios. Nenhuma dessas três correntes, nem mesmo a dos essênios, se apresentavam como marginal no cotidiano judaico (HADAS-LABEL, 1991, p. 37). A corrente dos fariseus era a mais numerosa, que detinha maior influência sobre o povo. “A competência exegética dos fariseus lhes conferia uma autoridade reconhecida em matéria de *HALAKHA*, isto é, em tudo o que diz respeito a maneira de cumprir os mandamentos divinos prescritos na Torá” (HADAS-LABEL, 1991, p. 38). O reconhecimento dos fariseus advinha de suas proposições sobre o cumprimento dos mandamentos religiosos, fator que lhes rendiam um elevado prestígio social. Todavia, a maior distinção entre eles e as outras seitas estava na percepção quanto ao princípio da liberdade, incluindo-se aqui as questões religiosas.

Os fariseus afirmavam então que o homem é livre em suas decisões, o que, naturalmente, não questionava, em absoluto, o princípio fundamental da onisciência divina. Eles conciliavam livre arbítrio e providência. Tudo é previsto, mas a escolha é dada (HADAS-LABEL, 1991, p. 38).

Os saduceus não desfrutavam do mesmo prestígio social que os fariseus. O aspecto que explica essa situação era o rigor com que tratavam as leis e tradições judaicas.

O que Josefo parece sobretudo censurar-lhes é seu comportamento social, ditado provavelmente por seus preconceitos de casta, atitude que por si só basta para explicar o seu pouco prestígio. A severidade dos saduceus se manifestava também no plano da justiça, diz Josefo; com certeza, aplicavam a lei bíblica com todo o seu rigor (HADAS-LABEL, 1991, p. 41).

A seita dos essênios era a que mais se diferenciava dos fariseus e saduceus, já que suas divergências não estavam restritas, apenas, ao campo ideológico, mas se diferenciavam pela maneira em que direcionavam os seus comportamentos. Os essênios compartilhavam uma comunidade homogênea e solidária, com regras de iniciação e exclusão. Das três seitas judaicas, a dos essênios era a que melhor compreendia a noção de seita.

Quem quer que desejasse entrar na seita estava, na verdade, diz-nos ele, sujeito a três anos de postulado. No primeiro ano, esforçava-se por imitar o tipo de vida dos essênios, dos quais adotava a vestimenta branca, bem como a tanga de linho para os banhos rituais. Ao final desse período, seguia mais de perto a sua regra e tinha direito a águas mais puras para as abluções, mas ainda lhe eram necessários dois anos de prova para ser aceito na comunidade. Os essênios manifestavam uma preocupação de pureza corporal que é a expressão de sua aspiração a pureza moral, igualmente refletida pela brancura dos trajes (HADAS-LABEL, 1991, p. 42,44).

Outro fator que evidenciou as diferenças entre as referidas seitas foi a conotação política em que estavam sujeitas. Evidentemente que as distinções ideológicas contribuíram para o afastamento entre os seus seguidores, porém, a relação que estabeleceram com a sociedade judaica em diferentes períodos históricos também foi determinante para as suas distinções. Nesse sentido, a seita dos essênios se distanciava das práticas dos fariseus e saduceus, não chegando a exercer grande influência política sobre os judeus (HADAS-LABEL, 1991, p. 44).

Acerca dos saduceus, Hadas-Label (1991, p. 42) destacou sobre a forma rigorosa que seguiam as leis judaicas, rejeitando muitas influências estrangeiras no cotidiano judaico. Relacionado a esse fator, podemos citar a Revolta dos Macabeus, em que um

grupo sacerdotal buscou a emancipação dos judeus diante do Império Selêucida, principalmente no que diz respeito às influências gregas na rotina judaica (*e.g.* intervenções de Antíoco V no sumo sacerdócio dos judeus, imposições de costumes alimentares, de orgias e relações sexuais, próximas ao templo de Jerusalém, construção de santuários e altares para divindades, sacrifícios de porcos pelas cidades da Judéia e estátuas em homenagem a Zeus e Dionísio) (Cf. MILLAR, 2006, p. 85-88). Assim, os Macabeus reagiram às influências gregas, uma vez que eram oriundos dos preceitos saduceus, circunstância que explica a rejeição às possíveis influências estrangeiras no meio judaico. Tal fato tornou-se importante, à medida que os saduceus tiveram uma influência política junto aos judeus, pois o desfecho da Revolta dos Macabeus resultou em um período de autonomia política, sendo a doutrina deles influente nesse processo de emancipação e instauração da dinastia Hasmoneia.

Em relação aos fariseus, podemos perceber o acirramento contra os saduceus a partir da ascensão de Herodes Magno, pois se tornou rei com o apoio romano e com a destituição dos Hasmoneus. Sendo assim, a corrente farisaica foi privilegiada, já que o novo rei da Judéia se estabeleceu decorrente de um apoio estrangeiro, em que a interação dos judeus com os outros povos estava sujeita a se intensificar. Fator este que poderia contrariar o rigor saduceu, além do fato de Herodes ter possuído o apoio dos fariseus (RICHARDSON, 1996, p. 54-62). Dessa forma, podemos inferir que as distinções entre fariseus e saduceus estavam muito além da própria ideologia, mas ambas obtiveram períodos de influência política entre os judeus. De qualquer forma, os períodos citados acerca da Revolta dos Macabeus e da ascensão de Herodes Magno serviram para nos reportar às diferenças entre as duas seitas, além da influência que poderiam exercer sobre a sociedade judaica.<sup>11</sup>

Entretanto, essas foram as três seitas que estiveram presentes no contexto precedente da Revolta judaica e que também influenciaram o cotidiano, a vida religiosa e a política dos judeus. Portanto, o que levou aos conflitos sociais na Judéia contribuiu para que as diferenças entre essas seitas ficassem ainda mais evidentes. As insatisfações

---

<sup>11</sup> Esse ambiente retratou as diferenças existentes entre os judeus quanto as questões religiosas. Nesse contexto de distinções, pode-se considerar o grupo dos zelotes como uma quarta “seita” na Judéia (HADAS-LABEL, 1991, p. 44). Eram judeus que mantinham posturas averssas contra a dominação romana e defendiam a restauração do reino independente de Israel. A postura dos zelotes foi fundamental para o fortalecimento do movimento rebelde na Judéia, já que defendiam a guerra contra os romanos para o estabelecimento da autonomia política judaica. Pode considerá-los um grupo com características políticas, pois eram motivados para a instauração da autonomia dos judeus, unindo fariseus e saduceus que compartilhavam o mesmo ideal político (HADAS-LABEL, 1991).

na Judéia eram recorrentes ainda no início do Século I, devido à dominação estrangeira que, inicialmente, ocorreu de forma autônoma por meio dos herodianos. Isto não deixou de causar desavenças dentro da sociedade judaica; a prática de Herodes Magno de indicar, por exemplo, o sumo sacerdote do Templo causou, muitas vezes, discórdias, principalmente entre as seitas divergentes (RICHARDSON, 1996, p. 252-259). Outro fator importante foi o meio sacerdotal, que demonstrava sinais de desgaste ao sofrer interferências sobre as indicações dos sacerdotes. Prática que iniciou com Herodes Magno e prosseguiu com os romanos. “O meio sacerdotal, cada vez mais corrompido, demonstrava um distanciamento cada vez mais recorrente do cotidiano judaico (HADAS-LABEL, 1991, p. 32).<sup>12</sup>

Desse modo, compreendemos a relevância do contexto da tradição na constituição de grupos na sociedade judaica. Entendemos que o apego às tradições demonstra uma questão de consciência, seja ela coletiva ou individual, caracterizando o princípio de identidade (ASSMANN, 2005, p. 121-124). Dessa forma, a proximidade de grupos sociais distintos com os costumes e crenças dependiam da forma como eles se relacionavam e comunicavam com as suas referidas tradições. “Os ritos são canais, as veias que fluem o sentido identitário, a infraestrutura do sistema identitário. A identidade social é uma questão de comunicação superior” (ASSMANN, 2005, p. 133). Sendo assim, a tradição se refere à maneira como o grupo se comunica com as suas ações passadas, traduzindo na constituição de sua identidade. Dessa maneira, podemos observar a forma como as seitas dos fariseus, saduceus e essênios compreendiam a sua identidade, sendo que, de maneira geral, eram judeus e compartilhavam de um passado comum. Entretanto, cada grupo tinha a sua peculiaridade em tratar e traduzir os costumes para o seu cotidiano, sendo que essas peculiaridades compreendiam a identidade de cada grupo, demonstrando que a tradição estava relacionada à maneira com que esses grupos se comunicavam com ela.

Não apenas as questões religiosas contribuíram para que as insatisfações se intensificassem de forma mais contundente e contínua. Como já foi exposto, a questão político-administrativa, decorrente da dominação romana, foi sendo cada vez mais intervencionista pelos romanos, após a morte de Herodes Magno. A situação econômica se demonstrava fragilizada e sujeita às ações que se divergiam por meio das sucessões de Imperadores. A tradição religiosa na Judéia também demonstrava as suas fragilidades

---

<sup>12</sup> Acerca do meio sacerdotal judaico e suas premissas serão abordados no capítulo 2.

ao se encontrar em divisões ideológicas e estar subordinada às ações administrativas dos romanos.

O fator social acompanhou esse ambiente e também já demonstrava as suas fragilidades. O que mais mobilizou os setores sociais que se encontravam em uma realidade delicada, devido à política autônoma fragilizada, economia debilitada e o sacerdócio subordinado às ações políticas. Foi o surgimento de facções com ideologias e ações mais radicais que, muitas vezes, se confundiu com o banditismo cotidiano nas áreas rurais da Judéia (GOODMAN, 1994, p. 70). Desta forma, a sociedade judaica estava inserida em um contexto que envolvia proposições mais extremistas, as quais começaram a soar como uma alternativa às insatisfações recorrentes no cotidiano. Essas ações não ficaram restritas às questões populares, mas começavam a seduzir os setores elevados da sociedade judaica, como proprietários de terras, comerciantes e até mesmo o meio sacerdotal.

Esse foi o contexto da Judéia, que começava a agitar internamente, gerando, cada vez mais, a sensação de insatisfação e de descontrole social. Tal panorama impulsionou a disputa interna pelo poder, demonstrando que os setores mais influentes da sociedade judaica chegavam a manipular essas facções em benefícios próprios (GOODMAN, 1994, p. 144). Sendo assim, os precedentes para a eclosão da Revolta judaica envolveram uma série de questões, sendo estas de origem social, política, administrativa, econômica e religiosa. Marcadas por um contexto histórico que não se restringiu apenas aos efeitos da dominação romana, mas se amplificou em problemas internos, de ordem econômica e social.

Assim, empreendemos a relevância da Revolta Judaica para os romanos e também para os judeus, bem como o seu contexto precedente e posterior. Entretanto, o debate precisa ser aprofundado em uma figura que vivenciou as situações enunciadas acima, cuja experiência nos permitiu obter as informações não apenas da Guerra, mas do próprio contexto judaico e romano, antes, durante e a após a Revolta. Dessa forma, compreender o contexto vivenciado por Flávio Josefo será fundamental para entender as circunstâncias de elaboração de suas obras, assim como a sua vida anterior à Revolta, ligada aos preceitos judaicos que favoreceram a sua inserção nesse contexto.

## II- NERO: CRISE E REVOLTAS (61-68)

No ano de 66, eclodiu na Judéia a Revolta contra a dominação romana. Foi um levante que se estendeu até o ano 70, quando a cidade de Jerusalém foi destruída pela liderança do general Tito. Entre o início e o fim da Revolta, muitos fatos se sucederam em relação às sociedades judaica e romana, entre eles podemos inferir: a sucessão dinástica Júlio-Claudia e os Flávios, a crise política interna no Império romano, após a morte voluntária de Nero, a destruição de Jerusalém pelos romanos durante a contenção da revolta e a destruição do Templo de Jerusalém, que era, como sabemos, um importante ícone para a sociedade judaica.

Desse modo, Flávio Josefo, o protagonista de nossa dissertação, vivenciou esse período de insurreição contra os romanos. Primeiramente na condição de comandante das tropas rebeldes e, a *posteriori*, como cativo capturado pela tropa do general Vespasiano em Jotapata. Na verdade, Flávio Josefo se entregou durante o cerco romano e ficou à disposição de Vespasiano. Observemos o seu discurso:

quando terminou o assédio em Jotapata, fiquei sob o poder dos romanos, que me mantiveram cativo e fui tratado com classe e atenção, pois Vespasiano me demonstrava sua estima de muitas maneiras (Flávio Josefo. *Vita* 75, 414).

Flávio Josefo passou a ser, então, protegido por Vespasiano e, tempos mais tarde, tornou-se cliente de Vespasiano e Tito. Contudo, devemos destacar que na transição entre as referidas dinastias tivemos a Revolta Judaica; dessa forma, consideramos que tal conflito tornou-se contributo para a ascensão dos Flávios em Roma, bem como para promoção de Flávio Josefo.

No ano 65, o Principado de Nero se encontrava em um contexto político fragilizado, já que ocorriam algumas insurreições nos diversos setores do *Imperium Romanus*. Em Roma, o cenário interno de conflitos se fundamentava, sobretudo, no processo de perseguições políticas, que representava, de certa maneira, ameaça ao seu governo. Temia ser substituído em função das insatisfações de setores sociais, em especial, o Senado (WIEDEMANN, 2008, p. 252). Desse modo, alguns nomes vinculados à dinastia Júlio-Claudia tornaram-se ameaças a Nero: *M. Junius Silanus*, morto em 54, *Rubellius Plautus*, assassinado em 62, *Silanus Decimus*, executado em 64



e seu sobrinho *Lucius*, eliminado em 65. Logo, a perseguição a essas pessoas implicou a supressão de possíveis herdeiros legítimos que poderiam, de fato, suceder ao *Imperator*. Caracterizava uma tendência de apoio político proveniente de membros do Senado, fator que gerava uma possível ameaça ao Principado de Nero. A eliminação desses indivíduos marcou a permanência do *Princeps*, porém o relacionamento com os Senadores se deteriorava (LAVAN, 2013, p. 69).

Partindo dessas premissas, Miriam T. Griffin (2001, p. 193) observa que as possíveis conspirações contra Nero fundamentavam-se, sobretudo, na ausência de um princípio hereditário reconhecido em Roma, gerando, deste modo, constantes ameaças ao *Imperator*. Assim, essa seria uma das premissas para a eliminação de possíveis herdeiros ligados à dinastia Júlio-Claudia. Situação que poderia justificar a ação de eliminar os possíveis herdeiros ao trono imperial. De qualquer forma, a atitude de perseguir os opositores já indicava uma relação política fragilizada, fomentando outras conspirações à *potestas* neroniana. Por exemplo, em 65, temos a conspiração de *Culpúrnio Pisão*<sup>13</sup> que acirrou, segundo a argumentação de Wiedemann (2008, p. 254), ainda mais os conflitos políticos (WIEDEMANN, 2008, p. 254). Isso não implica argumentar que a conspiração teve o total apoio do Senado contra Nero, mas nos remete a observar que os descontentamentos partiram de uma instituição de relevante poder político em Roma.

O que nos leva a crer que essa conspiração vinculava-se à questão da hereditariedade, com isso, aristocratas questionavam a legitimidade do poder Imperial, já que a sucessão do poder não se caracterizava de forma efetiva e regular (GRIFFIN, 2001, p. 193). Dessa forma, destacava à distinção de seus nomes em relação ao *Princeps* e sua família, demonstrando que, assim como o *Imperator*, detinham prestígios semelhantes (LAVAN, 2013, p. 69). Homens como *Culpúrnio Pisão* eram vistos como um potencial *Imperator* romano, seja por parte do Senado ou até mesmo por Nero, pois, assim como entendemos, as relações políticas articulavam-se ao redor de Nero (LAVAN, 2013, p. 69). De todo modo, Imperadores protegiam-se de possíveis rivalidades, não teria sido uma ação exclusiva de Nero, pois preocupavam-se com as

---

<sup>13</sup> Culpúrnio Pisão foi um importante Senador durante o principado de Nero. Detentor de grande influência no Senado romano, conseguindo instigar boa parte dos senadores contra o Imperador romano. O incêndio de Roma e a perseguição aos cristãos tonaram o ambiente social da cidade de Roma conturbado, fator que favoreceu a tentativa de assassinar, sob a liderança de Culpúrnio Pisão, o Imperador Nero. Este episódio ficou conhecido como a Revolta de Culpúrnio Pisão, que ocorreu no ano de 65 e resultou na morte voluntária do Senador (Cf. WIEDEMANN, 2008)

oposições e conspirações. Em relação à dinastia Júlio-Claudia, Augusto e Tibério, aparentemente, foram os únicos que não sofreram mortes decorrentes de uma conspiração (LAVAN, 2013, p. 68). Assim, a principal ameaça ao Principado de Nero seria com aqueles que poderiam assumir o seu lugar, seja pela presença da hereditariedade ou pela ausência da mesma, uma vez que isto poderia instigar membros da aristocracia e do Senado às conspirações (LAVAN, 2013 p. 68).

Observamos que a questão da hereditariedade foi relacionada pela exclusão dos possíveis herdeiros do poder imperial romano por Nero, visando eliminar possíveis ameaças ao seu Principado (WIEDEMANN, 2008, p. 252). Entretanto, serviu como um questionamento para o acesso à posição de Imperador, já que a sucessão não ocorria de forma regular, demonstrando, dessa forma, que a distinção e o prestígio social da família poderiam também dar acesso ao poder Imperial romano (LAVAN, 2013, p. 69). Se a eliminação dos possíveis descendentes do poder Imperial romano objetivava enfraquecer oposições e riscos de destituição de seu poder, por outro lado, essa atitude fomentava a sua impopularidade perante o Senado e fortalecia sentimentos de conspiração contra o seu Principado; sentimentos estes que partiam, sobretudo, do Senado.

Desse modo, o desfecho da conspiração de *Culpúrnio Pisão* deu-se à condenação de sua morte voluntária, estendendo-se também a Sêneca (GOODMAN, 2003, p. 56). Como sabemos, a conspiração envolveu membros da guarda pretoriana, tais como *Faenius Rufus* e o cônsul *Plautius Lateranus* (WIEDEMANN, 2008, p. 252). O efeito da conspiração para Nero representou a eliminação de um número extraordinário de suspeitos; entretanto, o relacionamento com a *aula* romana tornou-se, cada vez mais, vulnerável, em especial, àqueles que não estavam ligados ao *Imperator* (WIEDEMANN, 2008, p. 252).

As execuções continuaram, à medida que, em 66, *Ostorius Scapula*, filho do Governador da Bretanha, havia consultado astrólogos sobre a duração e permanência do poder de Nero e suas chances de sobreviver à crise política instaurada. Sob o mesmo pretexto, *P. Antei*us foi acusado de crime contra a lesa majestade, sendo ambos condenados à morte voluntária (Cf. GRISÉ, 1982; OMENA & SILVA, 2013). Os irmãos de Sêneca também foram incluídos nas baixas após a conspiração de 65 (WIEDEMANN, 2008, p. 253). Pouco tempo depois da conspiração de *Culpúrnio Pisão*, em 66, Nero sofreu uma nova tentativa de conspiração, atribuída a *Annius*

*Vinicianus*, que fora igualmente reprimida (GOODMAN, 2003, p. 56; LEVICK, 1999, p. 24-25).

Esse contexto demonstrou o panorama político do Imperador, em especial, seu relacionamento com o Senado, à medida que foi composto por diversas relações e intenções políticas, as quais confrontavam diretamente com o poder político de Nero. Dessa forma, Myles Lavan (2013, p. 65) destaca que, para compreender as estruturas de poder à época de Nero, é necessário entender a relação do poder político imperial com as “elites” (Cf. LAVAN, 2013) da cidade de Roma, que se constituíam de variadas formas, abrangendo, de fato, interesses distintos e complexos. Notadamente, o autor observa a importância para a manutenção de uma boa relação entre o Senado e o Imperador, já que interesses mútuos poderiam convergir, facilitando as ações de ambos os lados. Dessa forma, o apoio do Imperador era um fator crucial para a obtenção de poder, honra e riquezas, que possibilitava, em nossa percepção, o acesso privilegiado de aristocratas às riquezas provenientes das Províncias e até mesmo de Roma. Qualquer que seja a rivalidade entre o Imperador e o Senado como um todo, foi racional, para interesses individuais de Senadores, buscar o favor e apoio imperial (LAVAN, 2013, p. 68). Os interesses se materializavam de formas distintas, podendo estreitar ou afastar as relações políticas entre o poder imperial e o Senado romano.

Observamos que essas relações entre o Imperador e o Senado se caracterizavam por múltiplas complexidades, sejam em interesses políticos e econômicos distintos ou até mesmo nas relações entre o poder de ambos. De qualquer forma, ao final do Principado de Nero essas relações tornaram-se mais conturbadas em função das perseguições impostas pelo *Imperator*, inclusive a membros de sua família (WIEDEMANN. 2008, p. 252), e das distinções com alguns membros do Senado, resultando na conspiração de *Culpúrnio Pisão* (GOODMAN. 2003, p. 56; WIEDEMANN. 2008, p. 252).<sup>14</sup> Entretanto, as revoltas nas províncias marcaram profundamente o final de seu governo, abrindo possibilidades para que pensassem em sua derrocada e, com isso, em um novo *Imperator*. Abria-se um espaço de disputas

---

<sup>14</sup> As relações entre o Imperador Nero e o Senado apresentavam um desgaste, impulsionando uma crise política interna no final do Principado de Nero, além da eclosão de Revoltas em Províncias como Judéia, Bretanha e Gália. Acerca desse período, Luciane Munhoz de Omena e Pedro Paulo Funari (2012), no artigo *Memória e esquecimento: narrativa sobre imperador romano e Senado*, apresentam importantes enunciações sobre a relação do Imperador Nero com o Senado romano por meio das variedades discursivas nos testemunhos de Sêneca e Tácito.

políticas, em uma circunstância complexa, que abrigava inúmeras possibilidades de alianças, conspirações e rivalidades.

A Revolta na Bretanha, em 61, apontou um panorama delicado na relação dos romanos com os habitantes locais, à medida que o levante iniciado por Boadiceia ameaçou o domínio romano na região (LAVAN, 2013, p. 72). A revolta esteve associada às preocupações com a política fiscal, somando elevados níveis de tributação e, até mesmo, confisco de bens locais (WIEDEMANN, 2008, p. 248). Outro fator significativo foi o relacionamento de Roma com os partos, em relação às questões territoriais na Armênia. Em 55, início do seu Principado, o entrave resultou em conflitos militares, sendo designado o general Córbulos para manter a hegemonia romana na região. Em 62, Córbulos manteve a designação imperial romana na região, demonstrando, com isso, habilidade política e militar em tratar com os partos acerca de interesses mútuos, beneficiando as partes envolvidas. Os efeitos desses eventos foram os seguintes: a aproximação das Províncias orientais por meio da adoção da legião do Danúbio para o Oriente; a negociação de Córbulos, em um acordo pelo qual a Armênia passava a ser governada por Tiridates, porém com o direito de Roma tratar a Armênia como parte de seu Império; a transferência de Córbulos para o governo da Síria e o estabelecimento da pacificação entre romanos e partos, como parte de uma política estabelecida por Nero. Ainda que estas operações militares trouxessem paz, a longo prazo, à fronteira oriental e glória a Nero, não resultaram em uma pacificação interna com os opositores do Imperador, pelo contrário, tais ações agravaram ainda mais a sua situação política interna (WIEDEMANN, 2008, p. 248).

Como desfecho desse contexto com os partos, Tiridates foi convidado para ir a Roma e, assim, ser coroado pelo próprio Imperador. Segundo Wiedemann (2008, p. 253), essa seria uma das formas de Nero tentar restabelecer o seu prestígio por meio de conquistas militares e políticas, sendo que, estabelecida a paz com os partos, o Imperador resolveria um conflito que perdurava desde o início de seu Principado e, igualmente, obteria cooperações militares junto aos partos. Evento que ocorreu pouco tempo após Nero eliminar boa parte daqueles que detinham possibilidades de assumir o seu lugar (LAVAN, 2013, p. 69) e logo depois das conspirações de *Culpúrnio Pisão* em 65 e de *Annius Vinicianus* em 66 (GOODMAN, 2003, p. 56; LEVICK, 1999, p. 24,25).

Apesar da preocupação em apresentar as suas ações por meio da resolução de conflitos militares, foram os seus atos fiscais que tornaram as demais revoltas ainda

mais intensas. De acordo com Wiedemann (2008, p. 251), os custos da reconstrução de Roma debilitaram as finanças romanas, suspendendo a distribuição gratuita de grãos para a população das cidades e, até mesmo, a suspensão de pagamentos a algumas tropas militares. Buscando solucionar essa questão, Nero confiscou produções agrícolas no norte da África, chegando a executar seis grandes proprietários da região, e apropriou-se de metais preciosos, resultando em hostilidade com províncias do leste e oeste, sendo a Judéia o local onde se desencadearia o conflito mais duradouro (WIEDEMANN. 2008, p. 251). Wiedemann (2008, p. 251-252) ainda salienta sobre o aumento quantitativo de metais preciosos nas cunhagens de moedas, sendo um agravante acerca de confiscos nas Províncias. Nesse contexto, eclodiu a Revolta dos judeus contra o domínio romano, devido à apreensão do ouro do Templo de Jerusalém, expedido pela política de embargos de Nero (WIEDEMANN, 2008 p. 251; LAVAN, 2013 p. 72-73). Ocorreu ainda uma Revolta na Gália que se iniciou no último ano do período neroniano, estendendo-se até o ano de 70 (LAVAN, 2013 p.73). Esses levantes contribuíram para que o Principado de Nero chegasse ao fim, despontando para uma crise política interna após a morte voluntária do Imperador. Entretanto, a solução desses conflitos nas províncias da Bretanha, Judéia e Gália poderia legitimar o novo *Imperator*.

Assim, inferimos que a incursão militar vitoriosa de Vespasiano na Judéia, por meio da contenção da Revolta Judaica, propiciou a sua ascensão como o novo Imperador romano e propiciou a pacificação em Roma, uma vez que o general solucionou um conflito provincial, legitimando-o, desse modo, a assumir o poder central em Roma, após eliminar os seus opositores. De qualquer modo, a ascensão de Vespasiano em Roma se vinculou ao seu comando na Judéia rebelde e também à forma como o executou. Assim, é importante compreendermos como ocorreu o confronto entre romanos e judeus na Revolta judaica e a ligação desse conflito com a ascensão de Vespasiano, após a morte de Nero.

### **III – A REVOLTA JUDAICA**

O final do Principado de Nero caracterizou-se pelos conflitos políticos em Roma e pelas Revoltas na Judéia e Gália. A Revolta judaica configurou-se pelas insatisfações contra os romanos, em especial, pelo confisco do ouro no Templo de Jerusalém por

Roma, desencadeando, desse modo, um levante popular que resultou em uma guerra regular entre judeus e romanos (WIEDEMANN, 2008, p. 251). Martim Goodman (1994, p. 17) atenta para o contexto de conflitos entre judeus e romanos durante o Principado de Nero, apresentando um evento anterior à própria Revolta, à medida que o Imperador, no ano 60, julgava questões locais em favor dos não judeus presentes na Judéia, contribuindo, dessa forma, para o descontentamento na região. Observa ainda que, no ano 66, um grupo de jovens não judeus sacrificou um galo em frente a uma sinagoga judaica, resultando em tumulto. Segundo a argumentação de Goodman (1994), tensões de caráter social já eram recorrentes na região; entretanto, a situação se agravava por meio das decisões dos romanos, como ocorreu com o sacrifício do galo. Posturas como esta contribuía com o agravamento das tensões, podendo gerar distúrbios mais complexos. Assim, o início da Revolta, de acordo com a hipótese de Goodman (1994, p. 17), ocorreu em função da atitude de Nero em confiscar parte do tesouro do Templo de Jerusalém; sendo este procedimento, portanto, considerado uma hostilidade contra os judeus. Então, neste momento de divergências entre judeus e o poder central de Roma, sacerdotes resolvem suspender os sacrifícios diários que faziam em honra ao *Imperator*. Tais comportamentos foram considerados uma afronta aos romanos (GOODMAN, 1994, p. 158).

Desmond Seward (2009, p. 42-43) salienta ainda que o governo do Procurador Floro na Judéia e os seus destacamentos fomentaram e impulsionaram os descontentamentos dos judeus. O episódio referente ao pedido dos judeus em tomar o controle sobre a cidade de Cesaréia foi negado pelo Procurador, em favorecimento aos gregos. O episódio retratou um grande desafeto dos judeus, à medida que a presença de outros povos, em especial gregos, provocava diversos conflitos locais. Ainda sobre a relação entre judeus e gregos em Cesaréia, Desmond Seward (2009, p. 43) salienta sobre as permissões de Floro aos gregos acerca da posse de comércios, uma vez que os mesmos prejudicavam o acesso dos judeus à sinagoga. Sendo, desse modo, inevitável a expulsão dos judeus da cidade. Além da queixa não atendida do grupo de sacerdotes, que se incomodaram com o sacrifício realizado pelos gregos próximos à sinagoga, resultando na prisão dos reclamantes (SEWARD, 2009, p. 43), pode-se afirmar que as medidas administrativas não favoreciam a causa judaica, geralmente provocavam motins e descontentamentos.

Desse modo, Goodman (1994, p. 17) destaca que o princípio da Revolta ocorreu em decorrência de tensões intercomunitárias entre judeus e gregos na cidade de Cesaréia. Nesse ambiente, a Judéia estava subordinada à administração romana, também subordinado à província da Síria. Sobre esse cenário, o autor destaca as consequências da administração local, aliadas às determinações do poder romano em confiscar o ouro do Templo, que impulsionaram, deste modo, o conflito entre judeus e gregos. Os fatos descritos não puderam ser controlados pela administração, que, para conter tal situação, designou as tropas de *Céstio Gallus*, Governador da Síria, a marcharem para Jerusalém a fim de controlar a região. Em relação à expectativa judaica sobre a invasão de *Gallus*, Josefo apontou:

Estávamos muito exaltados em ver o povo se mobilizando em armas, por demais, nós não sabíamos o que fazer e éramos incapazes de controlar os rebeldes. Diante de um perigo tão evidente, falávamos a eles que estávamos de acordo com os seus planos, porém, aconselhávamos que mantivessem a calma e deixassem que o inimigo atacasse, a fim de reconhecerem que pegamos em armas para nos defender em legítima defesa. Atuávamos dessa maneira esperando que Céstio chegasse pronto com um grande exército e colocasse fim na insurreição (Flávio Josefo. *Vita*, V: 22-23).

Podemos perceber como parte dos rebeldes da Judéia se comportava na iminência da Revolta. Josefo, por exemplo, apontou sobre a incapacidade de controlar os rebeldes; conforme o seu entendimento, a única maneira de conter os ânimos entre eles foi à atitude de esperar a ofensiva de *Gallus* para que pudessem obter argumentos referentes a uma legítima defesa do ataque romano. Dessa forma, Josefo expôs o ambiente que se demonstrava exaltado ao ponto de os próprios rebeldes iniciarem uma campanha contra os romanos, situação que foi revertida por meio de suas insistências, segundo Josefo, em esperarem o ataque romano. De qualquer forma, esse excerto nos permite verificar o ambiente da Judéia rebelde antes da ofensiva de *Gallus*, à medida que os desejos autônomos se mostravam cada vez mais recorrentes entre os judeus e uma conciliação com os romanos parecia não fazer parte dos planos rebeldes da Judéia. A ofensiva de *Gallus* resultou na derrota dos romanos. Sobre essa ofensiva, Flávio Josefo destaca:

Ele veio na verdade envolvido na batalha, mas foi derrotado quando muitos de seus homens caíram. Este passo em falso de Céstius se tornou uma desgraça para o nosso povo, pois aqueles que se dedicaram à guerra foram ainda mais animados com isso e, depois de terem

derrotado os romanos, continuariam até o fim (Flávio Josefo. *Vita*, XII: 33-34).

Assim, Josefo enunciou sobre os efeitos da vitória contra *Gallus* na Judéia, enfatizou que tal feito serviu de disposição para os mais exaltados manterem a continuidade da guerra, visando a uma emancipação da Judéia dos romanos. Entretanto, essa vitória significou, em um futuro próximo, a “desgraça do povo” nas palavras de Josefo, pois a derrota de *Gallus* demonstrava que a insatisfação dos judeus com os destacamentos administrativos romanos entrou em um nível mais complexo para a contenção, exigindo a instauração de uma guerra regular para restaurar o controle da região (WIEDEMANN, 2008, p. 251). Essa iminente guerra regular forçou os romanos a uma campanha militar mais estruturada.

O Imperador Nero soube da derrocada de *Gallus* quando retornou da Grécia para Roma. Nessa mesma ocasião, o *Imperator* soube da morte de *Gallus*, fato que o forçou a nomear de forma urgente um novo governador para a Síria. A ofensiva fracassada de *Gallus* ocorreu no final do ano 66; no início do ano 67, Muciano foi enviado como governador na Síria e Vespasiano, como general responsável por assumir o comando da guerra contra os judeus (WIEDEMANN, 2008, p. 255). A chegada de Muciano antecedeu ao comando de guerra de Vespasiano, chegando a tomar um cerco sobre a cidade de Gamala, em 67 (LEVICK, 1999, p. 29). Dessa forma, o desígnio de Vespasiano e Muciano foi a tentativa de Nero em pacificar a região e retomar o seu controle. A chegada de Vespasiano mudou o curso da guerra para os judeus, pois as derrotas impostas pelo general durante o ano de 67 enfraqueceram os rebeldes na Judéia.

Em termos políticos, a Judéia apresentou uma lógica hierárquica com divisões territoriais e destacamentos administrativos; judeus com caracteres mais radicais, como Manahen e seus extremistas, se elevaram nesse contexto ao ponto de obterem influências entre os sumos sacerdotes de Jerusalém, determinando os autos administrativos judaicos. Podemos inferir que o comando da Judéia em Jerusalém foi estabelecido em uma espécie de Assembleia Popular por Joseph b. Gorion e Anano b. Anano, considerados moderados; entretanto, o comando de Jerusalém foi tomado por Eleazar b. Ananias, que possuía uma tendência mais radical (LEVICK, 1999, p. 30). A *Josephus b. Matthias*, o futuro historiador, foi atribuído a Alta e a Baixa Galiléia, que enfrentou o primeiro ataque romano na cidade de Gamala (LEVICK, 1999, p. 30).



Essa suposta organização política, contudo, ficou sujeita às determinações de seus comandantes, os quais demonstravam interesses distintos e indicavam a complexidade que era o movimento rebelde na Judéia. Em relação a essa conjuntura, Flávio Josefo destacou-se sobre o cenário que vivenciou enquanto comandante na Judéia, bem como sobre suas especificações. Citemos *in extenso*:

Ao derrotar Céstio, como acabei de referir, as autoridades de Jerusalém, vendo que os bandidos e os insurretos estavam bem providos de armas e temendo que, por estarem desarmados, pudessem cair nas mãos dos inimigos – o que ocorreu posteriormente – e como, adiante, souberam que a Galileia não havia se rebelado contra os romanos em sua totalidade, mas que uma parte ainda permanecia pacífica, enviaram a mim outros dois sacerdotes distintos, Joazar e Judas, para convencer esses rebeldes de que deixassem as armas e de que confiassem nos notáveis do povo. Ficou combinado de que eles manteriam as armas para qualquer eventualidade e esperariam conhecer as intenções dos romanos (Flávio Josefo. *Vita*. VII: 28-29).

Flávio Josefo expõe a sua percepção ao ser designado para a Galiléia, após a derrota de *Gallus*. Notadamente, Josefo enunciou o fortalecimento bélico dos rebeldes, deixando as autoridades de Jerusalém temerosas. Sabendo que a região da Galiléia ainda tinha locais pacíficos, em relação a guerra contra os romanos, Josefo salientou que foi designado juntamente com outros dois sacerdotes para que não pegassem em armas em um conflito contra os romanos, estabelecendo-se que estes ficariam armados em posição de defesa até saberem quais seriam as reações romanas. Considerando o relato de Josefo, podemos inferir sobre o ambiente da Judéia rebelde que o mesmo se distinguia em grupos mais exaltados e grupos mais moderados. Notadamente, na posição de relator desses eventos em uma perspectiva autobiográfica, Josefo se apresentou com um caráter conciliatório, tentando evidenciar a sua busca pelo não confronto com os romanos e pela manutenção da paz na região que fora designado. É interessante notar como os insurretos são descritos, classificados como “bandidos insurretos”; porém, o próprio Josefo fez parte do levante, sua ida à Galiléia, por exemplo, foi para compor uma liderança rebelde na região (LEVICK, 1999, p. 30).

De qualquer forma, esse panorama nos indica uma questão recorrente dessa guerra: a presença de grupos distintos que se mobilizavam de maneiras diferentes, sendo muito comum a característica de banditismo social no contexto anterior e contemporâneo da Revolta (GOODMAN, 1994, p. 143-145). Fator que demonstrava a

complexidade e as diferentes composições dos rebeldes, que, segundo Goodman (1994) e Lamour (2006), levaram à falta de unicidade dos mesmos, impulsionando o fracasso da Revolta. Acerca das distinções recorrentes entre judeus rebeldes, Josefo comenta sobre o comportamento de algumas cidades na Galiléia:

Com essas instruções cheguei à Galiléia. Encontrei os seforitas muito preocupados pela sorte de sua cidade, já que os galileus haviam decidido saqueá-la devido à sua amizade com os romanos e porque haviam oferecido apoio e fidelidade a Céstio Galo, Governador da Síria. Mas eu os liberei de todo temor colocando o povo a seu favor e lhes permiti relacionarem com a frequência que quisessem com os seus concidadãos cativos como reféns por Céstio em Dora, uma cidade Fenícia. Por outro lado, os habitantes de Tiberíades se encontravam em armas pelo seguinte motivo: nesta cidade havia três facções: a primeira de cidadãos distintos e liderada por Julio Capelo. Este e os seus, Herodes, filho de Miaro, Herodes, filho de Gamalo e Compsos, filho de Compsos (seu irmão Cripso, prefeito no período do grande Rei, encontrava em suas propriedades do outro lado do Jordão), todos se aconselhavam a se manterem fiéis aos romanos e ao Rei. Porém, essa opinião não era compartilhada por Pisto, por estar sob a influência de seu filho Justo, que era por natureza desequilibrado. A segunda facção, formada por pessoas pouco significativas, se mostrava a favor da guerra. Justo, filho de Pisto, era o líder da terceira facção, aparentava estar indeciso, mas desejava ansiosamente a Revolta, pois pensava que uma mudança de poder lhe traria mais poder (Flávio Josefo. *Vita*. VIII, IX: 30-36).

Esse excerto apresenta o contexto galileu retratado por Josefo, evidenciando, deste modo, as distinções entre os próprios judeus em relação à guerra contra os romanos. Ao retratar as inimizades entre os seforitas e os habitantes de Tiberíades (inimizades que decorreram em razão do apoio da cidade de Séforis a *Gallus*), Josefo acentuou a formação de facções diferentes em Tiberíades, sendo que a primeira foi liderada por Julio Capelo, ocasião em que demonstraram fidelidade a Roma e ao rei; a segunda, segundo Josefo, era composta de pessoas “insignificantes” que não possuíam muito prestígio em Tiberíades; a terceira facção era liderada por Justo, filho de Pisto, favorável à guerra e, em decorrência de interesses próprios, defensor de novas oportunidades políticas e de poder na Judéia. Esse fragmento nos permite observar as distinções entre os próprios judeus, já que alguns se demonstravam a favor da guerra, outros não compartilhavam da mesma ideia e alguns, aparentemente, aproveitavam-se do contexto para se beneficiarem, como ocorreu com Justo. Até mesmo Josefo se

beneficiou da guerra, quando foi capturado por Vespasiano. No entanto, o que queremos demonstrar, nesse momento, é a distinção dos rebeldes na Judéia subdivididos em diferentes facções e interesses, caracterizando um movimento contra Roma e que, seguindo a sua complexidade, apresentou variados componentes e também objetivos. Neste mesmo contexto, Josefo evidenciou outras lideranças presentes na Judéia, as quais fomentavam o movimento rebelde. De acordo com suas palavras:

Assim estavam as coisas em Tiberíades. A situação de Giscala era a seguinte: João, filho de Levi, ao ver que alguns estavam entusiasmados com a rebelião contra os romanos, tentava contê-los e lhes pedia lealdade. Mas, apesar de seus esforços, não obteve sucesso, pois os povos vizinhos, gadarenos, gabarenos, soganeus e tírios, reuniram um grande exército e caíram sobre Giscala, tomando-a pela força. Depois de incendiá-la e assolá-la regressaram. Em seguida, João, irritado pelo o que havia acontecido, uniu-se aos que o apoiavam e enfrentou os povos mencionados, vencendo-os. Reconstruiu Giscala e a fortificou com muralhas para a sua segurança no futuro. Gamala, em contrapartida, se mantinha fiel aos romanos pelo seguinte motivo: Filipo, filho de Jácimo, tenente do rei Agripa, havia escapado milagrosamente do assédio do palácio real de Jerusalém, vindo a cair em outro perigo, o de morrer nas mãos de Manahén e de seus bandidos, porém, alguns babilônios, que eram seus parentes, os impediram de cometer esse crime. (Flávio Josefo, *Vita*. X, XI: 43-47).

Josefo mencionou João de Giscala e a sua tentativa de instigar o povo em aderir à revolta, fator que acabou não ocorrendo em decorrência das invasões dos povos vizinhos de Giscala. O fragmento também nos aponta sobre o bando de Manahém, que quase provocou a morte de Filipo, filho de um tenente do rei Agripa. Dessa forma, evidenciam-se diferentes composições que faziam parte do cotidiano da Judéia rebelde, sendo aqui exposta a presença de grupos relacionados com a própria desordem social, já que praticavam ações voltadas ao banditismo. Goodman (1994, p. 143-145) chama a atenção para essas ações na Judéia, principalmente nas áreas rurais, posto que, segundo o fragmento, estavam cada vez mais presentes no cotidiano judaico.

O testemunho de Flávio Josefo demonstrou a multiplicidade de grupos sociais envolvidos no contexto da Revolta Judaica. É evidente que o início da guerra foi ocasionado por ações dos romanos contra os judeus, porém, falar desse conflito, implica, na verdade, compreender fatores diversificados e, até mesmo, distinções internas entre os judeus. Assim, Sean Freyne (2009) apresenta discussões proíficas

acerca das distinções internas na Judéia, que eram alheias à dominação romana. De acordo com sua argumentação, as condições sociais e econômicas se agravaram em decorrência do contexto de dominação, sendo ela grega<sup>15</sup> ou romana. Esse processo proporcionou benefícios a alguns em detrimentos de outros, possibilitando, segundo Freyne (2009), o enriquecimento de parte da sociedade judaica. Para enfatizar essa ideia, o autor demonstra que as questões econômicas no século I na Judéia caracterizaram uma economia mais diversificada em relação ao que ocorria anteriormente, que beirava a economia de subsistência. Essas mudanças não beneficiavam a todos; porém, muitos também estavam sujeitos a receberem benefícios, sendo estes recorrentes de uma situação observada nas várias redes de poder e de privilégios na qual faziam parte (FREYNE, 2009, p. 54).

Sean Freyne (2009, p. 54-56) classifica sua argumentação em bases econômicas e sociais, ressalta, ainda, suas contribuições para a eclosão da Revolta judaica. Entretanto, queremos destacar sua *argumentatio* em relação à obtenção dos benefícios econômicos por meio das relações em variadas redes de poder e privilégio (FREYNE, 2009, p. 54). Assim, podemos inferir que o contexto da Revolta na Judéia traduziu-se em diferentes interesses internos em termos econômicos, não configurando uma unicidade igualitária em relação à dominação romana. Martim Goodman (1994) define a ideia de que a Revolta judaica surgiu na “classe dirigente da Judéia”. Esta é uma temática que visa estabelecer o princípio da dominação extremamente opressora por parte dos romanos, implementando uma dualidade de dominação opressora ao ponto da própria “elite” local viabilizar a Revolta.

Como podemos perceber, nos excertos da *Vita*, Josefo apresentou os conflitos internos, entre os participantes da Revolta (Flávio Josefo. *Vita*. VII: 28-29), e até mesmo os interesses ligados às questões pessoais destacadas sobre as facções de Tiberíades e dos interesses de Justo (Flávio Josefo. *Vita*. X, XI: 43-47); mostra, igualmente, João de Giscala (Flávio Josefo. *Vita*. VIII, IX: 30-36), evidenciando cidades e regiões que se mantiveram fiéis ao domínio romano, como ocorreu com a cidade de Séforis (MEYERS, 2009, p.110). Dessa forma, podemos apreender que, de acordo com a discussão acima, a Revolta se manteve com disparidades e divergências entre os insurretos, sendo complexo apontar o comportamento e interesses dos envolvidos no conflito.

---

<sup>15</sup> Referência a dominação do Império Selêucida.

Sean Freyne (2009) destaca também questões étnicas que fizeram parte desse conflito. A sua justificativa se concentra nas distinções entre judeus e idumeus, que, segundo o autor, eram decorrentes desde o tempo de Herodes Magno e faziam parte do cotidiano da Judéia. A incursão de Vespasiano obteve apoio idumeu nas investidas da Galiléia (FREYNE, 2009, p. 46). Dessa maneira, Sean Freyne (2009, p. 27-42) aborda questões relacionadas à Revolta judaica em uma perspectiva regional, seja em distinções internas ou em questões étnicas. Complementando esse quadro, Andrea M. Berlin (2009, p. 57-73) se concentra em análises de artefatos arqueológicos na região da Judéia, na qual enfatiza a presença de diferentes composições étnicas na Galiléia, sugerindo, desse modo, um processo de interação de costumes no século I precedente e contemporâneo à Revolta. A autora apresenta ainda sítios arqueológicos denominados de “pagãos” (BERLIN, 2009, p. 58-59), que detinham forte referência grega e romana, sítios arqueológicos “mistos” (BERLIN, 2009, p. 59), em que presume elementos provenientes da cultura judaica e de outras etnias e os sítios judaicos, marcados por referências à cultura judaica (BERLIN, 2009, p. 59-62). Este panorama se torna relevante para a compreensão do quadro social da Judéia no contexto da Revolta judaica, pois, como entendemos, coloca em evidência as complexidades da região e vai além ao demonstrar que processos de interações culturais e sociais eram recorrentes, o que tornou a Revolta um ambiente composto por uma diversidade cultural, religiosa e étnica.

Dessa forma, compreendemos que esse foi o panorama que os romanos defrontaram após a derrota de *Gallus*. Um ambiente que detinha as suas particularidades e suas diferentes composições e interesses no levante, tornando-o peculiar; porém, era necessário a cautela dos romanos para que obtivessem sucesso na pacificação da Judéia. Afinal, a derrota de *Gallus* demonstrou que os rebeldes da Judéia tiveram a capacidade de manter uma guerra contra as forças romanas e que, mesmo em um contexto rebelde de intensas multiplicidades políticas, sociais e econômicas, conseguiram um período de emancipação, chegando inclusive a cunharem uma moeda própria (GOODMAN, 1994, p. 180-200). Esses fatores demonstram que a campanha na Judéia exigiu uma incursão militar coordenada, à medida que estavam entrando em uma guerra regular, não reprimindo apenas uma revolta local.

Quando foi designado para comandar a guerra contra os judeus, Vespasiano se encontrava na Grécia, e de lá partiu para a Judéia através da travessia do Helesponto.

Chegou a Antioquia em março de 67, conhecendo as legiões que iriam desempenhar o seu comando. Tito, filho de Vespasiano, designou importante participação na guerra contra os judeus, chegou à Judéia por intermédio de Alexandria, na qual tinha chegado de navio; ao seu comando e disposição foi posta a XV Legião de *Apollinaris*. Trouxe também consigo algumas tropas auxiliares de Ptoleimada como precaução após a derrota de *Gallus*. As legiões colocadas à disposição de Vespasiano faziam parte das incursões romanas no Oriente, sendo fundamental a pacificação da Judéia a fim de retomar o prestígio e confiança dos romanos na região (LEVICK, 1999, p. 29).

Devido à importância de Jerusalém e de sua posição na Judéia, o objetivo de Vespasiano era tomar a cidade, assim como tentou *Gallus*. Porém, em função das circunstâncias da Judéia, o general concentrou a sua estratégia em iniciar a guerra através das cidades da Galiléia, como Tiberíades, Jotapata e Séforis. O ataque de Vespasiano era semelhante ao de *Gallus*, entretanto, sem se comprometer em uma investida direta em Jerusalém, neutralizando as regiões ao seu redor (LEVICK, 1999, p. 29).

A chegada de Vespasiano na Galiléia ocorreu através de Séforis em 67, cidade grande da região e que manteve apoio aos romanos, estando à disposição para suas incursões (Flávio Josefo, *Guerra dos Judeus*. III: 237). Assim, a campanha de Vespasiano contava com aproximadamente 50.000 homens quando chegou a Séforis, recebeu mais 7.000 do tribuno militar *Placidus* (LEVICK, 1999, p. 31). O primeiro ponto de confronto seria em Gáris, local próximo a Séforis. Com a notícia de que as tropas de Vespasiano estavam chegando fortemente armadas, muitos abandonaram os seus postos; sendo Flávio Josefo o comandante rebelde nesse instante, este fato o obrigou a se retirar para Tiberíades, tentando reorganizar as suas tropas (LEVICK, 1999, p. 31) (*Guerra dos Judeus*. Flávio Josefo. IX: 245). Posteriormente, os romanos invadiram Gabara (LEVICK, 1999, p. 31).

A campanha de Vespasiano continuou e se defrontou com a sua primeira forte resistência em Jotapata, local em que se estabeleceu um cerco de quarenta dias. Esse evento se mostrou violento para ambas as partes, inclusive Vespasiano, que foi ferido por uma flecha em sua perna. As táticas contra Jotapata estavam desde o uso da tecnologia militar romana (*Guerra dos Judeus*. Flávio Josefo. XV: 254-255) até tentativas de escassez de água (*Guerra dos Judeus*. Flávio Josefo. XII: 251-252) e disseminação da fome (*Guerra dos Judeus*. Flávio Josefo. IX: 245). Jotapata caiu com

um saldo de aproximadamente 40.000 mortos e com apenas 1.200 que foram feitos escravos (LEVICK, 1999, p. 31). Posteriormente, Vespasiano mandou incendiar a cidade e destruir as suas fortalezas (*Guerra dos Judeus*. Flávio Josefo. XXIII: 265). Foi neste cerco que Josefo se rendeu aos romanos. Tornou-se prisioneiro e, a *posteriori*, protegido por Vespasiano. Josefo tinha conhecimento, informações privilegiadas e ofereceu incentivos aos romanos, além de influência para trazer outros insurgentes (LEVICK, 1999, p. 32).

Vespasiano liderava essa ofensiva com flexibilidade, conseguindo manter as tropas romanas em lugares distintos. Foi o que ocorreu durante o final do cerco de Jotapata, no qual enviou Trajano com 2.000 mil soldados e mil de cavalaria em Jafa. O que fora enviado pediu reforços que acabou resultando na chegada de Tito com uma infantaria de 3.000 homens e uma cavalaria de 600 membros. Com a chegada de Tito, a cidade foi totalmente reprimida, ocasionando, aproximadamente, a morte de 12.000 pessoas que se recusaram a se entregar, do lado romano não houve baixas relatadas (LEVICK, 1999, p. 32).

Após essas vitórias, Vespasiano retornou à Ptoleimada. Posteriormente, partiu para uma nova ofensiva na região de Cesaréia, onde estabeleceu bases para suas legiões e tomou a cidade de Decápolis; sem muitas dificuldades, conquistou Joze. Após esses eventos, o rei Agripa II convidou Vespasiano para que viesse repousar as suas tropas em seu reino na Galiléia. O convite tinha o interesse da presença do general romano, já que cidades da região se mostravam cada vez mais agitadas, como ocorreu em Tiberíades. Dessa forma, a presença de Vespasiano era uma forma de garantir a supressão dos insurgentes e manter o domínio de Agripa II. Assim, os romanos foram garantindo o controle militar no norte da Judéia e, ao mesmo tempo, protegendo o reino de Agripa II (LEVICK, 1999, p. 32).

Sobre a contenção no norte da Judéia, a presença de Vespasiano efervescia o movimento rebelde. Tito foi designado para reunir as legiões romanas em Cesaréia, buscando forças para manter o exército romano na guerra da Galiléia. O principal alvo era a cidade de Tiberíades que sofria por suas distinções entre aqueles que apoiavam a Revolta, os que viam e apoiavam a Revolta de uma maneira mais extremista e aqueles que não desejavam a continuidade da insurreiçã. Diante desse contexto, as tropas de Tito defrontaram-se com as de um rebelde denominado Jesus, que fugiu de Tiberíades para Tariqueia. Tito contou com uma cavalaria composta por 600 membros, além do

reforço das tropas de Trajano que adicionou mais 400 na cavalaria e mais 2.000 soldados. Com esse efetivo, Tito conseguiu tomar a cidade de Tariqueia e deixou um saldo de aproximadamente 6.000 mortos (LEVICK, 1999, p. 33). Após a tomada da cidade, boa parte da população teve diferentes destinos, contando com aproximadamente 1.200 que foram executados, 6.000 foram selecionados para trabalharem na construção do Canal de Nero em Corinto e 30.000 foram vendidos como escravos por intermédio de Agripa II e Vespasiano (LEVICK, 1999, p. 33-34). Essa conquista caracterizou o controle romano na região, sobrando pequenos redutos insurgentes como em Gamala.

A última grande conquista de Vespasiano foi a tomada de Giscala e de seu líder insurgente João b. Levi. A cidade foi conquistada pela força da cavalaria de Tito, obrigando a fuga de João e de seus seguidores. Tal ação resultou na destruição das fortificações da cidade; com a chegada da cavalaria de Tito, após a rendição do povoado, ocorreu a execução de 6.000 insurgentes e da escravização de 3.000 mulheres e crianças (LEVICK, 1999, p. 35). Vespasiano ainda ordenou a X legião para a sua base e as demais legiões para Cesaréia. Quando Tito retornou à Cesaréia, Vespasiano mudou o curso da Guerra para o sul e recebeu a rendição de Jâmnia, Azoto e Lida, tendo a sua disposição numerosos prisioneiros de guerra (LEVICK, 1999, p. 35).

As ofensivas vitoriosas de Vespasiano provocaram reações extremistas em Jerusalém, à medida que os insurgentes mais exaltados tomaram o espaço daqueles que tratavam a guerra de forma mais moderada. Fator que abriu espaço para a radicalização da Revolta. João de Giscala fugiu para Jerusalém em novembro de 67 e lá condenou os insurgentes moderados e controlou as lideranças religiosas (LEVICK, 1999, p. 35). O sumo sacerdote Ananus e seu consócio no alto comando, Jesus b. Gamaliel, bem como o rabino Simão b. Gamaliel transformaram o Templo em uma resistência contra os insurgentes de João de Giscala. A violência na cidade era recorrente, ocasionando em fugas e até mesmo execuções (LEVICK, 1999, p. 35). O fato foi que a Revolta tomou um curso contrário aos judeus e favorável aos romanos, já que a concentração dos rebeldes em Jerusalém voltou a atenção dos romanos para a cidade como o próximo alvo de pacificação. Desde a chegada de Vespasiano na Judéia, os romanos obtiveram importantes êxitos militares contra os insurgentes judeus.

Apesar da situação favorável a Roma, a estratégia de Vespasiano foi de não invadir Jerusalém, porém, deixou a cidade por conta de suas distinções internas ao



ponto de enfraquecê-la o suficiente para uma investida militar com êxito (LEVICK, 1999, p. 35-36). Em relação a Jerusalém, a estratégia de Vespasiano era deixar que a cidade se enfraquecesse por si só, evitando um confronto militar direto, para realizá-lo em um momento oportuno. Dessa forma, Vespasiano queria evitar a ação precipitada de *Gallus* ao invadir a cidade com a pretensão de ultimar a Revolta, já que sua estratégia consistia na eliminação dos focos rebeldes em toda Judéia, enfraquecendo, desse modo, o movimento insurgente em um contexto geral.

Em 68, Vespasiano continuou a sua incursão pela Judéia em Gadara, próxima ao Mar Morto. Buscou neutralizar as fortalezas da cidade e obteve o apoio da população local em facilitar as ações romanas contra os líderes insurgentes. Outro ataque ocorreu em Jericó, no qual, aproximadamente, 15.000 pessoas foram executadas. Dessa forma, os romanos estabeleceram o controle na região da Peréia até o Mar morto, sendo mais um triunfo militar de Vespasiano na Revolta Judaica (LEVICK, 1999, p. 36). Nesse momento, insurgiu a Revolta de Vindex na Gália contra Nero. A insurreição de Vindex ocorreu em meados de março de 68 e contribuiu, em menos de três meses, para a morte voluntária do Imperador Nero e para a proclamação de Galba pela Guarda Pretoriana, Senado e população (LEVICK, 1999, p. 37).

Enquanto isso, Vespasiano continuou a sua campanha aproximando-se de Jerusalém. Marchou para o sul de Cesaréia em Antípatis, pacificada em apenas dois dias. Além disso, Vespasiano aproximou-se do noroeste de Jerusalém em Emaús, deixando a V legião da Macedônia em acampamento. Ao sudoeste da capital em Bethlethpha, lutou contra duas aldeias Idumeias, gerando a morte de 10.000 indivíduos e o encarceramento de 1.000 prisioneiros. Cada vez mais Vespasiano se aproximava de Jerusalém e, ao mesmo tempo, controlava a Província da Judéia em sua totalidade, eliminando os focos rebeldes de cidades em cidades e até mesmo de vilas em vilas (LEVICK, 1999, p. 37-38). Em Jericó, Vespasiano estabeleceu um acampamento para guardar o nordeste de Jerusalém. Uma guarda semelhante foi colocada em Adida perto de Lida, cerca de 32 km ao noroeste de Jerusalém, dessa forma, o cerco estava completo. Uma força expedicionária sob o comando de *L. Annius* foi enviada para Gerasa. A cidade foi destruída e os seus arredores e campos foram devastados. Fora Jerusalém, apenas Herodium, no leste da Judéia, e Massada ainda resistiam (LEVICK, 1999, p.38). Após essas conquistas, Vespasiano voltou para Cesaréia, de lá soube da morte de Nero e do reconhecimento de Galba como o novo Imperador de Roma. A

notícia trouxe um impasse para a campanha planejada de Vespasiano contra Jerusalém; ele precisava da confirmação de sua nomeação (que poderia ser reivindicada), no outono enviou Tito, junto com Agripa II, para cumprimentar Galba e receber novas instruções (LEVICK, 1999, p.38). As ações militares de Vespasiano ocorreram até o ano 69, quando deixou o comando da Guerra para o seu filho Tito e foi a Roma com o objetivo de disputar o poder imperial no conturbado ano dos quatro Imperadores.

Os últimos comandos militares de Vespasiano na Judéia ocorreram quando ele assumiu o controle da estrada que ligava Jerusalém pelo caminho das montanhas do norte. Tomou ainda cidades como Ecbatana, Betel e Efraim. Em seu retorno à Cesaréia, realizou a sua última consulta com o governador Muciano, antes de ser aclamado o novo Imperador de Roma (LEVICK, 1999, p.38-39).

A partir de então, o comando da guerra na Judéia ficou sob a responsabilidade de Tito. Efetivamente, foi ele quem concluiu a ação vitoriosa dos romanos ao saquear Jerusalém e destruir o seu Templo. Josefo relatou sobre o momento do saque de Jerusalém e a destruição do templo. Por ordem de Tito, a cidade foi entregue ao saque com a permissão de incendiá-la (Flávio Josefo, *Guerra dos Judeus*, VI. 481-482); além disso foi ordenada a destruição até os seus alicerces, com exceção do muro e das torres de Hípicos, Fazael e de Mariana, que foram preservados (Flávio Josefo, *Guerra dos Judeus*, VII. 501).

Tanto para judeus quanto para romanos, a Guerra representou processos de mudanças e rupturas. Para os judeus o resultado do conflito possibilitou um panorama de novas perspectivas e desafios diante dos resultados traumáticos da Guerra, como a destruição de Jerusalém e de seu Templo. Segundo Alex Degan (2010, p. 298), o efeito da guerra impulsionou as comunidades hebraicas a buscarem novas opções de adaptação nos preceitos religiosos, já que os sacrifícios no Templo já não eram mais possíveis. Aos romanos, o desfecho do conflito apresentou uma melhor condição em relação aos judeus, especialmente os Flávios. Semelhante ao ocorrido com a vitória de Otávio no *Actium*, que marcou o seu triunfo e a celebração de sua dinastia (BARNES, 2005. p. 129), a vitória dos romanos sobre a Revolta judaica serviu como base de fundação da dinastia flaviana em destacar o evento a fim de ganhar prestígio popular

(BARNES, 2005. p. 129-130). A vitória na guerra proporcionou que os fatos fossem descritos e narrados retratando a opulência da vitória (BARNES, 2005, p. 129).<sup>16</sup>

Ainda sobre a Revolta Judaica, podemos destacar a participação de Flávio Josefo, sendo considerada bastante controversa. Vivenciou os lados distintos desse conflito, primeiro como general rebelde e, posteriormente, quando se entregou no sítio romano em Jotapata, como aliado dos romanos, sendo feito prisioneiro por Vespasiano (Flávio Josefo, *Vita*. 75. 414-421). De qualquer forma, o que permitiu a condição de Josefo em relatar os eventos da Guerra, tanto na *Vita* quanto na *Guerra dos judeus*, foi a sua proximidade com os Imperadores Vespasiano, Tito e Domiciano. A concessão da cidadania romana e os privilégios a ele concedidos após a guerra permitiram que assumisse o status de historiador. Sobre a sua condição, após se entregar a Vespasiano, Flávio Josefo destaca:

Depois que Tito reprimiu os distúrbios da Judéia, suspeitando que as terras que eu possuía não iriam ser-me rentáveis, posto que faria instalar uma guarnição romana, me concedeu outro terreno em planície e, quando estava em sua disposição para sua chegada a Roma, me aceitou como companheiro de viagem, me tratando com grande consideração. Quando chegamos a Roma, recebi todo tipo de atenção de Vespasiano. Abrigou-me em sua casa, que havia sido sua antes de se tornar Imperador, me honrou com a cidadania romana e me assegurou uma pensão; não hesitou em honrar-me sem diminuir a sua bondade até os seus últimos dias de vida (Flávio Josefo, *Vita*. 76: 422-423).

De acordo com o excerto acima, a vida de Flávio Josefo, após a guerra, caracterizou-se pela proximidade que obteve com os Imperadores da Dinastia Flaviana. É interessante notar a doação de terra que recebeu de Tito em Jerusalém, além de destacar seu tratamento em Roma, que ocorreu de forma honrosa, sendo abrigado na casa de Vespasiano. Este concedeu a Josefo a cidadania romana, além de uma pensão. Dessa forma, a proximidade que prevaleceu entre Josefo e os Flávios, permitiu-lhe a condição de historiador, não apenas como uma figura próxima e protegida pelos Imperadores, mas também por sua experiência vivenciada nos conflitos. Assim, a guerra

---

<sup>16</sup> Apesar da destruição de Jrusalém e da efetivação do domínio romano em 70, alguns redutos rebeldes permaneceram. Eram focos de resistência e que foram gradativamente neutralizados. O último reduto rebelde na Judéia foi em Massada, local que enfrentou um duro cerco do exército romano e que foi conquistado no ano 76, finalizando efetivamente o movimento rebelde na Judéia (Cf. GOODMAN, 1996).

não significou mudanças apenas para os romanos e judeus, mas igualmente para Flávio Josefo.

#### **IV- DINASTIA FLAVIANA.**

A Dinastia dos Flávios envolveu os Principados de Vespasiano, bem como seus filhos Tito e Domiciano. A relação dessa dinastia com os eventos da Judéia foi de proximidade, pois Vespasiano e Tito estiveram diretamente envolvidos na Revolta judaica. Dessa forma, os eventos e os triunfos da Guerra estiveram fortemente ligados a essa dinastia. Entretanto, é importante destacar a ascensão de Vespasiano ao poder imperial romano.

A ascensão de Vespasiano como Imperador de Roma ocorreu em meio ao processo de pacificação da Judéia, ainda no Principado de Nero. Durante a Revolta, o Principado neroniano passava por intensas crises, fossem elas decorrentes de fatores econômicos, políticos ou administrativos. Anteriormente, demonstramos a relação do Imperador com o Senado romano, já que foi fonte de intensas discordâncias, ao ponto de suscitar rebeliões (Rebelião de *Culpúrnio Pisão*). Na área econômica discutimos as questões financeiras, em especial as políticas de arrecadação de impostos, gerando, deste modo, descontentamentos provinciais. Por fim, a eclosão de revoltas nas províncias, com o destaque à Revolta Judaica, que forçou Roma a entrar em uma Guerra duradoura na Judéia. Tais fatores contribuíram para o final de seu Principado, a partir do momento em que insurgiu a Revolta de Vindex na Gália. Os desdobramentos desses eventos foi o seu enfraquecimento político, ao ponto de o Senado romano não o reconhecer mais como Imperador. Aclamou-se Galba como o novo César. O desfecho dessa situação foi a morte voluntária de Nero em junho de 68 (WIEDEMANN, 2008, p. 261).

Entre a morte de Nero e a ascensão de Vespasiano, Roma passou por um período político conturbado entre os anos de 68 e 69. Nesse instante, Galba era um nome desligado da sucessão Júlio-Claudiana, dessa forma, o novo Imperador deveria assegurar o seu lugar perante os distintos interesses envolvidos ao seu redor, sendo que a sua habilidade política iria definir a sua permanência no poder (WIEDEMANN, 2008,

p. 261). No início desse novo Principado, distintos indivíduos competiam para ganhar o favor de um homem que trouxe poucos adeptos a partir da Hispânia (WIEDEMANN, 2008, p. 261-262). Sua inabilidade política ocorreu por não equilibrar o contexto político no Reno, nomeando Vitélio como comandante em oposição a Otão (WIEDEMANN, 2008, p. 262). Entretanto, a sua falta de prestígio em Roma e a presença de líderes militares do exército romano fizeram com que Galba fosse assassinado em 69, tornando, dessa forma, o ano conhecido como o “ano dos quatro Imperadores”. Outro grande desafeto de Galba foi com a guarda pretoriana, que apoiou Otão em sua derrubada, além do fato de este ter importantes laços políticos que o asseguravam no poder Imperial. (WIEDEMANN, 2008, p. 262).

Assegurado pelas legiões da Germânia, Vitélio iniciou uma ofensiva contra Otão, caracterizando um conflito interno entre as forças militares romanas. Neste episódio, as ofensivas de Vitélio foram vitoriosas, derrubando Otão, que foi Imperador durante três meses em Roma. A derrota de Otão resultou em seu suicídio, tornando Vitélio reconhecido como o novo Imperador de Roma. O breve reinado de Vitélio foi marcado pela sua administração ineficiente em relação aos gastos e às extravagâncias e pela forma autoritária como agia com aqueles que eram considerados “inimigos” (WOOLF, 2012, p.169).

Os efeitos da administração de Vitélio foram sentidos igualmente fora do poder central de Roma. Vespasiano, que estava na Judéia para conter a Revolta judaica, obteve apoio do governador Muciano da Síria e, do prefeito do Egito, além do apoio das tropas do Danúbio. Esse contexto favoreceu para que fosse aclamado Imperador de Roma no Oriente, fortalecendo-o o suficiente para enfrentar e destronar Vitélio. Vespasiano venceu Vitélio e se tornou o novo Imperador de Roma no final do ano de 69, o quarto Imperador em um ano (WOOLF, 2012, p. 169; WIEDEMANN. 2008, p. 273-277).

Esses eventos demonstraram a importância da articulação política ao redor da figura do Imperador. Notadamente, após a morte de Nero, Roma passou por esse breve período de instabilidade política, no qual a disputa pelo trono imperial romano ficou ao cargo de quatro figuras distintas. Todavia, todas elas não iriam caracterizar a ideia de continuidade da dinastia Júlio-Claudiana, ou seja, quem quer que fosse o Imperador, esse iria inaugurar uma nova dinastia. Essas questões nos fazem refletir sobre a própria constituição do poder do Imperador em Roma, sendo que Vespasiano, ao assumir o

Império, teve que se dotar de variadas articulações políticas para que fosse mantido em um contexto conturbado.

Assim, o modelo político imperial se pautava sobre a equivalência de um monarca. Dessa forma, Myles Lavan (2013, p. 66) salienta que os Imperadores e seus sucessores esforçavam-se para ofuscar o aspecto autocrático de uma política monárquica, enfatizando a continuidade do passado republicano (LAVAN, 2013, p. 66). A própria constituição do poder Imperial se fundamentava nessa relação com a aristocracia em Roma, considerando a posição política do Imperador em conjunto com a relevância e atuação do Senado. A designação latina para a posição de um Imperador equivalia ao “*princeps*”, significando como o “primeiro cidadão”. A denominação não obscurece a supremacia do poder imperial, porém demonstra o seu posicionamento perante o arranjo político em Roma (LAVAN, 2013, p. 66).

Uma importante base de sustentação do poder imperial seria a garantia de lealdade do exército ao Imperador vigente. Em particular, a fidelidade da guarda pretoriana foi um importante instrumento de manutenção do principado imperial com aproximadamente seis mil homens em Roma com o objetivo de cuidar da segurança do Imperador. Por exemplo, Nero fez pagamentos de generosos donativos para cada guarda em sua ascensão, novamente após o assassinato de Agripina, em 59, e da supressão da conspiração de *Culpúrnio Pisão* no ano de 65. Esforços semelhantes foram feitos para garantir a lealdade dos exércitos provinciais e de seus comandantes (LAVAN, 2013, p. 66). Os Imperadores também procuraram cultivar uma relação especial com o exército a fim de garantir a lealdade das tropas. Dessa relação, poderia resultar no apoio do Exército ao Principado do *Imperator*, em que os soldados faziam um juramento para proteger o Imperador e levavam a sua imagem entre os seus pelotões (LAVAN, 2013, p. 66).

Outra importante base do poder imperial foi a sua sustentação econômica, sua vasta riqueza privada que incluía propriedades, rebanhos, minas e pedreiras em todo o Império. Algo que poderia ser aumentado pelos legados, propriedades confiscadas e pilhagem de campanhas. Tão grande era a fortuna do Imperador que sua liberalidade poderia estender não só aos particulares, mas ao próprio Império. Além disso, os procuradores que administraram a riqueza privada do Imperador, bem como sua renda, também foram responsáveis por receitas das províncias imperiais. O *Imperator* parece ter se beneficiado da mesma liberdade na gestão destes, nominalmente fundos públicos

como a sua própria fortuna (LAVAN, 2013, p. 66). A posição do Imperador era vulnerável, com possibilidades de muitas conspirações e divergências políticas de variados interesses (LAVAN, 2013, p. 68).

Entretanto, mesmo com vasta riqueza, poder militar e influência política, a manutenção de seu poder dependia de sua relação com as variadas e complexas redes de interesses ao seu redor. Myles Lavan (2013, p. 68) ressalta a posição de vulnerabilidade em que estava sujeito o poder Imperial, sendo que a forma de manter o domínio seria ampliar sua influência nos variados setores políticos imperiais. Assim, Wallace-Hadrill (2008, p. 284) observa as formações de alianças que o poder imperial estava sujeito, traduzindo-as como um princípio de busca de apoio político a fim de legitimar o poder do *Imperator*. Acima de tudo, a relação entre os Imperadores e os seus assuntos e o processo de tomada de decisões na distribuição dos recursos nos mostram a rede de operações pessoais no Império, revelando as estruturas que a operam (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 284).

Dessa forma, Wallace-Hadrill (2008) destaca a importância da articulação para as decisões imperiais, sendo que, mesmo com a autoridade de um Imperador, o contexto político se estabelecia nessas relações, principalmente no que diz respeito à distribuição de recursos. Assim, a aproximação entre o *Imperator* e os arranjos políticos que o rodeavam, principalmente no que se refere ao Senado, voltaram-se sobre a inferência no que dizia respeito aos benefícios que seriam concedidos e à quantidade que iria ser disponibilizada. Desse modo, percebemos que os laços políticos se interligavam em uma rede de interesses, nem sempre obedecendo a uma hierarquia estabelecida, mas sim a ligações políticas e financeiras que asseguravam a governabilidade do *Imperator* (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 285).

O meio político não se dava apenas na relação entre o *Imperator* e o Senado, ocorria, semelhantemente, na composição do ambiente interno imperial. Ambiente que poderia influenciar nos rumos do governo imperial. Enquanto o acesso ao Senado ocorria por uma determinada distinção social e por um pertencimento ao grupo senatorial, aqueles que detinham uma proximidade com o Imperador também estavam sujeitos a fazer parte do jogo político romano, tal situação se referia ao ambiente da *aula* (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 285-286).

Isso implica as ligações pessoais do Imperador, ademais da sua relação política com o Senado. Levando em consideração a extensão territorial do Império e suas diversas composições étnicas, sociais e econômicas, as intermediações do Imperador estavam muito além da capital romana, se estendiam às Províncias. Desse modo, a relação política com esses diferentes setores ocorria por intermédio do ambiente da *aula*. Assim, a *aula* não era um local físico ou a descrição de um local particular, mas uma abstração que se refere às intermediações imperiais. Isso não implica dizer que o poder imperial foi apenas composto por essa lógica de ligações com diversos setores de regiões distintas, mas esse fundamento demonstra a complexa política imperial a qual o Imperador fazia parte (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 286).

Para ampliar a relação com esses setores diversificados e provenientes de locais distintos, o costume de doações de bens e posses era recorrente, tanto para aqueles que viviam em Roma, pertencentes ou não ao Senado, quanto para os de origens estrangeiras. Assim, se estabelecia um vínculo de clientelismo e patronato, no qual a figura do Imperador agregava esses setores em busca de alianças e vínculos políticos; em contrapartida, os beneficiários recebiam apoio que era dado ao Imperador (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 283-285). Essa era uma das formas de o *Imperator* ganhar apoio no Império e manter a sua posição diante das diversas multiplicidades e interesses políticos.

De qualquer forma, eram essas as características presentes no poder Imperial que a Dinastia Flaviana vivenciou. Se levarmos em consideração o contexto político conturbado em que Vespasiano tornou-se Imperador e a posição vulnerável a qual estava sujeito, a durabilidade de seu Principado iria depender de sua habilidade política em manter a unidade e as distinções internas em Roma, bem como as “estrangeiras”. Outro fator agravante foi a própria origem flaviana, já que não detinham a mesma precedência que a dinastia Júlio-Claudia. Dessa forma, sustentar o poder flaviano implicava não apenas assegurar a unicidade política em Roma, mas também justificar a legitimidade da Dinastia e os fatos que a colocassem em posição almejada.

O próprio fator de Vespasiano ter vencido a guerra contra Vitélio em Roma e de ter pacificado a política imperial, já seria o suficiente para a sua posição de Imperador (WOOLF, 2012, p.169). Entretanto, os laços políticos e suas articulações revelam o



sucesso da implementação da dinastia Flaviana.<sup>17</sup> Nesse sentido, a proximidade com os setores diversificados do Império compôs parte do ambiente da *aula* flaviana, conforme argumentam Hannah M. Cotton e Werner Eck (2005, p. 40). Segundo os autores, a dinastia concedeu um número considerável de cidadania a “estrangeiros”, argumentando que muitos chegaram a compor parte do grupo senatorial. Ressaltam a existência de três grupos sociais que compunham a “elite” romana, por considerarem que esses grupos detinham algum tipo de influência. Estabeleciam a ordem senatorial, a ordem equestre e o grupo de pessoas que tinham algum tipo de proximidade com o Imperador, não importando a origem ou condição social e econômica (COTTON & ECK, 2005, p. 39-40).

Esse terceiro grupo diz respeito às ligações que o Imperador estabelecia, podendo ser facilmente modificado, pois variava de acordo com as impressões pessoais de cada Imperador (COTTON & ECK, p. 40). De qualquer forma, Hannah M. Cotton e Werner Eck (2005) denominam esse grupo como parte de uma “elite” em Roma, sendo que esse preceito aproxima-se muito mais da premissa de *aula*, definida por Wallace-Hadrill (2008), pois, segundo as suas enunciações, esse grupo se assegurava a partir das relações estabelecidas e vinculadas à figura pessoal do *Imperator*. Desse modo, o poder flaviano se legitimava também por meio dessas relações, configurando a permanência de suas alianças. Foi justamente nesse ambiente que Flávio Josefo foi acolhido, sendo receptor de benefícios.

Abrigou-me em sua casa, que havia sido sua antes de se tornar Imperador, me honrou com a cidadania romana e me assegurou uma pensão; não hesitou em honrar-me sem diminuir a sua bondade até os seus últimos dias de vida (Flávio Josefo, *Vita*. 76: 422-423).

A passagem demonstra a condição de Josefo em relação ao tratamento recebido por Vespasiano em Roma, pois, assim como entendemos, recebeu benefícios diretamente do Imperador, posicionando-se no ambiente da *aula* flaviana. Como propõem Hannah M. Cotton e Werner Eck (2005), Josefo poderia ser classificado em uma posição de relevância, à medida que tinha uma ligação direta com o Imperador. O

---

<sup>17</sup> A *Lex Vespasiani Imperium* concedeu a Vespasiano bases políticas e constitucionais, legitimando legalmente o seu Principado. Os poderes que Vespasiano obteve foram exercidos pelos Imperadores anteriores, porém, foram postos de forma institucionalizada, fator que demonstrou aproximação entre o *Imperator* e o Senado. Dessa forma, a *Lex Vespasiani Imperium* trouxe a institucionalização da figura do *princeps*, que permitiu a Vespasiano organizar e estabilizar o Império romano da crise política que estava inserido (MAS, 2011, p.77-99).

fato de ter recebido a cidadania romana e a pensão, o colocou em uma condição de cliente de Vespasiano (COTTON & ECK, 2005. p. 39). Situação recorrente durante a dinastia flaviana ao aproximar setores estrangeiros (fora de Roma) da administração central (COTTON & ECK, 2005. p. 39). Essa situação evidencia os diferentes laços estabelecidos pelos Flávios em busca de apoio e de manutenção de seus poderes na administração central do Império. De qualquer maneira, a ilustração por meio do relato de Flávio Josefo nos demonstra parte desse contexto político do Imperador em disponibilizar recursos com a finalidade de conseguir apoio político. Evidentemente que Flávio Josefo não foi uma figura fundamental para a governabilidade flaviana, porém, a sua inserção no ambiente nos permite visualizar as complexas relações estabelecidas pelo Imperador.

Em termos gerais, o Principado de Vespasiano (69-79) foi de estruturação fiscal e financeira, objetivando restabelecer a ordem e procurou garantir fundos para a manutenção do Império. A carreira militar de Vespasiano passou pela sua experiência como comandante romano na Bretanha (47), situação que permitiu ser o general responsável por conter a Revolta na Judéia e, posteriormente, se tornar Imperador romano. Outra competência do Imperador foi o seu relacionamento com o Senado, mantendo uma boa relação política com os setores tradicionais da cidade de Roma (WOOLF, 2012, p.171-172).

Sobre o Principado de Tito (79-81), podemos inferir um período curto, entretanto, de continuidade das políticas fiscais de seu pai. Outro fator importante foi o seu relacionamento com o Senado, pois, durante o seu governo, o ambiente político se manteve estável, sem muitas distinções entre o Imperador e o Senado. A grande marca deste período, contudo, foram as inaugurações de obras, entre as quais identificamos o anfiteatro Flávio, denominado também de Coliseu (WOOLF, 2012, p. 173). Ademais, é importante destacar o relacionamento de Tito com Flávio Josefo, que, segundo o historiador, teria sido próximo e amistoso.

Minha situação com os Imperadores se manteve sem mudanças. Assim, com a morte de Vespasiano, Tito o sucedeu e teve a mesma estima que o seu pai e, em numerosas ocasiões, se negou a acreditar nas acusações que eu havia sofrido (Flávio Josefo, Vita. 76: 428).

Flávio Josefo expôs a manutenção do tratamento que era recebido por Vespasiano, e que continuou com Tito. Revelou a estima e admiração que o Imperador

detinha sobre ele, demonstrou-se solícito quanto às acusações que Josefo sofreu, negando creditar em tais situações. Dessa maneira, Josefo evidenciou que a relação com Tito era de proximidade, ao ponto do próprio se posicionar em favor de Josefo diante das acusações que havia sofrido. Além do mais, Josefo destacou, em outro trecho da *Vita*, o recebimento de terras na Judéia por intermédio de Tito, fato que ocorreu ainda no Principado de Vespasiano (Flávio Josefo, *Vita*. 76: 422).

A dinastia Flaviana se encerrou com o reinado de Domiciano, que também era filho de Vespasiano e irmão de Tito; porém, Domiciano não participou ativamente das campanhas militares de Vespasiano e de Tito na Judéia, não obtendo o mesmo prestígio que tivera o pai e o irmão, apesar de ter tido um Principado considerado longo, dos anos de 81 a 96. O final do seu Principado foi marcado de modo trágico por seu assassinato. Dessa forma, se encerrou a dinastia dos Flávios e se iniciou uma nova dinastia em Roma: os Antoninos, com a ascensão de Nerva (WOOLF, 2012, p.174). Em relação a Domiciano, Josefo também destacou um bom relacionamento, fato semelhante ao que tinha ocorrido com os seus antecessores, Vespasiano e Tito.

O sucessor de Tito, Domiciano, aumentou suas considerações sobre mim: castigou os judeus que haviam me acusado e ordenou castigo a um escravo eunuco, instrutor de meu próprio filho. Concedeu-me a isenção de impostos em minha propriedade da Judéia, que me representou uma vantagem considerável. Domicia, a mulher de César, também foi para mim uma grande benfeitora (Flávio Josefo, *Vita*. 76: 429).

De acordo com Josefo, o relacionamento com Domiciano também se manteve aproximadamente semelhante ao que já fora tratado pelos seus antecessores. Josefo destacou as ações de Tito em relação à punição de judeus que lhe faziam acusações; chegou, até, a punir um escravo que também o havia acusado. Outro fator importante foi a isenção de impostos que o Imperador concedeu em suas terras na Judéia, fato que rendeu a Josefo benefícios financeiros. O historiador ainda destacou o relacionamento que a mulher do Imperador manteve com ele, por meio de benfeitorias. Essas considerações nos indicam, segundo Josefo, uma proximidade considerável com o Imperador, ao ponto de obter benefícios fiscais e proteção contra as acusações, além de caracterizar uma proximidade com Domicina, esposa do Imperador.

É recorrente a análise da relação da dinastia, principalmente Vespasiano e Tito, em função do sucesso da Campanha militar na Judéia. Assim, podemos estabelecer um

vínculo de triunfo entre a ascensão dos Flávios em Roma e a utilização do sucesso militar na Judéia. Dessa forma, a Revolta judaica se tornou um evento de legitimação da nova dinastia, a fim de caracterizá-la como o novo poder centralizado em Roma. O uso da guerra se estabeleceu, principalmente, na utilização de obras públicas, com a finalidade de exaltar os feitos dos Flávios.

No que tange à guerra, tanto a Revolta judaica quanto a guerra civil romana possibilitaram a ascensão de Vespasiano ao poder imperial; alguns monumentos inclusive retratam a proximidade dos Flávios com as guerras e seus triunfos. Entre os quais, destacam-se o Coliseu e o Templo da Paz em Roma. Evidentemente que o sucesso na Judéia contribuiu para o prestígio militar de Vespasiano e Tito, pois os dois estiveram diretamente envolvidos nos destacamentos da guerra. Assim sendo, a caracterização do conflito ocorreu no intuito de publicá-lo e de torná-lo conhecido por um maior número de pessoas possível, exaltando os feitos e sucessos militares dos Flávios, seja na Judéia ou na guerra civil romana. Isso implica a “memorialização” da Revolta em concordância com a ascensão dos Flávios em Roma (MILLAR, 2005, p. 102).

A construção do Anfiteatro Flávio estabeleceu uma acepção de aproximação com o triunfo na Judéia (MILLAR, 2005, p. 116). Um monumento com finalidade pública, em que os atos do Imperador permitiram a utilização de um local construído em associação com o triunfo realizado por Vespasiano (MILLAR, 2005, p. 117). Possivelmente, a construção do local foi exequível por meio da utilização dos espólios de guerra como financiadores, sendo perceptível uma associação com o resultado da guerra na Judéia. É também possível observar inscrições que exaltavam o próprio Vespasiano, sendo uma forma de dignificação (MILLAR, 2005, p. 118).

O Templo da Paz foi um monumento construído em favor da pacificação romana, que ocorreu por meio da ascensão de Vespasiano ao poder. O seu desígnio era evocar a paz anterior aos eventos da Guerra civil romana e da Revolta Judaica, sendo um anseio expresso do Imperador como algo público (MILLAR, 2005, p. 109). Assim, o Templo se associou à Dinastia Flaviana no início do Principado de Vespasiano como um processo pacificador em Roma (MILLAR, 2005, p. 110). Outro fator sobre o Templo foi retratado sobre o seu sentido “histórico”, marcado como uma construção que sintetizou o início de um novo período em oposição ao anterior, ou seja, a chegada dos Flávios ao poder em objeção à dinastia anterior (MILLAR, 2005, p. 111). Podemos

inferir sobre a questão militar, sendo exposta com um propósito de exaltação dos feitos militares realizados por Vespasiano e Tito (MILLAR, 2005, p. 112).

Nesse panorama, Fergus Millar (2005, p. 104) apresenta um interessante debate sobre a utilização de encenações voltadas ao plano público. Esse aspecto se caracterizou como o ritual de processo do passado, já que dispunha de espetáculos em forma de encenações teatrais. Uma volta ao passado apresentado em forma de espetáculo com a finalidade de entretenimento popular que expunha e exaltava os atos gloriosos da dinastia. Este modelo de encenação com a proposição de apresentar os êxitos militares dos Flávios tratou o espetáculo como um triunfo realizado, que precisa ser visto por todos, ou seja, era necessário tornar-se público (MILLAR, 2005). Essa perspectiva tem uma conotação social que estabelecia o entretenimento, porém a sua finalidade ambicionava ir muito além do próprio entretenimento em si, era uma exposição pública de força, poder e legitimidade da dinastia flaviana.

Outro ato que também manteve o caráter de exaltação da dinastia foi a utilização da Revolta judaica indicada no arco do Triunfo de Tito, pois, assim como argumenta Barnes (2005, p. 130), a Revolta judaica marcou a vitória dos romanos como a base de fundação Flaviana. O arco de Tito indicava um atributo, retratando o triunfo flaviano na Judéia, seguindo o princípio de torná-lo público e visível. Apesar de não apresentar as mesmas funções dos teatros e das arenas, possuía o mesmo caráter público como um monumento a fim de preservar a memória do Imperador Tito. Dessa maneira, o Arco de Tito possui dois significados próximos de sua campanha vitoriosa na Guerra contra os judeus. O primeiro significado diz respeito a celebração sobre a subjugação dos judeus e a destruição de Jerusalém, o segundo significado faz referência ao fato de Tito concluir com êxito o sítio romano na Judéia, de acordo com as determinações de seu pai, o general Vespasiano (MILLAR, 2005, p. 122).<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup>Apesar de esses significados fazerem forte referência à guerra contra os judeus, o Arco de Tito não tem nenhuma inscrição que direcione a essa perspectiva. Portanto, o relevo que representava os triunfos da vitória coloca esse Arco, categoricamente, como um monumento ao triunfo de Tito. Portanto, fica sendo um monumento de triunfo e da memória a Tito. De acordo com Millar (2005, p. 122), “Tito não morreu muito depois da inscrição que foi colocada, mas, mesmo em nosso conhecimento parcial e indireto deste arco nos permite vê-lo como um dos principais monumentos de seu breve reinado, em contraste à sobrevivência do arco, ainda presente em Velia, que supomos ter sido concluído após a sua morte. O fato que é póstumo levou Michael Pfanner, autor do padrão de trabalho sobre ele, a sugerir que o arco de Tito deve ser categorizado como um “monumento-consagração”, ao invés de um arco triunfal (Pfanner 1983: 103-4; ver também Arce, 1993). É também verdade que a sua inscrição não contém qualquer referência à guerra, vitória, ou quaisquer outras realizações. Mas o famoso relevo, representando o triunfo de 71, com a sua representação inconfundível dos vasos de Templo, é certamente o suficiente para nos permitir incluí-lo na categoria de arcos de triunfo.”

Assim, compreendemos a estreita ligação da Dinastia Flaviana com a Revolta Judaica. O sucesso da contenção da Revolta e a consequência desse processo para Roma marcou a ascensão de Vespasiano como Imperador romano, legitimando uma nova Dinastia em Roma. Notadamente, apreendemos a relevância do conflito como uma legitimação para a ascensão flaviana, da mesma forma como uma manutenção de poder (BARNES, 2005. p. 129-130), pois o Principado de Tito manteve enunciações ligadas à Revolta, sendo o Arco de Tito (MILLAR, 2005, p. 122) e a encomenda da obra *Guerra dos Judeus* (BARNES, 2005, p. 139; BARCLAY, 2005. p. 320). Portanto, esse contexto é relevante se considerarmos as consequências resultantes, sejam para os romanos ou mesmo para os judeus; esse quadro retratou mudanças significativas para ambos os lados, como a ascensão dos Flávios em Roma, a pacificação romana por meio de Vespasiano, a derrota dos judeus na Guerra, a destruição do Templo de Jerusalém e também da própria cidade de Jerusalém.

## **CAPÍTULO II**

### **FLÁVIO JOSEFO: VIDA, OBRAS E NARRATIVAS.**

## I – VIDA DE FLÁVIO JOSEFO: UMA PERSPECTIVA ANTERIOR E POSTERIOR À REVOLTA JUDAICA.

No capítulo anterior, foram expostos os eventos que favoreceram e possibilitaram o desencadeamento da Revolta Judaica, bem como o desfecho de tal conflito. A expedição militar romana, liderada por Vespasiano e Tito, obteve sucesso na pacificação da Judéia, entretanto, foi efetivada por meio de uma guerra regular, com baixas significativas, principalmente para os judeus. Nesse conflito, Flávio Josefo foi uma figura controversa, pois, inicialmente, participou da Guerra como um general rebelde na Galiléia e, *à posteriori*, no sítio romano em Jotapata, se entregou ao general Vespasiano. Em função de sua condição de general rebelde, Josefo seria punido, bem como outros judeus insurgentes capturados pelos romanos (LEVICK, 1999, p. 35); entretanto, aproximou-se de Vespasiano ao proferir que este seria o futuro Imperador romano. Tal profecia tornou Josefo um prisioneiro protegido e, com isso, obteve, posteriormente, benefícios concedidos pelo Imperador Vespasiano.

A proximidade com Vespasiano, e depois com Tito e Domiciano, proporcionou-lhe a condição de historiador, escrevendo quatro obras: *Guerra dos Judeus*, *Antiguidades Judaicas*, *Contra Apião* e *Vita*. Cada uma delas possui uma temática específica, todavia, a *Guerra dos Judeus* e a *Vita* se aproximam quanto à temática ao contexto e apresentam também uma particularidade específica: Josefo vivenciou a época da Revolta Judaica. Evidentemente que *Vita* possui um caráter pessoal por se tratar de uma narrativa autobiográfica e a *Guerra dos Judeus* aprofunda mais o contexto da Revolta em uma perspectiva histórica. De qualquer modo, antes mesmo de analisar as obras de Josefo, bem como algumas de suas particularidades, é necessário compreender a sua vida anterior à eclosão da Revolta Judaica. Nesse contexto, privilegiaremos a sua vivência enquanto judeu, sua posição perante a sociedade judaica, suas escolhas espirituais, sua vida após a Revolta e, em especial, a sua proximidade com a dinastia Flaviana. As informações de sua vida estarão relacionadas a partir de relatos contidos na obra *Vita*.

Em relação ao seu nascimento, Josefo não apresentou com clareza, em seu relato, o local de nascimento. Destacou com maior veemência a posição social de acordo com sua genealogia entre os judeus. Sabemos, pois, que Josefo nasceu,



provavelmente, em Jerusalém, por volta dos anos 37 ou 38, durante o Principado do Imperador Caio Calígula (SEWARD, 2009, p. 9). Sobre a sua origem de Jerusalém, Josefo apresenta a seguinte argumentação em *Guerra dos Judeus*:

Eu, Josefo, filho de Matthias, um hebreu nativo de Jerusalém e sacerdote, que em princípio lutou pessoalmente contra os Romanos (Flávio Josefo, *Guerra dos Judeus*. I: 3).

Nesse breve relato da *Guerra dos Judeus*, Josefo destacou a sua origem judaica e seu local de origem, bem como a sua atribuição enquanto sacerdote. Ainda salientou sobre a sua condição no início da Revolta Judaica, em que lutou contra os romanos. Apesar de ser um relato referente à obra *Guerra dos judeus*, transmitiu aos seus leitores ouvintes a informação de que era de Jerusalém. Além disso, destacou ainda a sua posição de sacerdote, já que o historiador fez questão de mencionar seu *status* social. Segundo Desmond Seward (2009, p. 8-9), existia em torno de 18.000 sacerdotes entre os judeus contemporâneos de Josefo. Entretanto, a relevância do ofício se classificava de acordo com a proximidade genealógica com Arão, irmão de Moisés, considerado o primeiro sacerdote dos judeus. Portanto, o autor destaca que na Judéia existiam 24 famílias que descendiam diretamente de Arão, sendo que essa ascendência era comprovada por meio de uma genealogia baseada em uma tradição oral; as origens dessas famílias foram descritas no livro de Deuteronômio. A ascendência paterna de Josefo estava incluída entre essas 24 famílias judaicas, fator que o posicionou no alto ofício sacerdotal dos judeus, da mesma forma que a sua ascendência (SEWARD, 2009, p. 10). Em *Vita*, Josefo acentua a distinção de sua ascendência, seja esta paterna ou materna. Citemos *in extenso*:

Agora, no meu caso, a minha ascendência é bastante ilustre, tendo-se originado com os sacerdotes há muito tempo. Assim como a base de nascimento ilustre é diferente entre várias nações, assim também entre nós [judeus] a associação ao sacerdócio é uma prova certa de uma ascendência de brilho. Agora, no meu caso, a minha ascendência não é apenas a partir de sacerdotes; mas a minha família também é a primeira das vinte e quatro, esta é uma grande distinção dentro deste grupo [curso]. Além disso, eu tenho uma quota de ascendência real por parte materna, porque os filhos dos Hasmoneus, de quem ela era uma descendente, por um tempo muito longo, serviram como sumos sacerdotes e

exerceram a realeza de nossa nação indicando sucessão (Flávio Josefo. *Vita*, IX 1-3).

De acordo com o excerto acima, Josefo apresentou sua ascendência, que, de acordo com o historiador, era ilustre e distinta perante os judeus, pois era um descendente de sacerdotes por meio de linhagem paterna. Em relação a isso, observou que diversas nações tinham a sua base de distinção social por intermédio do nascimento; para os judeus, a associação ao sacerdócio era um atributo de prestígio social. Outra comprovação de um nascimento ilustre foi a argumentação sobre sua ascendência materna, sendo esta proveniente da linhagem real dos Hasmoneus. Assim, Josefo demonstrou que não detinha uma linhagem apenas sacerdotal, mas também possuía uma ligação direta com a linhagem real dos hasmoneus. Dessa forma, Flávio Josefo colocou em evidência sua alta distinção social, seja por parte paterna ou materna.

Em relação à família de Josefo, Tessa Rajak (2002, p. 12-16) salienta que este destacou a relevância social do sacerdócio entre os judeus, à medida que o enquadrava em uma posição social privilegiada. Ao ter afirmado ser de uma “descendência ilustre, tendo originado com os sacerdotes há muito tempo” (Flávio Josefo. *Vita*, IX 1-3), Josefo relevou o ofício sacerdotal como um fator de distinção social e manifestou essa característica colocando-se como pertencente a esse grupo (RAJAK, 2002, p. 14). Para isso, a autora destaca o pertencimento da família de Josefo entre as vinte e quatro que cuidavam do ofício do Templo de Jerusalém; entre essas, a família de Josefo era a primeira (RAJAK, 2002, p. 15). Dessa forma, a descrição detalhada de sua genealogia evidenciava a sua posição social ante a sociedade judaica. Ora, o historiador relatou que o avô de seu pai, primeiro filho dos Hasmoneus a se tornar sumo sacerdote, casou-se com a filha de Jonatas (RAJAK, 2002, p. 16). Entretanto, Tessa Rajak destaca que as descrições de Josefo não podem ser totalmente verídicas, já que muitas de suas associações não estabeleceram uma proximidade com os registros sacerdotais; este fato é entendido como um recurso narrativo de Josefo para provar a sua distinção social entre os judeus (RAJAK, 2002, p. 17). Assim, Josefo mencionou, com certa frequência, a sua designação sacerdotal, destacando esse ofício como algo de relevância. Provavelmente, serviu para demonstrar aos seus leitores “não judeus” a impressão de que o autor tinha alguma experiência notável (RAJAK, 2002, p. 18).<sup>19</sup> De qualquer

---

<sup>19</sup> Ainda sobre o sacerdócio, os aspectos ligados à interpretação de sonhos e enunciações proféticas faziam parte desse ofício, já que Josefo proferiu a Vespasiano a condição de Imperador que iria assumir em Roma, sendo isso possível por meio de suas funções e experiências sacerdotais (RAJAK, 2002, p. 18). O que nos leva a crer que os possíveis leitores de Josefo, o público “não judeu”, poderiam ser entendidos

forma, essa situação não exclui a provável distinção de sua família, porém a sua intenção de se aproximar dos Hasmoneus e do sumo sacerdócio parece uma estratégia para se posicionar em um meio social de relevância. Ainda sobre a ascendência de Josefo, Per Bilde (1988, p. 28) argumenta que o discurso sobre a genealogia da família de Josefo em *Vita* reforça o aspecto de caracterização de autenticidade da narrativa, bem como uma preocupação recorrente em se posicionar em um meio social notável. Porém, não apenas as citações de Josefo o ressaltavam como uma figura notável em seu meio social, mas a sua ascendência “ilustre”, mencionada em Suetônio, quando Vespasiano invadiu a Judéia, descreveu-o como um dos “aristocratas capturados” (BILDE, 1988, p. 28). Vejamos *in extenso*:

Na Judéia, como consultasse o oráculo do deus do Carmelo, as sortes lhe disseram e garantiram que seus pensamentos e projetos, por mais extraordinários que fossem, venceriam. Um dos mais nobres cativos, no instante que o punham a ferros, não cessou de afirmar que cedo seria libertado pelo próprio Vespasiano, mas por ele feito Imperador de Roma. (Suetônio, *A vida dos doze Césares*, IV: 6)

Desta forma, inferimos que os testemunhos provenientes de outras fontes, nesse caso Suetônio, podem comprovar a distinção social de Josefo. O excerto acima retratou o contexto da campanha militar romana na Judéia, em que Vespasiano comandava as tropas romanas. Nesse ambiente, vários judeus foram feitos cativos, pois, de acordo com Suetônio, um dos mais “nobres” cativos não se cansou de afirmar que seria libertado por Vespasiano, à medida que se tornasse o novo Imperador romano. A partir destes pressupostos, inferimos que o “nobre” cativo, descrito por Suetônio, foi Josefo, já que se rendeu e, posteriormente, tornou-se prisioneiro dos romanos, após a queda de Jotapata (LEVICK, 1999, p. 32); além disso, suas seguidas e constantes enunciações de que Vespasiano seria o novo *Imperator* romano nos levam a esta interpretação (RAJAK, 2002, p. 18). De qualquer forma, esse trecho nos permite compreender a percepção de Josefo como um homem de distinção social entre os judeus. Dessa maneira, é recorrente darmos continuidade às argumentações de Josefo que evidenciam ainda mais o seu grau de elevação social. Segundo o testemunho de Josefo,

---

como todos aqueles que se interessavam pelas profecias ou, de modo geral, pelas questões referentes à sociedade judaica. Dessa forma, Tessa Rajak (2002, p. 18) atenta para os seus leitores em Roma, podendo ser romanos e até mesmo estrangeiros.

Nosso patriarca era Simão, que detinha o sobrenome Psellus. Este homem viveu no período em que o filho do sumo sacerdote Simão serviu também como sumo sacerdote, ele foi o primeiro dos altos sacerdotes nomeados por Hircano. Simão Psellus teve nove filhos. Um destes foi Matthias, conhecido como "de Epheus." Esse homem tomou para si a filha do sumo sacerdote Jonathes – o primeiro dos filhos da ascendência dos Hasmoneus a servir como sumo sacerdote – e irmão de Simão. Em seguida, no primeiro ano de governo de Hircano, ele [Matthias] tinha uma criança Matthias, de sobrenome Curtus. A partir deste homem veio Josefo, no nono ano do reinado de Alexandra; a partir de Josefo, Matthias, no décimo ano do reinado Arquelau; e eu de Matthias, no primeiro ano do reinado de Gaius Cesar. Eu tenho três filhos: Hyrcanus, o mais velho, a partir do quarto ano, Justus a partir do oitavo ano, e Agripa a partir do nono ano do reinado de Vespasiano César. Eu, portanto, apresento a sucessão de nossos ancestrais e o modo como a encontrei nos registros públicos, enviando uma saudação àqueles que tentam nos caluniar (Flávio Josefo. *Vita*, IX 1-6).

Por meio desse relato, Josefo apontou sua ascendência paterna proveniente de uma ligação com o grupo sacerdotal da Judéia. Segundo Josefo, o patriarca de sua família era um homem denominado Simão Psellus, sendo um dos sacerdotes nomeados por Hircano. Este sacerdote teve nove filhos, sendo Mathias um desses filhos e, segundo Flávio Josefo, esse homem se casou com a filha do sumo sacerdote Jonathes. Eles tiveram um filho denominado Mathias Curtus, dele veio Josefo e, posteriormente, surgiu Mathias, pai de Flávio Josefo. Assim, a narrativa de Josefo estabeleceu a sua genealogia paterna, demonstrando sua proximidade com os grupos sacerdotais. É interessante ressaltar a preocupação de Josefo em salientar que os registros de sua ancestralidade se encontravam em arquivos públicos e que a demonstração de sua ascendência estava vinculava ao seu interesse em provar a veracidade de suas origens àqueles que tentavam caluniá-lo. De qualquer forma, a distinção da família de Josefo poderia ser considerada elevada, já que ressaltou a utilização dos arquivos públicos para evidenciar a sua genealogia, sendo que essa característica envolvia famílias ligadas ao sacerdócio ou àqueles que pretendiam estabelecer vínculos matrimoniais junto ao ofício sacerdotal. Assim, existiam várias regras para que esses vínculos matrimoniais pudessem ser estabelecidos, estes destacados em *Contra Apião* (RAJAK, 2002, p. 20).

Mesmo descrevendo sobre sua ascendência, comprovada por arquivos públicos, podemos inferir uma questão cronológica que não estaria de acordo com os seus relatos. Por exemplo, quando Josefo retratou a união de Simão Psellus com a filha de Jonathes, essa união provavelmente ocorreu em uma geração posterior àquela narrada por ele (RAJAK, 2002, p. 16), uma vez que os fatos descritos relacionados à sua ascendência na *Vita* não obedecem a um rigor cronológico efetivo, mas a uma intencionalidade narrativa de Josefo em demonstrar e provar a sua origem de distinção entre os judeus (RAJAK, 2002, p. 16).

Evidentemente que a escolha de Josefo ao descrever esse contexto nos remete às possíveis desavenças que poderia estar sujeito. Assim, devemos considerar o período em que a obra foi produzida (por volta dos anos 94-101), pois sua elaboração implicou questões e motivações contemporâneas vivenciadas por Josefo. As análises do contexto de produção da *Vita* serão discutidas posteriormente, bem como as intencionalidades de Josefo em se colocar nesse relato. De qualquer forma, esse excerto (Flávio Josefo. *Vita*, IX 1-10) nos chama atenção pela sua preocupação em destacar e provar a sua ascendência sacerdotal, assim como a sua origem hasmoneia.

Francis Schmidt (1994, p. 68-69) apresenta importantes considerações acerca do ofício sacerdotal referentes ao período vivenciado por Josefo. Uma considerável enunciação diz respeito à organização do sacerdócio em alusão a própria composição espacial do Templo de Jerusalém, disposto nas seguintes partes:

[...] sagrado e profano, o espaço do Templo também o é em função do puro e do impuro. Entre o sumo sacerdote, único habilitado a penetrar no *Debir*, e o estrangeiro obrigado sob pena de morte a ficar no exterior da barreira que rodeia os lugares santos, a comunidade judaica, sacerdotes e leigos, homens e mulheres, se reparte pelos diferentes pátios do Santuário segundo seu maior ou menor grau de pureza (SCHIMIDT, 1994, p. 68-69).

Dessa forma, Schmidt (1994, p. 68-69) aponta sobre a própria disposição do Templo e as condições para o acesso a esses diferentes locais. Nisso empreendemos a figura do sumo sacerdote como uma posição de distinção social entre os judeus, uma vez que era o único habilitado a entrar em determinados locais do Templo, além dos sacerdotes, que também tinham acesso aos locais distintos em relação às demais pessoas que não exerciam o ofício sacerdotal. Apesar de retratar a organização espacial do

Templo e seus locais distintos, esse princípio compreende uma hierarquização, não apenas no sentido religioso, mas também sobre um preceito social. Nesses diferentes locais existiam átrios que permitiam a progressão de purificação, sendo que a passagem de um para o outro exigia novas condições de “pureza” por meio de rituais de purificação, como o banho, a alimentação e os sacrifícios, realizados por intermédio dos sacerdotes. A organização do Templo se dava em três átrios (SCHIMIDT, 1994, p. 69).

A despeito de discutir acerca da organização espacial do Templo de Jerusalém em três átrios, sua divisão compreendia igualmente a hierarquização da sociedade judaica em três grupos distintos, dispostos de modo tripartido entre os judeus (SCHIMIDT, 1994, p. 69). O primeiro era o grupo sacerdotal, responsável pelos ofícios diante do Templo e representantes das vinte e quatro famílias que constituíam a hierarquia sacerdotal (SCHIMIDT, 1994, p. 69). O segundo grupo se referia também às vinte e quatro famílias, porém, não detinham ocupações sacerdotais, mas eram as principais famílias aristocráticas de elevada distinção social. Por fim, o terceiro grupo era formado por mulheres e o restante da população masculina (SCHIMIDT, 1994, p. 69). Neste sentido, o Templo simboliza, em termos sociais, a comunidade judaica, com suas classificações, hierarquias, procedimentos de ascensão pelas relações de alianças na escala social, seus ritos de passagem e suas exclusões (SCHIMIDT, 1994, p. 69). Ora, a distinção social do ofício sacerdotal coloca em evidência a própria posição de Josefo, pois, como menciona em *Vita*, este se colocou como um sacerdote; além do fato de que sua família estava entre as que designavam esse ofício, retratada, por isso, como a primeira da hierarquia sacerdotal (Flávio Josefo. *Vita*, IX 1-3). Dessa maneira, refletimos sobre o ofício sacerdotal e de sua influência sobre a sociedade judaica. Vale lembrar que Josefo fez questão de se posicionar nesse grupo (RAJAK, 2002, p. 17), comprovando a sua ascendência por meio de registros públicos, porém, com a intenção de se mostrar como um homem de influência por intermédio de suas designações sacerdotais.

Podemos inferir outro fator de relevância social na Judéia do século I, nesse caso, Martin Goodman (1994, p. 49-51) alude sobre o ofício sacerdotal e também sobre os proprietários de terras na Judéia. Segundo sua argumentação, a relação de dominação entre Roma e Judéia, decorreu por meio da tentativa de aproximação dos romanos com uma “elite” local, sendo este grupo detentor de privilégios concedidos pelos dominadores. O autor ainda destaca a dificuldade em manter uma aliança com o grupo

sacerdotal, por ser distinto e dividido em diferentes seitas (*e.g.* Fariseus e saduceus), fator que dificultava uma aproximação coesa. Entretanto, os proprietários de terras foram enunciados como os possíveis privilegiados com a presença romana, destacados como parte de um grupo de relevância na Judéia (GOODMAN, 1994, p. 50). Assim, podemos concluir que tais proprietários eram de famílias influentes, social e economicamente, considerados, por isso, como um grupo distinto na Judéia. Em relação a isso, não podemos inferir que Josefo tenha sido oriundo de uma família detentora de terras, apesar de ser provável essa condição, aliás, ele se tornou proprietário de terras a partir de sua aproximação com Vespasiano e Tito, à medida que concederam terras e privilégios. Contudo, anterior à Revolta Judaica, Josefo não explicita essa condição em sua família, concentrou-se apenas em explicar e provar a sua ascendência hasmonéia e sacerdotal.

Destacamos, ainda, eventos que se sucederam à eclosão da Revolta Judaica, em especial a vida pessoal e a formação educacional de Flávio Josefo. Assim, de acordo com suas palavras, Mathias, seu pai

possuía distinção não apenas por sua ascendência, mas pelo seu reconhecido senso de justiça e por ser um homem de grande respeito em Jerusalém, a maior cidade da época. Contudo, fui educado junto a um irmão de nome Mathias, nascido em minha genuína família, irmão de parte de pai e de mãe. Eu me destacava em vasto progresso educacional, sendo a minha reputação de excelência, tanto na memória quanto no conhecimento. Ainda menino, na verdade, com aproximadamente 14 anos, costumava ser elogiado por todos, pois estava dedicado aos estudos: os principais sacerdotes e os principais homens da cidade, muitas vezes, se reuniam para compreender as questões da lei, mais precisamente com a minha assistência. (Flávio Josefo. *Vita*. II: 7-9).

O excerto acima remete à educação que Josefo afirmou ter tido, realizada juntamente de seu irmão Mathias. Josefo destacou que obteve grandes êxitos em sua formação, tendo as capacidades de memória e de inteligência consideradas excepcionais. Devido ao seu desempenho, Josefo afirmou que, com apenas quatorze anos de idade, possuía a admiração de muitos sacerdotes e homens distintos da cidade, pois a sua dedicação aos estudos proporcionou que muitos viessem a procurá-lo para obterem esclarecimentos acerca das leis judaicas. Dessa forma, a educação que Josefo

obteve foi tida como tradicional: era um costume das famílias “aristocráticas” a realização da educação das crianças em suas casas. A formação educacional visava muito ao exercício da memória, à medida que boa parte dos costumes judaicos privilegiava a tradição oral (RAJAK, 2002, p. 26-27). Segundo Josefo, sua educação sólida já o posicionava entre os mais distintos da cidade, já que muitos homens o procuravam para esclarecimentos e interpretações das leis, situação esta que retratava a sua base sacerdotal, pois tais esclarecimentos e entendimentos possibilitavam sua inserção no meio sacerdotal (RAJAK, 2002, p. 18). Dessa forma, Tesa Rajak (2002, p. 30) argumenta que a educação de Flávio Josefo foi proveniente de uma base farisaica, mesmo antes de ter decidido seguir essa seita aos dezenove anos de idade.

Ainda sobre a vida de Flávio Josefo anterior à Revolta, notamos sua inserção em diferentes segmentos sociais relacionados às diferenças ideológicas entre as seitas na Judéia. No capítulo anterior, analisamos a composição de três diferentes seitas presentes na Judéia: Fariseus, Saduceus e Essênios. Cada uma detinha a sua particularidade e influência sobre a sociedade judaica (HADAS-LABEL, 1991, p. 37-44). No que diz respeito a Flávio Josefo, de acordo com o seu relato autobiográfico em referência ao engajamento nessas diferentes correntes, pode-se afirmar que este procurou conhecer essas três seitas para, posteriormente, participar da vida pública entre os judeus. Vejamos o trecho a seguir:

Quando eu tinha uns 16 anos de idade, escolhi ganhar experiência nas escolas filosóficas existentes entre nós. Há três delas: a primeira, fariseus; a segunda, saduceus; e a terceira, essênios, como já dissemos muitas vezes. Desta forma, pretendia escolher a melhor [escola] – se pudesse examiná-las todas. Depois de muito esforço, passei pelas três. Quando descobri que um homem com o nome de *Bannus* fez sua vida no deserto, tornei-me seu devoto: vestindo roupas [feitas] de árvores, limpava os alimentos e me lavava frequentemente para a purificação com água gelada dia e noite! Quando eu tinha vivido com ele três anos e, por isso, satisfeito meu desejo, retornei à cidade no meu décimo nono ano e comecei a me envolver na vida pública por meio da escola filosófica dos fariseus, que é um pouco semelhante com o chamado estoico entre os gregos (Flávio Josefo. *Vita*. II: 10-12).

Assim, de acordo com Josefo, quando tinha por volta dos 16 anos de idade, tomou a iniciativa de ganhar experiência e vivência nas principais escolas filosóficas



(seitas) de seu povo. Pretendia ingressar na que fosse a melhor escolha, por isso partiu para vivenciá-las, experimentá-las e, posteriormente, escolher em qual ingressaria. Ainda nesse excerto, é possível percebermos a forma como ingressou na corrente dos essênios, com a qual, segundo Josefo, viveu aproximadamente três anos no deserto, sendo seguidor de um homem denominado *Bannus*. Nesse período, relatou que vestia roupas feitas de cascas de árvores, limpava os alimentos e se purificava com água. Após essa experiência, Josefo narrou que retornou à cidade aos 19 anos de idade e pretendia entrar para a vida pública, razão que o fez ingressar na corrente dos fariseus (RAJAK, 2002, p. 32). Apesar de relatar que conheceu profundamente as três seitas, Josefo optou pela corrente mais numerosa e de maior influência sobre a população e sobre os preceitos religiosos. A seita escolhida foi a dos fariseus (HADAS LABEL, 1991, p. 37). Dessa forma, as escolhas de Josefo confluíram para que ocupasse um local de destaque perante a sociedade judaica, sem deixar de citar que essas escolhas foram definidas a partir dos conhecimentos e das práticas vivenciadas. Isso ocorreu de acordo com o princípio da influência que os fariseus poderiam ter sobre a sociedade e sobre as demais seitas (HADAS LABEL, 1991, p. 38), dado comprovado por meio dos relatos de Josefo acerca de suas escolhas espirituais (Flávio Josefo, *Vita*. XII, 11-20). Dessa forma, inferimos que a escolha de Josefo em fazer parte dos fariseus demonstrava sua pretensão de ampliar a sua posição social.

Outro fato importante sobre a vida de Josefo refere-se a uma viagem que foi realizada a Roma quando tinha, aproximadamente, 26 anos de idade. Neste deslocamento, Josefo se concentrou em resolver assuntos internos da Judéia, especificamente o julgamento de alguns sacerdotes compatriotas. De acordo com suas palavras:

Depois do meu vigésimo sexto ano, de fato, coube a mim ir até Roma pela a razão que vai ser descrita. No momento em que Felix estava administrando a Judéia, havia certos sacerdotes, colaboradores próximos de minas e senhores que foram obrigados a enviar a Roma uma carga menor e incidental do que César tinha estabelecido. Querendo encontrar algum meio de resgate para estes homens, especialmente quando descobri que, mesmo em circunstâncias infelizes, não haviam abandonado a devoção para com Deus, mas foram sobrevivendo com figos e nozes, cheguei a Roma, depois de ter enfrentado muitos perigos no mar. Pois, quando o nosso navio foi inundado no meio do

Adriático, tivemos de nadar a noite toda. E quando pela provisão de Deus um navio cireneu apareceu diante de nós em torno da madrugada, eu e alguns outros – cerca de oitenta por completo – ultrapassamos os demais e subimos a bordo. Depois de termos chegado com segurança a Dicaearcheia, chamada pelos romanos de Puteoli, conheci *Aliturus*: este homem era um ator, requisitado especialmente por Nero, mesmo sendo um judeu por ancestralidade. Por meio dele me tornei conhecido por Popeia, a esposa de César, e, em seguida, muito rapidamente arranjei as coisas, apelando para ela libertar os sacerdotes. Depois de ter conseguido, após ter recebido enormes presentes de Popeia, além desse benefício, voltei para casa (Flávio Josefo, *Vita*. III: 13-16).

Com aproximadamente 26 anos de idade, Josefo foi a Roma em favor de alguns sacerdotes, que foram feitos cativos por fatores ligados ao envio de impostos não condizentes com os destacamentos romanos. Segundo Josefo, para chegar a Roma, a viagem enfrentou momentos conturbados, tendo o navio naufragado no Mar Adriático, obrigando os seus sobreviventes a nadarem por toda a noite; foram resgatados por um navio cirineu. Após esse resgate, chegaram a Puteoli, onde Josefo conheceu um homem denominado de *Aliturus*, pelo qual desenvolveu uma amizade. Este homem era requisitado por Nero, por suas atribuições artísticas, além do fato de possuir ascendência judaica. Por seu intermédio, Josefo teve a oportunidade de conhecer Popeia, a esposa do Imperador Nero, situação que permitiu à imperatriz tomar conhecimento das motivações de Flávio Josefo para a realização dessa viagem, oferecendo-lhe, por isso, presentes e benefícios em relação à causa dos sacerdotes cativos.

O trecho nos mostra a capacidade conciliatória de Josefo, uma vez que possuía as habilidades competentes de ser uma autoridade enviada a Roma para resolver questões pertinentes à Judéia. Pouco tempo antes de sua viagem, dez homens de Jerusalém, entre eles o sumo sacerdote e o tesoureiro do Templo, foram a Roma para solicitarem a construção de uma parede do Templo (RAJAK, 2002, p. 39). Outras incursões a Roma eram recorrentes, na tentativa de solucionar questões internas e desavenças com diferentes composições sociais; no caso específico da Judéia, várias incursões tinham por objetivo solucionar desavenças internas com os gregos (RAJAK, 2002, p. 39). Assim, aqueles que desempenhavam essas solicitações, em Roma, detinham algum tipo de influência ou distinção entre os judeus. Nesse grupo, incluiu-se um grande contingente de sumos sacerdotes e sacerdotes (RAJAK, 2002, p. 40). Nesse

sentido, Josefo se posicionou entre os homens mais destacados de Jerusalém, ao desempenhar uma função que extrapolava os limites da Judéia, estendendo o conhecimento de culturas diferentes e o entendimento sobre os destacamentos administrativos e legislativos romanos (RAJAK, 2002, p. 39). Em razão disso, Josefo chegou a Roma com uma sólida educação nos preceitos judaicos, já adepto da corrente farisaica (RAJAK, 2002, p. 44). Além disso, Josefo destacou a aproximação com Popeia, esposa do Imperador Nero, que, segundo seu relato, facilitou a resolução de questões que o motivaram à viagem.

As qualidades necessárias para exercer essa função requeriam uma sólida educação nos preceitos judaicos, bem como o conhecimento de uma língua estrangeira que permitisse o acesso às negociações com os romanos. Josefo vinha de uma ascendência distinta entre os judeus; fora a sólida educação nos preceitos judaicos, detinha também um diferencial para essa empreitada, que foi o conhecimento da língua grega, geralmente usada pelo campo administrativo romano no Oriente (HADAS LABEL, 1991, p. 60). Quanto ao aprendizado do grego por Josefo, não se sabe ao certo quando ocorreu, já que no relato da *Vita* existe uma lacuna entre os seus 19 e 26 anos de idade, não havendo nenhum relato nesse período. Provavelmente nesse ínterim tenha ocorrido o aprendizado da língua grega (HADAS- LABEL, 1991, p. 57). Sabemos, pois, que o conhecimento do grego foi um elemento importante para Flávio Josefo, à medida que, enquanto um historiador, utilizou a língua para descrever os relatos em suas obras. A formação em outra língua ou cultura para os judeus iniciava-se a partir do momento em que os conhecimentos referentes às instituições e às tradições judaicas estivessem solidificados (HADAS LABEL, 1991, p. 62). Dessa forma, na *Vita*, Josefo não faz menção aos estudos da língua grega. A partir deste silêncio, no entanto, não podemos tirar conclusões. Tal omissão era de se esperar, primeiro porque Josefo retratou apenas as principais fases de sua educação formal, sendo que sua educação foi tipicamente de um judeu com aspirações ao ofício sacerdotal; segundo porque era o seu propósito reforçar a afirmação de que sempre se manteve ligado aos interesses de seu povo. Dessa forma, torna-se um equívoco atribuir e empreender argumentos que foram excluídos da *Vita* (RAJAK, 2002, p. 46).

Após a sua viagem para Roma, Josefo não apresentou mais nenhuma característica que nos permita conhecer mais a sua vida, no que diz respeito ao que precede a Revolta Judaica. Posterior a isso, já começou a retratar o ambiente social da

Judéia, fator que impulsionou a guerra contra os romanos. Após os relatos da *Revolta na Vita*, Josefo destacou a sua relação com os Imperadores, mas retratou também a sua vida matrimonial. Vejamos o trecho a seguir:

Depois que Jotapata foi tomada em um cerco, fiquei sob a guarda dos romanos com toda consideração; Vespasiano me proveu com sua consideração e com todas as marcas de honra. Na verdade, dirigiu-se a mim e me aproximou uma virgem que estava entre os prisioneiros apreendidos em Cesaréia. Porém, ela não ficou comigo por um longo tempo, mas, quando eu já estava liberto, e viajei com Vespasiano para Alexandria, ela me deixou. No entanto, em Alexandria, tomei para mim outra mulher (Flávio Josefo, *Vita*. 76: 414-415).

Possivelmente no ano 56, Josefo desposou uma moça, sua primeira esposa, em um matrimônio que ocorreu antes do início da Revolta Judaica. Provavelmente, sua consorte teria morrido durante o cerco de Tito em Jerusalém (HADAS-LABEL, 1991, p. 57). Após esse casamento, Josefo teve mais três matrimônios.

Durante a ofensiva militar romana, Josefo desposou uma mulher judia que era prisioneira de Guerra. O casamento de Josefo com essa mulher ocorreu quando ainda era um prisioneiro de Vespasiano. Tal episódio nos oferece uma importante informação sobre o ofício sacerdotal que, provavelmente, Josefo exerceu, pois ele e nenhum outro sacerdote estavam autorizados a desposarem uma mulher que fosse ou estivesse em cativeiro. Assim, esse casamento ocorreu por ordem de Vespasiano, quando Josefo já estava livre. Sabe-se que Josefo foi deixado por essa mulher (RAJAK, 2002, p. 20). Não podemos inferir se Josefo ocupou, em termos efetivos, um elevado cargo sacerdotal; entretanto, de acordo com as suas origens e sua formação vinculada ao sacerdócio, possivelmente possuía os atributos para ser nomeado como um sumo sacerdote (RAJAK, 2002, p. 21). Portanto, o fato de não dar continuidade ao matrimônio com uma mulher que tinha sido cativa, empreendeu a sua ligação com as regras sacerdotais, apesar de o relato explicitar que foi a mulher quem o deixou (RAJAK, 2002, p. 20-21).

Per Bilde (1988, p. 53) ressalta esse segundo matrimônio determinado por Vespasiano. O casamento durou pouco tempo, pois a mulher o deixou no ano 69. A motivação para que o casamento não se perpetuasse, ocorreu, provavelmente, porque era contrário à lei judaica (*Contra Apião*, 1: 35; *Antiguidades Judaicas* 3: 276; *Antiguidades Judaicas* 13, 292), que proibia sacerdotes de se casarem com mulheres

judias, que houvessem sido prisioneiras de guerra (RAJAK, 2002, p. 20; COHEN, 2002, p.146-147). É importante notar que Flávio Josefo desposou outra mulher após o seu segundo casamento, à medida que sua condição já era de um homem livre; este novo matrimônio ocorreu quando acompanhou Vespasiano a Alexandria, local da realização do casamento (Flávio Josefo, *Vita*. 76: 415). Sobre o casamento com a mulher de Alexandria e a sua quarta esposa, citaremos *in extenso*:

Neste momento, também mandei que a minha mulher fosse embora, pois estava descontente com os seus hábitos. Ela era a mãe de três filhos meus, dos quais dois morreram, e um, a quem eu chamo de *Hycarnus*, ainda está conosco. Depois dessas coisas, tomei para mim uma mulher que, embora tinha sido estabelecida em Creta, possuía ascendência judaica de pais que eram os mais nobres e distintos daquela região. Em caráter que ela se destacou das demais mulheres, como a sua vida subsequente demonstrou. Desta esposa, nasceram para mim duas crianças: o mais velho *Justus* e depois dele Simonides, que tinha por sobrenome Agripa. Estes foram os meus assuntos familiares (Flávio Josefo, *Vita*. 76: 426-427).

O trecho acima faz referência ao terceiro e quarto casamento de Flávio Josefo, cujos relacionamentos proporcionaram descendentes. De acordo com Josefo, tinha se casado com uma mulher que o deixava “descontente por suas condutas”, dado que resultou em divórcio. Dessa união, Josefo teve três filhos e apenas um chegou à fase adulta, denominado *Hycarnus*. Supostamente, essa foi a mesma mulher com quem ele tinha se casado quando acabara de ganhar a sua liberdade e tinha ido com Vespasiano a Alexandria (Flávio Josefo, *Vita*. 76: 415). Esta foi a sua terceira esposa, casando-se entre os anos 69 e 70 e, posteriormente, divorciou-se entre os anos 70 e 71 (BILDE, 1988, p. 58). Após se divorciar dessa mulher, casou-se novamente com uma judia de Creta, que possuía uma ascendência distinta e de grande renome e reconhecimento na região. Segundo Josefo, essa mulher apresentava um comportamento de elevada consideração, sendo superior aos das demais mulheres. Com esta, Josefo teve mais dois filhos, Justo e Simonides, também conhecido como Agripa.

## II. FLÁVIO JOSEFO: OBRAS

A percepção de Flávio Josefo enquanto historiador se estabeleceu por meio de sua aproximação com a Dinastia Flaviana. No capítulo anterior, foi exposta a relação que Josefo obteve com os Imperadores Vespasiano, Tito e Domiciano, ao ponto de receber benefícios e isenções de tributos (Flávio Josefo, *Vita*, 76: 422-429). Outro fator resultante dessa proximidade foi a oportunidade de Flávio Josefo em se tornar um historiador, no qual, conquistou o apoio necessário para produzir as suas obras. Outro fator relevante foi o fato de Josefo tentar inserir-se no meio intelectual de Roma, em uma condição de Historiador. A aproximação com os Imperadores Vespasiano, Tito e Domiciano possibilitou o suporte necessário para torná-lo um historiador, da mesma forma que a utilização do grego em suas narrativas (LAMOUR, 2006, p. 31-40). Apesar de escrever, inicialmente, em aramaico a obra *Guerra dos Judeus*, foi, posteriormente, publicada em grego (DEGAN, 2010, p. 22).

Em termos cronológicos, a *Guerra dos judeus* foi a primeira obra a ser escrita por Flávio Josefo, elaborada por volta dos anos 75 – 79. Inicialmente foi escrita em aramaico e depois traduzida para o grego durante os Principados de Vespasiano e Tito (JONES, 2005, p. 201). Entretanto, a elaboração da obra não possuiu apenas a ligação autoral de Josefo, pois detinha também uma relação dele enquanto narrador e observador que vivenciou parte dos relatos descritos. Per Bilde (1988, p. 22) aponta que a *Guerra dos judeus* foi a primeira e principal obra de Flávio Josefo como historiador. Uma obra que foi descrita a partir de suas percepções na Guerra, descrevendo os eventos e desdobramentos desse conflito, em que, também, salientou circunstâncias relacionadas à história dos judeus em momentos precedentes ao da Revolta Judaica. O autor destaca as condições que permitiram Josefo elaborar suas obras. A sua vivência nos preceitos judaicos, no que se refere ao sacerdócio, pode ser apontada como um dos fatores que contribuiu para a sua capacidade descritiva e narrativa. Outro fator foi a sua experiência direta na guerra, seja como general ou prisioneiro, até mesmo após a Revolta, já que se encontrava na condição de protegido pelos romanos Vespasiano e Tito, circunstância esta que favoreceu a compilação de suas narrativas (BILDE, 1988, p. 65). Essas condições foram fundamentais para a produção de suas obras, principalmente, em *Guerra dos Judeus* e *Vita*, pois retrataram eventos vivenciados por seu realizador.

Em relação à temática da obra, a *Guerra dos judeus* apresentou a Revolta Judaica e suas implicações, bem como a queda de Jerusalém e de seu Templo. A revisão do seu conteúdo e o estudo da sua disposição demonstram que a catástrofe domina o trabalho, pois Josefo escreveu sobre um desastre indescritível. A queda de Jerusalém, assim como a destruição do Templo são eventos incompreensíveis e inconcebíveis, em que a obra pode e deve ser considerada como um esforço para compreender e descrever como esses eventos poderiam ter acontecido. A este respeito, a *Guerra dos judeus* é uma obra de trágica interpretação historiográfica (BILDE, 1988, p. 71-72). Desse modo, Bilde (1988, p. 72) ressalta que a temática da obra está ligada às experiências de seu autor, uma vez que Josefo desempenhou um papel na guerra e, neste contexto, ele foi uma parte do tema. Participou, igualmente, de outra maneira, pois, enquanto judeu, compartilhou a tragédia (BILDE, 1988, p. 72). Segundo Bilde (1988, p. 72), esses conteúdos podem ser empreendidos em algumas passagens da narrativa, sendo o prefácio do quinto livro um dos trechos que demonstram essa situação.

Assim, Bilde (1988, p. 73) propõe que Josefo pretendia ser objetivo ao elaborar um relato imparcial dos fatos da guerra. Mas, ao mesmo tempo, estava ciente de que a autenticidade era incerta para suprimir seus relatos pessoais. Sua intenção foi representar os fatos, "as ações de ambos os combatentes", mas, ao mesmo tempo, expressou suas próprias emoções nos desdobramentos da guerra, que poderia ter sido evitada. Assim, Josefo escreveu com tristeza os infortúnios do povo judeu, concomitantemente se esforçou para relatá-la com uma precisão meticulosa. Deste modo, o tema da *Guerra dos judeus* foi uma questão muito pessoal para Josefo (BILDE, 1988, p. 73).

Shaye Cohen (2002, p. 91) apresenta importantes discussões acerca da narrativa de Josefo sobre a Revolta Judaica. Sua consideração faz menção aos recursos utilizados por Flávio Josefo em se vangloriar ao longo da obra, utilizando argumentos que enunciam e enaltecem a sua própria grandeza. Tais argumentos objetivam apresentá-lo como um dos grandes generais da Judéia rebelde, em que a vitória de Vespasiano só começou a ser efetivada a partir do momento em que Jotapata foi sitiada e, com o aprisionamento de Josefo, a derrota da Judéia ocorreu de modo rápido e inevitável (Flávio Josefo, *Guerra dos judeus*, 3: 143-144). Até mesmo os judeus foram postos como testemunhas da grandeza de Josefo, sendo que a sua presença lhes dava a garantia de não sofrerem nenhum mal (Flávio Josefo, *Guerra dos judeus*, 3: 193-202). Retratou

também a falsa notícia de sua morte, que, segundo seu entendimento, gerou lamentações generalizadas na cidade de Jerusalém (Flávio Josefo, *Guerra dos judeus*, 3: 436-437). O autor ainda destaca a exaltação dada por Josefo à sua ocupação na função de general da Judéia rebelde. A opulência de Josefo foi caracterizada também por suas ações na Galiléia (Flávio Josefo, *Guerra dos judeus*, 2: 568-584), observando que outros dois indivíduos foram escolhidos para designar a mesma função que a sua; no entanto, Josefo omitiu tais informações, possivelmente como forma de manter o seu prestígio (COHEN, 2002, p. 92).

Outro fato significativo relatado na *Guerra dos Judeus* foi a dissociação entre Josefo e João de Giscala. Ambos foram generais contra os romanos e lutaram com um objetivo comum; entretanto, Josefo se esforçou em distanciar-se de João, relatando que este foi seu inimigo durante todo o período da Revolta Judaica (Flávio Josefo, *Guerra dos Judeus*, 2: 593-594, 599, 614-631). Além disso, Josefo afirmou que seus ideais sempre se mostraram contrários aos de João, já que este último foi apresentado como desleal (Flávio Josefo, *Guerra dos judeus*, 2:585-586). De acordo com a *argumentatio* de Josefo, João de Giscala enganava os mais abastados (Flávio Josefo, *Guerra dos judeus*, 2: 590), fingia ser o que não era (Flávio Josefo, *Guerra dos judeus*, 2: 614-617), uma vez que se tratava de um comandante pequeno com poucos subordinados em Tiro (Flávio Josefo, *Guerra dos judeus*, 2:588, 624-625). Assim, Josefo se exaltava em detrimento às discordâncias com João de Giscala (COHEN, 2002, p. 93).

Ademais, a percepção de general foi assinalada na obra ao demonstrar diferentes características no exercício da função; Josefo era apresentado como um modelo de general. Este não ressaltou que comandava um grande e bem treinado exército, em vez disso, enfatizou os aspectos de sua própria individualidade (COHEN, 2002, p. 94). Preferiu não matar os seus opositores (Flávio Josefo, *Guerra dos judeus*, 2: 620-623), não era um conspirador (Flávio Josefo, *Guerra dos judeus*, 2: 642). Devolvia os espólios para os proprietários legítimos (Flávio Josefo, *Guerra dos judeus*, 2: 646), seus inimigos eram motivados por ciúmes (Flávio Josefo, *Guerra dos judeus*, 2: 614, 620, 627) e a população de Jerusalém sabia que os encargos de João eram incorretos (*Guerra dos judeus*, 2: 627). Vemos também a habilidade de Josefo em escapar de situações perigosas, à medida que fugiu da ira dos habitantes de Táriquéia (Flávio Josefo, *Guerra dos judeus*, 2: 601-604). Dessa forma, Josefo enfatizou duas temáticas referentes às suas



ações como um general: a sua benevolência e habilidade em articulações militares e estratégicas (COHEN, 2002, p. 94).

É importante também observarmos a proximidade da *Guerra dos Judeus* com os romanos, principalmente com a dinastia flaviana, pois, assim como compreendemos, a narrativa também retratou os efeitos da Revolta Judaica, além da própria posição de Flávio Josefo, sendo que a vitória romana foi efetivada por intermédio de Vespasiano e de Tito, os mesmos que concederam os benefícios que permitiram a condição de elaboração de tal obra. Dessa forma, a *Guerra dos Judeus* se configura igualmente como uma apologia aos romanos, em particular, aos Flávios. Esse foi um fator de aproximação entre a dinastia flaviana com a obra *Guerra dos Judeus* e até mesmo com Flávio Josefo. Entretanto, não apenas por esse aspecto, mas também por ter sido uma obra encomendada por Tito, já que narrou os feitos dele e de seu pai durante a campanha militar romana na Revolta Judaica (BARNES, 2005, p. 139). Mesmo com forte teor de apologia aos romanos por meio de sua superioridade na guerra, essa narrativa revelou também o caráter pessoal de Josefo. Os privilégios dele ocorreram em favor da exaltação do poderio romano (BARCLAY, 2005, p. 320); assim, sua pretensão era de se tornar um historiador de destaque no meio intelectual no qual estava inserido, na condição de um estrangeiro que tentava se posicionar entre os eruditos em Roma. Não apenas a adoção do grego demonstrou a tentativa de Josefo de se inserir no meio intelectual de seu tempo, a busca por possíveis leitores de suas narrativas igualmente evidenciou isso. Entre tais escritos destaca-se a *Guerra dos Judeus* (JONES, 2005, p. 201).

Em uma temática diferente, a obra *Antiguidades* nos revela a abordagem de Josefo em evidenciar as ações dos judeus como relevantes para o mundo à sua época. A grande intenção da obra é ressaltar a cultura judaica, em especial após a derrota dos judeus para os romanos, pois a vitória romana deixou marcas profundas entre os judeus, como a destruição do Templo. Josefo tem uma importante relevância ao poder proporcionar aos judeus o caráter histórico por meio de sua escrita (DEGAN, 2010, p. 22). A sua publicação ocorreu por volta dos anos 94 - 99, adequando-se ao modelo grego de escrita da História, seguindo Heródoto e Tucídides, ao destacar as ações coletivas do povo judeu (JONES, 2005, p. 203). Não apenas em uma questão estética, mas pelo seu teor apologético sobre os judeus em retratar as suas origens, sendo que a intenção de Josefo foi colocar em evidência a história dos judeus por meio de sua

adequação narrativa, ou seja, a narrativa de Josefo obedeceu a um rigor estético que a aproximou dos modelos gregos de História, com forte conotação política e exaltação de atos coletivos. Observar o passado e relembrar a grandiosa história judaica significa superar os problemas momentâneos (ASSMANN, 2007, p. 207), como a derrota na guerra para os romanos.

Flávio Josefo esforçou-se em buscar possíveis leitores para suas narrativas e, para isso, era necessário adequar as suas obras a esse possível público. A utilização do grego em suas narrativas credenciava as suas obras em um patamar intelectual de seu período, bem como a temática narrada. Esse foi o caso da obra *Antiguidades Judaicas*, pois se tratava de uma produção em referência ao povo judeu. A partir desse contexto, Steve Mason (1998, p. 66) propõe que a motivação de Flávio Josefo em elaborar tal narrativa fundamentava-se em seu arrependimento, pois se tratava de um indivíduo que vivenciou os dois lados da guerra e os seus desfechos para com os judeus. Em razão disso, Josefo precisava demonstrar aos judeus sua lealdade para com a História, a lei e a cultura judaica. Assim, *Antiguidades* é um poderoso texto em apologia à história do povo judeu, elaborado, em parte, para reabilitar-se com os seus conterrâneos (MASON, 1998, p. 66). Apesar de tal preocupação de Flávio Josefo, a finalidade de seus trabalhos, seja na *Antiguidades* ou na *Guerra*, foi a preocupação com os gentios, ou seja, tais narrativas foram elaboradas para um público de “não judeus” (MASON, 1998, p. 66-68).

Independente das circunstâncias e motivações de Flávio Josefo, torna-se relevante compreendermos o conteúdo ao qual o possível público teria acesso, uma vez que essa narrativa poderia contar com parte da cultura judaica, esta exposta desde as suas origens até o momento contemporâneo de Josefo. Entretanto, não se tratou apenas de uma narrativa esclarecedora com declarações consistentes e pragmáticas, o que de fato pode ser empreendido como, meramente, formal, porém, suas incontáveis observações incidentais explicavam a linguagem básica da Judéia, bem como os costumes e leis, pois assumiam uma proximidade com os “gentios” (MASON, 1998, p.66-67). O autor não esperava que os seus primeiros “ouvintes” tivessem conhecimentos sobre as leis ou origens judaicas; reconhecia que essa premissa era própria de seus conterrâneos, que permitiriam manter acesso ao seu trabalho. Porém, esse alcance teria uma preocupação significativa, pois um leitor judeu poderia procurá-lo para corrigir os arranjos das leis (Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas*. 4: 197) (Cf.

MASON, 1998, p.66-67). Haveria, igualmente, a possibilidade, de esses leitores judeus serem categorizados, na afirmação de Josefo, como educados e conhecedores de suas origens e costumes (Flávio Josefo, *Contra-Apião*. 1: 42-43, 60) (MASON, 1998, p.66-67). Portanto, foram os gentios que precisavam de explicações elementares acerca da Judéia (MASON, 1998, p. 66-67). Todavia, é importante reconhecermos o público ao qual Josefo estava destinando a sua narrativa, seja ele composto por judeus ou de “gentios (não judeus). Esse público, principalmente os “não judeus”, estaria sujeito a compreender a *Antiguidades* como uma resposta às críticas proferidas contra os judeus, à medida que estariam tendo acesso a toda História judaica (MASON, 1998, p. 68-69).

Seguindo esse modelo de posicionar os judeus em um lugar de destaque na história, Josefo apontou a importância da cultura e da religião judaica em *Contra Apião*, respondendo às críticas feitas, em especial dos gregos. Esta obra revelou a proximidade de Josefo com a cultura judaica e, apesar da cidadania romana, pode-se perceber sua aproximação com os preceitos judaicos; aliás, Josefo não negou, em nenhum momento, as suas origens e costumes enquanto judeu. Nisso percebemos que Josefo continuou a se identificar com a cultura judaica (DEGAN, 2010. p. 22). Publicada por volta dos anos 94 – 99, a narrativa demonstrou que questões étnicas e pessoais poderiam estar presentes em suas obras (JONES, 2005, p. 203).

John M. Barclay (1998, p. 195) observa a relevância da obra *Contra Apião* para Flávio Josefo. Segundo o autor, essa narrativa tratou de uma importante estrutura retórica, a sua análise, portanto, empreende os dispositivos retóricos utilizados contra o seu “adversário”, o grego Apião (Flávio Josefo, *Contra Apião*, 2: 20-27). Desse modo, esse trabalho foi uma continuidade da temática da *Antiguidades Judaicas*, à medida que Josefo respondeu àqueles que não tiveram uma boa recepção de seu trabalho anterior, juntamente com as tentativas de anular as dúvidas remanescentes sobre a antiguidade do povo judeu; ademais, o autor refutou a argumentação de que a sua origem seria egípcia, além de outras calúnias proferidas contra a sua pessoa (BARCLAY, 1998, p. 196). Assim, uma das principais preocupações de Josefo foi a demonstrar a antiguidade do povo judeu diante da falta de referências à sociedade judaica nas narrativas gregas (BARCLAY, 1998, p. 196). Diante disso, boa parte de sua empreitada foi remover o opróbrio sobre os judeus, ao exaltar de modo apologético a causa judaica em recorrência aos críticos de seu povo. Os dispositivos retóricos de Josefo, por isso, partiam de uma postura defensiva (Flávio Josefo, *Contra Apião*, 1: 1-2, 144) a uma exaltação positiva

(Flávio Josefo, *Contra Apião*, 2: 96; 145), sendo esta apenas uma mudança de método dentro de uma mesma obra (BARCLAY, 1998, p. 196-197).

Tesa Rajak (1998, p. 222) propõe um debate voltado à condução da obra *Contra Apião*, no qual Flávio Josefo seguiu uma conduta de pensador político, ou seja, caracterizou essa narrativa por meio de um viés político, ao defender questões ligadas à história do povo judeu, bem como àquelas de ordem político-religiosa. Os méritos da ordem político-religiosa dos judeus foram invocados como parte da defesa do Judaísmo contra os seus adversários; o intelectual alexandrino, Apião, era o principal adversário de Josefo (RAJAK, p. 1998, p. 222). Dessa maneira, o primeiro dos dois livros demonstrou a superioridade da nação judaica, provando a sua antiguidade; o segundo livro foi dedicado, especificamente, à refutação de calúnias contra os judeus (RAJAK, p. 1998, p. 222). Nesse processo, Flávio Josefo preocupou-se em interpretar e defender os costumes dos judeus, no sentido da constituição judaica com suas prescrições para a vida em comunidade (RAJAK, p. 1998, p. 222). A impressão dada ao leitor é que os judeus viviam em um estado ideal, em um período que, na realidade, eram apátridas (RAJAK, p. 1998, p. 222).

Assim, Flávio Josefo elaborou as suas narrativas em diferentes circunstâncias, abordando temáticas distintas. É importante ressaltar sobre o direcionamento de tais obras, pois as diferentes temáticas poderiam atestar públicos diferentes, fato que ocorreu com o trabalho intelectual de Flávio Josefo. De qualquer forma, torna-se importante salientar a sua proximidade com os Flávios e o seu conhecimento da língua grega. Mais do que isso, as suas obras atenderam a motivações específicas, elaboradas em contextos específicos, possuindo características apologéticas, sejam elas para judeus ou romanos. Evidentemente, atrelada a estes aspectos está sua percepção pessoal, que possibilitou também a sua exaltação. A seguir, iremos fazer a análise de sua última obra, denominada *Vita*.

### III. VITA DE FLÁVIO JOSEFO: ASPECTOS SOBRE A COMPOSIÇÃO DA OBRA

A obra *Vita* foi a última a ser elaborada por Flávio Josefo, escrita por volta dos anos 94-101, demonstrou o caráter pessoal de Josefo, principalmente em referência às suas decisões, desavenças e preocupações com os desdobramentos da guerra. A sua argumentação também consiste na defesa contra as acusações daqueles que definiu como caluniadores de sua pessoa ou conduta (Flávio Josefo. *Vita*. IX 1-10). A *Vita* possuiu também uma relação pessoal, à medida que enfatizou a sua vida, principalmente, no decorrer da Revolta Judaica. Apesar de retratar aspectos importantes do conflito entre judeus e romanos, essa obra não possui um sentido histórico, porém, pessoal. Neste caso, os fatos históricos foram inseridos para enriquecerem a argumentação sobre a vida de Josefo (DEGAN, 2010, p. 23). Uma narrativa que revelou questões sociais, já que Josefo estava inserido em circunstâncias coletivas, influentes e até mesmo determinantes em sua vida. Também destacou as desavenças com os insurgentes judeus durante a Revolta Judaica, além de enfatizar as críticas e acusações que sofreu de Justo de Tiberíades (JONES, 2005, p. 203).

Per Bilde (1988, p. 104) pressupõe que a *Vita* teria sido a última obra elaborada por Flávio Josefo e publicada em anexo de outra obra, *Antiguidades Judaicas*. Na própria narrativa da *Antiguidades*, Josefo mencionou que, aparentemente, a *Vita* foi escrita em continuação a este trabalho e publicada em conjunto com ela (Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas*. 20: 259-261). Josefo fez, também, uma síntese do conteúdo da *Vita* na *Antiguidades Judaicas* (Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas*. 20,262-265), relatando sobre as suas realizações; ninguém, exceto Josefo, poderia efetuar este trabalho. Ainda narrou que, por parte de seus conterrâneos, teria sido reconhecido como o maior no que diz respeito à educação judaica (BILDE, 1988, p. 104-105). É relevante salientar que Josefo finalizou o relato da *Antiguidades Judaicas* descrevendo “com esta” (Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas*. 20: 267), que é uma referência para indicar a *Vita*, em uma pretensão de inferir seu relato autobiográfico na “*Antiguidades*” (Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas*. 20: 262-267), sendo este trecho uma suposição de que seu relato autobiográfico foi elaborado em apêndice dessa outra obra. Esta suposição também é confirmada por suas observações finais na *Vita* (BILDE, 1988, p. 104-105). Citemos *in extenso*:

Tendo recompensado você Epafrodito, o mais excelente dos homens, a todo registro das minhas *Antiguidades* até o presente, concluo minha narrativa aqui (Flávio Josefo, *Vita*. 76: 430).

O excerto acima foi a última passagem da *Vita*, em que Josefo fez referência a um estimado homem, denominado de Epafrodito, sendo a ele dedicado o texto completo das *Antiguidades*. Josefo ainda mencionou que ali finalizava o seu relato pessoal. Relacionado a esse contexto, Bilde (1988, p. 105-106) nos apresenta diferentes hipóteses, que surgiram durante distintos períodos históricos, acerca da publicação da *Vita*. A relação da *Vita* com a *Antiguidades* foi estabelecida como obras que possuem uma conexão de continuidade e de proximidade quanto à narrativa e seus suscetíveis eventos (BILDE, 1988, p, 105). Outro pressuposto foi relacionado no que diz respeito à atitude de Josefo em revisar as suas obras, assim como se observa em *Vita* e *Antiguidades* (BILDE, 1988, p, 105). Tais hipóteses salientam que poderia haver diferentes publicações de suas obras, bem como edições diferentes (BILDE, 1988, p, 105). Diante dessas hipóteses sobre as diferentes edições de Josefo, Bilde (1988, p. 105) propõe que a elaboração da *Vita* se relacionava a uma possível edição da *Antiguidades*, já que a obra foi publicada em forma de apêndice. Portanto, este foi fruto de um trabalho de edição de uma obra já publicada, uma vez que o relato autobiográfico foi apresentado em uma dessas edições, as quais apareceram por volta entre os anos 100 e 101. Entretanto, possivelmente, a principal razão para que a *Vita* fosse escrita foi em resposta ao trabalho de Justo de Tiberíades, que produziu uma crítica devastadora sobre as atividades de Josefo na Galiléia durante a Revolta Judaica, além de criticar as suas narrativas. Este foi um dos principais críticos de Flávio Josefo (BILDE, 1988, p. 105-106).

Dessa forma, Bilde (1988, p. 106) aponta que a *Vita* foi a última e menor obra de Flávio Josefo, dispondo apenas de um único livro. A estrutura da narrativa iniciou por meio da ascendência e linhagem familiar do autor (Flávio Josefo, *Vita*. 1-6). Na obra há uma breve descrição de sua infância, juventude e educação (Flávio Josefo, *Vita*. 7-12), assim como uma descrição de sua viagem a Roma (Flávio Josefo, *Vita*. 13-16). A passagem posterior descreveu o contexto de Jerusalém em momentos precedentes ao da Revolta Judaica (Flávio Josefo, *Vita*. 17-27).<sup>20</sup> Assim, os eventos destacados por Josefo demonstraram a sua preocupação em evidenciar episódios fundamentais por ele

---

<sup>20</sup> Os trechos da *Vita* que ilustram as argumentações de Bilde (1988) já foram expostos anteriormente no tópico sobre a vida de Flávio Josefo.

vivenciados, fatos estes essenciais para a composição da obra (BILDE, 1988, p. 107). Em outra passagem, podemos observar Josefo retratando a sua liderança na Galiléia, na função de general. Vejamos *in extenso*:

Quando Cestio foi derrotado, como já foi narrado, os principais homens de Jerusalém observaram que os bandidos e os insurretos estavam bem providos de armas. Ficaram ansiosos com essa situação, pois estavam desarmados e foram deixados à sorte de seus adversários (foi o que ocorreu posteriormente). Eles descobriram que a Galiléia tinha sido desertora dos romanos, portanto, uma parte dela ainda se mantinha pacífica. Então, enviaram a mim outros dois sacerdotes, Joazar e Judas, para persuadir os maldosos a abandonarem suas armas e para instruí-los de que era preferível reservarmos-los aos distintos da nação. Ficou acordado que estes últimos iriam se manter armados, constantemente prontos para o futuro, mas iriam esperar pacientemente para conhecer o que os romanos fariam. (Flávio Josefo, *Vita*. VII: 28-29).

O excerto acima aponta sobre a designação de Josefo como um comandante da Galiléia, evento que incorreu após a derrota de *Galus* contra os judeus. Josefo descreveu o ambiente da Galiléia, apoderada pelos oportunistas (“bandidos”) e insurretos. Uma situação que teve a consequência de muitos pegarem em armas e se prepararem para um novo ataque dos romanos. Segundo Josefo, ele e mais dois sacerdotes foram designados a chegarem à região com a intenção de convencerem os insurretos a largarem as armas e deixarem que essas desavenças fossem resolvidas pelos mais distintos do povo judeu. Per Bilde (1988, p. 106-107) aponta que a partir desse relato, a *Vita* priorizou as ações de Josefo como um líder galileu, um líder conciliatório, à medida que tentou evitar um confronto contra os romanos e, à *posteriori*, destacou as suas ações como comandante, até a chegada de Vespasiano em Ptoleimada (BLDE, 1988, p. 106-107). Assim, Josefo iniciou uma longa seção de seu relato autobiográfico que acentuava os seus destacamentos na Galiléia (Flávio Josefo, *Vita*. 30-413).

Segundo Per Bilde (1988, p. 107), essa longa seção da *Vita* possui um paralelo com outra obra de Flávio Josefo, a *Guerra dos judeus*. Para o autor, o paralelo se deu em relação ao contexto apresentado, uma vez que os destacamentos da Galiléia ocorreram durante os desencadeamentos da Revolta Judaica, entendidos como uma forma de colocar em destaque o comando designado por ele na Judéia rebelde. Dessa forma, essa longa seção da *Vita* (Flávio Josefo, *Vita*. 30-413) apresentou parte do

contexto da Revolta judaica na perspectiva pessoal de Flávio Josefo, enquanto comandante galileu (BILDE, 1988, p. 107). A longa repartição que retratou o comando galileu foi concluída em, de acordo com Bilde (1988, p. 107), uma “passagem de transição”, em que esse trecho estabelece uma referência à *Guerra dos judeus*, à medida que o leitor foi informado do que seria capaz de encontrar, sendo uma continuação da história na qual Josefo estava enfatizando em seu relato autobiográfico (BILDE, 1988, p. 107). Em relação a essa “passagem de transição” da *Vita*, vejamos o excerto a seguir:

Ora, quanto à maneira em que isso se sucedeu e como ele empreendeu a primeira batalha comigo, próximo às aldeias de Garis; como a partir daí me retirei para Jotapata, as coisas que aconteceram comigo durante o cerco deste lugar, a maneira como fui capturado vivo e preso, bem como eu estava livre, na verdade, todas as coisas que me aconteceram durante a Guerra da Judéia e no cerco de Jerusalém foram relatadas por mim com precisão nos volumes a respeito da *Guerra dos judeus*. Porém, considero necessário para complementar o registro aqui descrito com alguns acontecimentos acerca da minha vida que não registrei na *Guerra dos Judeus* (Flávio Josefo, *Vita*. 74: 412-413).

O excerto acima faz menção à chegada de Vespasiano na Judéia, observando o confronto dele contra Josefo. Circunstância que obrigou o historiador a se refugiar em Jotapata, onde, posteriormente, foi capturado e feito prisioneiro após a vitória romana no sítio de Jotapata. Josefo salientou que as circunstâncias do cerco de Jotapata, bem como a sua captura e seu relacionamento com os Flávios, após o desfecho da Revolta Judaica, foram retratados com precisão em sua outra obra, a *Guerra dos judeus*. Esse foi o momento em que Josefo quis enfatizar sobre outros fatos de sua vida, em que não estavam descritos na *Guerra dos Judeus*, sendo a sua preocupação evidenciar os fatos pessoais posteriores à Revolta Judaica. De acordo com Bilde (1988, p. 107), esse é um trecho de transição da *Vita* de Flávio Josefo, pois foi nesse momento em que deixou de retratar o cotidiano do seu comando na Galiléia para acrescentar fatos importantes acerca de sua vida pessoal, após os eventos da Revolta Judaica, como a sua aproximação com os Imperadores flavianos (Flávio Josefo, *Vita*. 76: 428), os seus casamentos (Flávio Josefo, *Vita*. 76: 414-415) e os benefícios recebidos dos Imperadores (Flávio Josefo, *Vita*. 76: 422-423).

Assim, para Bilde (1988), a estrutura da *Vita* decorreu em função de duas preocupações de Josefo: a primeira se concentrou em enfatizar a sua vida fora do



contexto da Revolta Judaica, seja anterior ou posterior à guerra. A outra preocupação ocorreu em evidenciar o seu curto período de general rebelde na Judéia, destacando as suas ações no comando Galileu, caracterizando, assim, a composição de grande parte de sua autobiografia (BILDE, 1988, p. 107). O autor ainda nos apresenta uma divisão categórica da *Vita* no que se refere às suas abordagens: Josefo e sua ascendência e linhagem (Flávio Josefo, *Vita*. 1-6), sua juventude e educação (Flávio Josefo, *Vita*. 7-12), a viagem a Roma (Flávio Josefo, *Vita*. 13-16), o contexto de Jerusalém antes da eclosão da Revolta em 66 (Flávio Josefo, *Vita*. 17-29), Josefo na Galiléia (Flávio Josefo, *Vita*. 30-413), Flávio Josefo no acampamento romano (Flávio Josefo, *Vita*. 414-421), Josefo em Roma (Flávio Josefo, *Vita*. 422-429) e a conclusão da *Vita* (Flávio Josefo, *Vita*. 430). Assim, estas seriam as temáticas recorrentes da *Vita* (BILDE, 1988, p. 107). Dessa forma, mesmo abordando diferentes situações de sua vida, Josefo concentrou sua narrativa autobiográfica no contexto galileu, manifestando-se como forma de um relato completo de suas atividades nesse período, embelezando-a com um certo número de breves notas autobiográficas que foram dadas a título de introdução e conclusão (BILDE, 1988, p. 108). Em relação a essa temática, Bilde (1988, p. 108) propõe duas linhas de pensamento a respeito da *Vita*. A primeira argumenta que a obra não seria uma verdadeira autobiografia, mas sim algo diferente do que pretende ser e, na segunda argumentação, a *Vita* deve ser entendida como uma autobiografia de natureza muito peculiar, em que tudo de importância ficou centrada em torno de um contexto decisivo na vida de seu autor (BILDE, 1988, p. 108).

Em relação à primeira suposição, Bilde (1988, p. 108) propõe que a *Vita* seja, aparentemente, uma autobiografia. Na realidade, o livro foi algo inteiramente diferente, ou seja, tinha a finalidade de defender-se das acusações de Justo Tiberíades. As suas acusações referiam-se a Josefo como o responsável pela revolta da Galiléia contra Roma, acusando-o de ter abusado de sua condição de líder na região, ao exercer a tirania e a obter privilégios pessoais após a Revolta (BILDE, 1988, p. 108).<sup>21</sup> Além disso, o próprio relato de Josefo retratou a acusação de Justo em referência à adesão de Tiberíades na Revolta. Vejamos o relato da *Vita*:

---

<sup>21</sup>Autores como Drexler, H., 'Untersuchungen zu Josephus und zur Geschichte des jüdischen Aufstandes 66-70', *Klio* 19 (1923-1925), pp. 277-312 e Schaht'Wannschrieb Josephus die Vita.>' (Hebr.), *Zion* 5 (1933), pp. 174-87. [1933a].) compreendem parte da tradição historiográfica defendendo a hipótese de que uma das motivações da elaboração *Vita* seria o fato de estar voltado para a defesa de suas ações.

Como então, *Justus*, o mais impressionante entre os escritores – por isso você vangloria a si mesmo – (Falo assim, a fim de que eu possa me dirigir a ele como se estivesse presente), como pude eu, e também os galileus, como os instigadores de sua terra natal, estar contra Roma e contra o Rei? Para já, antes da minha eleição como o general da Galiléia pela assembleia geral dos habitantes de Jerusalém, você e todos os habitantes de Tiberíades não só tinham pegado em armas, mas, você mesmo estava fazendo guerra contra as dez cidades (Decápolis) da Síria. De qualquer modo, você incendiou suas aldeias e teu servo caiu nessa empreitada. Essas coisas eu não digo só, mas, também, estão escritas nas notas do *Imperator* Vespasiano, quando Vespasiano estava em Ptolleimada: os habitantes das dez cidades (Decápolis) clamaram, pedindo-lhe para autorizar uma punição para o instigador de tudo. E você poderia sofrer o castigo ordenado por Vespasiano se o Rei Agripa, que detinha o poder de te condenar a morte, não tivesse mudado a sentença por um longo período de prisão, atendendo às súplicas de sua irmã Berenice. Além do mais, suas atividades públicas subsequentes expuseram, claramente, o outro lado de sua vida, pois causaram o engajamento de sua terra natal a desertar contra os romanos. Vou apresentar as determinadas provas dessas coisas em breve (Flávio Josefo. *Vita*, 65: 340-344).

Dessa forma, o fragmento acima abordou a distinção entre Flávio Josefo e Justo de Tiberíades. O trecho utilizado por Bilde (1988) ressalta as rivalidades entre os dois e demonstrar a hipótese sobre a proposição da *Vita* enquanto uma obra de resguardo da conduta de Josefo. Bilde (1988, p. 108) refuta a referida hipótese, pois, conforme sua visão, a argumentação contra Justo se concentrou em demonstrar que Josefo não foi o responsável por levar a cidade de Tiberíades para a Guerra contra os romanos. De qualquer forma, é relevante analisarmos o trecho acima, pois nos permite compreender as divergências entre Josefo e Justo de Tiberíades. Inicialmente, Josefo questionou a acusação, destinada a ele e também aos galileus e sobre a responsabilização da insurreição de Tiberíades contra os romanos e contra o Rei Agripa. Posteriormente, Josefo contestou o argumento de Justo ao afirmar que, antes ser nomeado General da Galiléia, a cidade já se encontrava armada e em um confronto contra a Decápolis da Síria. Josefo continuou argumentando que Justo incendiava aldeias de sua região e que, em uma dessas ações, perdeu um servo. Para caracterizar a sua alegação, Josefo ainda mencionou que tais afirmações não eram ditas apenas por sua pessoa, mas também nas

*Memórias* de Vespasiano e também os habitantes das cidades de Ptoleimada e Decápolis clamavam para que Justo fosse condenado por considerarem-no o responsável de tudo o que havia acontecido. Josefo continuou destacando que Justo só não foi condenado por Vespasiano por causa do Rei Agripa, quando Berenice, irmã do Rei, pediu-lhe clemência; a sua pena, por isso, foi apenas a um período em prisão. Por fim, Josefo evidenciou que a conduta de Justo não era considerada boa perante o público, e que o seu apoio à Revolta judaica levou a cidade de Tiberíades a um confronto contra os romanos, sendo Justo, segundo Josefo, o principal incitador na cidade.

É importante destacar que os argumentos apresentados por Flávio Josefo, em decorrência a Justo de Tiberíades, ocorreram no contexto de sua narrativa autobiográfica, já que sua argumentação pretendia defender a si mesmo contra as acusações de Justo, no que diz respeito à adesão de Tiberíades na Revolta Judaica. De qualquer forma, esse trecho da *Vita* demonstra a relação de Josefo com Justo de Tiberíades, visto como um importante fator para a elaboração dessa obra de teor autobiográfico.

Em relação à segunda hipótese de Bilde (1988), acerca da motivação de Josefo para a elaboração de sua autobiografia, observamos que essa obra ficou concentrada em um contexto decisivo na vida de Josefo. A narrativa estabeleceu uma ênfase sobre sua vida durante a Revolta Judaica, bem como as consequências desse conflito para acontecimentos decisivos em sua vida. Entre esses eventos, não somente a queda de Jerusalém e de seu Templo, descritos na *Guerra dos judeus*, são mencionados, mas o período em que Josefo exerceu a função de general na Galiléia, fato considerado destaque em sua vida, também mereceu destaque, uma vez que desempenhou, pela primeira e última vez, um papel de liderança na história de seu povo (BILDE, 1988, p. 109-110). Esta foi uma observação que pode talvez sustentar, apesar da distribuição desigual do conteúdo da *Vita*, o princípio de uma narrativa autobiográfica (BILDE, 1988, p. 110). Assim, Bilde (1988, p. 110) propõe que o conteúdo da *Vita* está em proximidade com a *Antiguidades judaicas*, sendo o seu conteúdo uma continuidade da outra obra; de qualquer forma, a sua temática estabelece o vínculo pessoal de Josefo por meio de suas experiências vivenciadas.

Steve Mason (1998, p. 60) nos apresenta profícuas discussões acerca da *Vita* de Flávio Josefo, já que sua base de discussão estabelece a proximidade entre as obras *Vita*

e *Antiguidades Judaicas*. O ponto central de sua argumentação se concentra na condição de historiador que Flávio Josefo exerceu, condição esta alcançada a partir de sua proximidade com a dinastia Flaviana. Entretanto, o fato de ter morado em Roma e de estar próximo ao círculo de convivência dos Imperadores favoreceu para que tais relatos fossem elaborados. Ora, o relato *Antiguidades judaicas* foi compilado anterior a *Vita*, porém o autor defende que uma das motivações, para que essa obra apologética sobre os judeus fosse realizada, seria o interesse de comunidades judaicas em Roma e, até mesmo, de comunidades “não judaicas” em conhecer a história do povo judeu. Em razão disso, o autor propõe que Josefo detinha um público que receberia as suas obras, fossem eles judeus ou “não judeus”. Dessa forma, a *Vita* foi elaborada em apêndice de outra obra já publicada; deste modo, os fatos da vida de Josefo passariam a ser visualizados em uma narrativa de bastante relevância, no que se refere em número de leitores.

Assim, a *Vita* passa a ter uma percepção de continuidade da *Antiguidades Judaicas*, demonstrando também que a proposição das duas obras se distanciam da *Guerra dos judeus*, esta considerada a sua obra de grande destaque e repercussão, por se tratar de uma apologia aos romanos e, especificamente, às ações de Tito e Vespasiano (MASON, 1998, p. 66). Com uma exaltação voltada ao povo judeu e não aos romanos, a *Antiguidades Judaicas* não se referia, estritamente, à posição de Josefo com os Flávios, pois tal narrativa não se concentrou sobre os feitos dos Imperadores. Evidentemente, a posição de Josefo com os Imperadores flavianos permitiu a elaboração das narrativas; entretanto, Mason (1998) salienta que as propostas narrativas foram diferentes; Josefo não necessariamente manteve uma apologia aos romanos em todas as suas narrativas; portanto, a proximidade com os Imperadores foi fundamental para que elas fossem compiladas, fossem de engrandecimento aos romanos ou aos judeus. De qualquer forma, o autor propõe que a condição de historiador de Josefo também dependeu de seu relacionamento em Roma, ainda mais ao se tratar de narrativas com abordagens não referentes aos Flávios. Assim, obras como *Antiguidades* e *Vita* foram equivalentes quanto ao contexto vivenciado por Josefo ao elaborá-las, já que poderiam retratar um momento não muito próximo dos Imperadores. A essa proposição, Mason (1998, p. 66-67) observa sobre um possível distanciamento de Josefo com os seus patronos Imperiais, em um momento que a elaboração desse relato atestou um novo período da vida de Josefo, identificando a *Vita* como complementação desse relato, dedicando-a, pois, a um novo patrono, Epafrodito (Flávio Josefo, *Vita*. 76: 430). Essa

proposição foi exposta por Mason (1998) ao enunciar o que parte da tradição historiográfica do século XX<sup>22</sup> compreendia sobre a posição de Flávio Josefo em Roma, dado este significativo para depreender o contexto vivenciado pelo historiador.

É importante empreendermos a aproximação de Mason (1998) e Bilde (1988) no que se refere à compreensão da *Vita* enquanto uma obra de aproximação e continuação da *Antiguidades Judaicas* (BILDE, 1988, p. 105; MASON, 1998, p. 66). Dessa forma, os autores atestam sobre essa proximidade entre ambas as obras, o que torna evidente a forma como a *Vita* foi publicada, em anexo da *Antiguidades judaicas*. Assim, o debate se conflui nessa relação em delinear uma obra como continuidade da outra.

Ainda sobre as proposições de Mason (1998), um aspecto enriquecedor nesse debate ocorre quando expõe as implicações de Josefo ao elaborar suas narrativas, em especial a *Vita*. Ainda colocando-a em confluência com a *Antiguidades Judaicas*, no que se refere às obras de complementação e continuidade, sendo que o seu ponto de análise se concentra no fato de Josefo escrever em grego. Esse fator transpareceu também na erudição de Josefo, enquanto intelectual que escrevia em língua estrangeira; isto na sociedade judaica implicava um profundo conhecimento de seus preceitos, ao ponto de estarem solidificados em suas leis e costumes (HADAS LABEL, 1991, p. 62). Indicava, portanto, a adequação de Josefo em um ambiente estrangeiro; nesse ambiente, muitos de seus leitores compreendiam a língua grega e poderiam ser os possíveis leitores de suas obras (MASON, 1998, p. 66-68). Em relação à *Vita*, a utilização do grego pode inferir esse aspecto de alcançar um número maior de leitores, ainda mais se considerarmos que a sua autobiografia foi uma narrativa em apêndice de outra obra já publicada anteriormente, e que esta já detinha possíveis leitores. Deste modo, o seu relato autobiográfico estaria acompanhando uma obra já publicada e conhecida de um possível público, uma vez que a sua publicação na língua grega acompanhava e alcançava os leitores da *Antiguidades*.

Flávio Josefo, entretanto, tinha as suas motivações para que tal relato fosse publicado, ainda mais sobre as suas desavenças com Justo de Tiberíades; este fato foi apontado como um dos fatores para que essa narrativa fosse elaborada e publicada

---

<sup>22</sup> Relacionado a essa tradição historiográfica do século XX, Mason (1998) enuncia autores e seus respectivos trabalhos como Henry St. John Thackeray, *Josephus: the Man and the Historian* (New York: Ktav, 1967 [1929]), p. 52.; Laqueur, *Der jüdische Historiker*, pp. 258-61; Hans Rasp, 'Flavius Josephus und die jüdischen Religionsparteien', *ZNW* 23 (1924), pp. 27-47.

(BILDE, 1988, p. 108). Mason (1998, p. 68) salienta, porém, que a obra de Josefo estava chegando a um público alvo, mesmo que em apêndice da *Antiguidades judaicas*, podendo ser apreciada na língua grega. Todavia, a possível apreciação de seus escritos teria a possibilidade de indicar um público alvo: romanos ou até mesmo judeus. Portanto, aproveitando dessa circunstância, Josefo passou a ter uma oportunidade de revelar ao público os fatos significativos de sua vida, bem como as suas ações, em ocasiões que julgava importantes. Dessa forma, os seus leitores teriam a oportunidade de conhecer as enunciações de Josefo acerca de diferentes assuntos de sua vida, como a distinção com Justo de Tiberíades, o seu governo na Galiléia, a função de general, que designou durante a Revolta Judaica, e sua ascendência e educação perante a sociedade judaica. Sendo estes alguns dos diversos assuntos que podiam ser observados na *Vita* por diferentes leitores. Assim, a utilização do grego não se restringia, apenas, a uma motivação intelectual, mas, sim, por sua capacidade de abranger um público já conhecedor das obras de Josefo. Este, provavelmente, queria expor esses fatos de sua vida para um número maior de pessoas, já aproveitando parte de seus leitores. Isso se tornou uma boa implicação na defesa contra os seus “caluniadores”, demonstrando que a elaboração da *Vita* poderia ser fundamental para a forma que seria dada o seu reconhecimento.

Relacionado aos possíveis leitores de Josefo, Cotton & Eck (2005, p. 41-42) apresentam a hipótese de que Josefo não tinha muitos leitores, seja em Roma ou entre os judeus, e que as condições que permitiram as suas publicações estavam muito vinculadas a sua proximidade com os Flávios. Os autores continuam a sua argumentação demonstrando que Josefo pertencia a um grupo de pessoas que eram próximas ao Imperador, tratadas como parte da “elite” romana; esta situação, evidentemente, era vulnerável, pois variava de acordo com as intenções de cada Imperador. A proposição dos autores é relevante, porque procura atestar uma multiplicidade cultural, étnica, econômica e social dentro do Império romano, bem como evidencia a situação de Flávio Josefo como uma exemplificação dessa multiplicidade, já que se encontrava na condição de um estrangeiro próximo aos Imperadores. Apesar de nos apresentar esse interessante debate, é importante pontuarmos as questões referentes aos possíveis leitores de Josefo e de suas publicações estarem fortemente vinculadas aos Flávios. Em relação aos leitores de Flávio Josefo, tanto Bilde (1988) quanto Mason (1998) afirmam que as publicações de suas obras estavam sujeitas a um considerável número de leitores, romanos ou judeus; tais obras

abordavam diferentes temáticas que poderiam despertar interesses de diversos leitores em sua apreciação.

Dessa forma, aqueles que se mostraram interessados em assuntos abordados por Flávio Josefo deveriam ter acesso às obras de uma forma que propiciasse a sua leitura; assim, inferimos que essas circunstâncias se tornaram uma das motivações da utilização do grego em sua escrita, abrangendo, deste modo, um número considerável de leitores. Nisso, empreendemos que a obra *Antiguidades Judaicas* retratou a história do povo judeu; foi, igualmente, apreciada por aqueles que poderiam se interessar por assuntos ligados à história e à cultura judaica. Em relação à *Guerra dos judeus*, empreendemos que era uma obra que possuía um caráter apologético relacionado aos Flávios, na medida que a delegação de Tito para a compilação da obra poderia atrair um número maior de leitores.

No que diz respeito à proximidade de Josefo com os Flávios, realmente é procedente a *argumentatio* de Cotton & Eck (2005, p. 41-42) acerca do apoio dos Imperadores para com Flávio Josefo. Essa condição de proximidade, porém, não ficou apenas restrita à dinastia flaviana, já que é possível perceber a aproximação de Josefo a outros grupos, bem como a suposta obtenção de apoio de outros indivíduos. Foi o que salientou Bilde (1988, p. 104-105) a respeito da dedicação de Josefo, inserida na *Vita*, a Epafrodito. Ainda sobre essa dedicação de Josefo a Epafrodito, Mason (1998, p. 66-67) ressalta que a publicação do relato autobiográfico de Josefo, em apêndice da obra *Antiguidades Judaicas*, marcou uma possível relação de patronato com o homenageado. Podemos então inferir que essa relação de Josefo poderia incluir outras pessoas, demonstrando que o seu ciclo social estaria, talvez, muito além dos Imperadores flavianos. De qualquer forma, esse debate nos demonstra as diferentes situações em que Flávio Josefo, supostamente, estaria envolvido, bem como o círculo social do qual, provavelmente, faria parte. Tais fatores possivelmente seriam determinantes aos destacamentos de suas obras e, ao mesmo tempo, permitiriam a participação de Josefo no mesmo grupo leitor de seu relato autobiográfico.<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> Ainda sobre a *Vita*, Shaye Cohen (2002) aponta importantes reflexões no que diz respeito às suas implicações. Diferente de Bilde (1988) e Mason (1998), Cohen (2002) analisa a *Vita* em paralelo com outra narrativa de Flávio Josefo, a *Guerra dos judeus*, partindo da hipótese de que o seu relato biográfico se concentrou, essencialmente, em eventos relacionados à Revolta Judaica, principalmente durante o período que Josefo designou o comando rebelde na Galiléia. Dessa maneira, o autor ressalta esse espaço de tempo vivenciado por Josefo como um fator relevante em sua vida, ao ponto de ser retratado em obras

#### IV. FLÁVIO JOSEFO: NARRATIVA, RETÓRICA E MEMÓRIA.

É importante compreendermos o processo de elaboração de narrativa de Josefo, pois, assim como entendemos, descreveu eventos históricos, tornando-os discursos históricos. Como mencionamos anteriormente, inspirou-se em Heródoto e Tucídides, retificada por ações coletivas que exaltavam os períodos narrados, sendo enriquecidos por grandes feitos e realizações (HARTOG, 1999, p. 10). Dessa maneira, as narrativas históricas retratavam ações coletivas, visando à exaltação e à manutenção de sua memória viva, pois, como propõe Urian Gerbera Silva (2008, p. 71), as narrativas historiográficas, além de seguirem o modelo grego, privilegiavam os acontecimentos vividos pelos homens. Contudo, a narrativa histórica permitia a perpetuação das ações coletivas, posta em forma de escrita em um processo de validação e comprovação de ações que decorreram em um determinado período histórico. Obter dados históricos, por isso, decorre da consonância com a perpetuação da transcrição de tais dados, legitimados pelo poder da escrita da História. Essa característica era mais evidente no modelo narrativo de Tucídides, com a preocupação em ações coletivas e militares, colocando os indivíduos e suas ações em segundo plano na narrativa histórica (SILVA, 2008, p. 72-73).

Essa perspectiva de escrita, histórica ou épica, associava-se em “atos de preservação e comunicação da memória”, permitindo um espaço de permanência social (MITRAUD, 2007, p. 17). Desta maneira, entendemos que a narrativa histórica estabelecia uma relação com as ações coletivas, já que essa aproximação caracterizava-se por uma perspectiva historiográfica voltada à perpetuação dos feitos assinalados, não mantendo uma preocupação com a veracidade dos fatos transcritos; a abordagem historiográfica, portanto, era uma prática literária. A narrativa poderia incorporar ações não condizentes com os eventos transcritos e sua elaboração, possivelmente, incorporaria relatos míticos. Assim, a relação entre a escrita historiográfica e a realidade

---

com abordagens distintas, *Guerras dos Judeus* e *Vita*. Assim, as relações da *Vita* com a *Guerra dos judeus* se aproximam por estarem focadas em um mesmo contexto relatado, entretanto a motivação para que cada narrativa fosse elaborada se distinguiu, sendo a *Autobiografia* uma obra de caráter pessoal, distanciando-se do caráter apologético aos romanos, implícito na *Guerra dos judeus*.



histórica talvez decorresse de uma forma múltipla ou complexa, pois os eventos do passado advinham de um processo de observação e, deste modo, eram retratados em uma transcrição, uma maneira de conceber a autoridade do texto (FELDHERR, 2009). Dessa forma, a narrativa histórica proporcionava a legitimidade de uma transcrição, mesmo decorrentes de ações “inverídicas”, pois tais complementavam, ratificavam e amparavam uma determinada narrativa.

Portanto, não devemos empreender a percepção historiográfica com a historiografia crítica/moderna contemporânea. No entanto, o ofício do historiador na Antiguidade constituía a sua capacidade argumentativa a partir de seus dispositivos retóricos, situação que lhe conferia credibilidade e autoridade. Dessa maneira, as enunciações descritivas ou enunciações orais dispunham-se por meio de normas de persuasão, de convencimento, para alcançá-las, o historiador ou orador detinha uma preocupação voltada à linguagem, podendo ser a disposição das palavras, as suas diversas combinações possíveis e as estruturas das orações e ritmos (GONÇALVES, 2014, p. 2). Esse debate é relevante, à medida que Josefo relatou, em suas obras, dados de teor histórico, principalmente no que se refere às obras como Guerra dos Judeus e Antiguidades judaicas, estas elaboradas a partir de ações coletivas, seja em favor dos judeus, como ocorreu na *Antiguidades Judaicas*, ou em favor dos romanos, como aparece em Guerra dos judeus. Vale ressaltar que, nesse modelo narrativo, composto de fatos históricos, Flávio Josefo aproximou-se da narrativa de Tucídides, ao privilegiar ações coletivas tanto na Guerra dos judeus, quanto na *Antiguidades Judaicas*.

Em *Vita*, Flávio Josefo colocou em evidência sua intencionalidade pessoal, pois, como entendemos, trata-se de uma obra autobiográfica. Em termos narrativos, esta obra não estaria ligada a uma perspectiva histórica, já que retratou as ações individuais de seu autor, ou seja, o indivíduo diante das ações coletivas. Nesse contexto, Alex Degan (2010, p. 23) atesta que essa narrativa se mantém distante das outras obras de Flávio Josefo, pois não se posicionava em uma escrita histórica; porém, encontramos alguns eventos de caráter histórico, legitimando, dessa forma, a sua escrita autobiográfica. Isso implica a utilização das ações históricas enquanto processo de retificação da narrativa; ou seja, os fatos descritos acerca da vida de Josefo possuem um caráter histórico que comprova a sua veracidade, tornando-o um indivíduo destacado em ações coletivas, em que sua argumentação histórica comprovou os seus atos pessoais. De outra forma,

Josefo estaria perpetuando a sua própria memória, na medida em que foi seu elaborador, atestando-a com comprovações históricas.

John M. G. Barclay (2005, p.315-332) atenta sobre a utilização de recursos retóricos nas obras de Flávio Josefo: argumentos, ataques aos seus adversários e apelações aos seus leitores. A retórica também foi um processo de demonstração de ambiente ao qual Josefo pertencia, já que a sua condição de estrangeiro em Roma poderia estar sujeita às restrições e constrangimentos nas relações de poder (BARCLAY, 2005, p. 315). Desta maneira, observamos que as relações estabelecidas poderiam influenciar na apreciação das obras. Assim, autores contemporâneos de Josefo detinham a preocupação de construir um vínculo social, possibilitando a inserção de suas narrativas em um espaço de visualização, podendo ser recitadas ou lidas. Dessa forma, a realização da leitura de uma obra se vinculava ao estabelecimento de relações entre os grupos sociais (CAVALLO, 1998, p. 77). Contudo, é relevante compreender o momento em que as narrativas foram elaboradas, bem como os seus leitores e, também, o seu ambiente.

Dessa forma, as produções narrativas de Josefo dependeriam de sua capacidade intelectual, ao mesmo tempo em que, inserido em um ambiente estrangeiro, teria que se adequar à erudição grega e romana (BARCLAY, 2005, p. 316). Relacionado a esse fator, percebemos que Josefo teve a capacidade intelectual de posicionar as suas narrativas nesse ambiente estrangeiro, por contar com possíveis leitores em Roma (MASON, 1998, p. 66-68), bem como possuir proximidade com homens de influência, além dos Imperadores flavianos (BILDE, 1988, p. 107) e do domínio do grego (HADAS LABEL, 1991, p. 62). De qualquer forma, Josefo teria que apresentar aspectos da cultura judaica por meio da erudição grega e romana (BARCLAY, 2005, p. 316), destacando obras como *Contra Apião* e *Antiguidades Judaicas*. Assim, o posicionamento de Josefo em Roma atestou a sua capacidade de adequação em um ambiente estrangeiro, permitindo-lhe construir os seus relacionamentos com diferentes setores sociais em Roma.

Acerca dos recursos retóricos utilizados por Josefo, percebemos que a utilização de dados históricos legitimava as suas obras, mesmo em narrativas com características pessoais como a *Vita*, pois tais referências acrescentavam aspectos de veracidade em suas descrições. John M. G. Barclay (2005) propõe que diferentes recursos em obras

distintas foram adotados como situações retóricas, a exemplo de *Contra Apião*.  
Vejam *in extenso*:

Também merece admiração a extraordinária sagacidade de Apião pelo que irei retratar. Ele afirmou que as nossas leis não são distintas e que não adoramos ao Deus único como se deve, por achar que somos servos e não escravos, uma vez dominados por uma nação e outras por outra nação, e que nossa cidade tem sofrido diversas desgraças. Como se estivessem acostumados, desde a Antiguidade, a serem donos da cidade mais propícia a governar, bem como pelo fato de não estarem dominados pelos romanos nesse momento. Quem poderia tolerá-los com obrigações semelhantes? Entre os demais homens, nada poderia ser admitido, pois o discurso de Apião não se dirige convenientemente a si mesmo. Poucos povos tiveram a oportunidade de dominar durante certo período, e a eles também puderam sofrer o julgo estrangeiro: os povos, em sua maioria, já estiveram submetidos a outros. Somente os egípcios tiveram o privilégio excepcional de não servirem a nenhum de seus dominadores da Ásia e Europa, porque os seus deuses, segundo o que dizem, se refugiaram em seu país e se salvaram adotando figuras de animais, eles que não tiveram um só dia de liberdade em nenhuma época, nem sequer com os seus próprios reis (Flávio Josefo, *Contra Apião*, 11: 125-128)

No excerto acima, Josefo rebateu as críticas de Apião, proferidas ao compreender as leis judaicas como não distintas, além da condição de dominados que os judeus, constantemente, se encontravam. Para rebater tais críticas, Josefo expôs a condição de dominação, característica esta vivida por todos os povos, além de enfatizar a condição dos gregos, que também se encontravam sob a dominação romana, de forma semelhante aos judeus. Para Barclay (2005, p. 327), Josefo utilizou do dispositivo retórico da distração, pois, quando retratou os egípcios, tirou o foco da crítica de Apião e centralizou a sua narrativa em um assunto distante das críticas recebidas e da própria defesa dos judeus (Flávio Josefo, *Contra Apião*, 11: 127-128), além de servir-se da ideia de contraste. Vale ressaltar que, a partir de dispositivos retóricos, Josefo ignorou os questionamentos de Apião, enfatizando os momentos de autonomia dos judeus (BARCLAY, 2005, p. 327).

Em *Guerra dos Judeus*, Josefo ressaltou a interferência divina na história do povo judeu, já que a vitória romana foi permitida em decorrência da ação divina

(BARCLAY, 2005, p. 329); sabe-se que esse fato ocorreu em consequência da culpa posta sobre os judeus que profanaram o Templo de Jerusalém; foram, por isso, os responsáveis pelo desfecho da Guerra. Josefo não responsabilizou os romanos pelos resultados da Revolta (BARCLAY, 2005, p. 331). De acordo com suas palavras, havia se lembrado

dos sonhos que tivera, nos quais Deus lhe fizera ver as desgraças que sucederiam aos judeus e os felizes resultados obtidos pelos romanos, pois sabia explicar os sonhos e ver a verdade no meio das trevas, a qual Deus muitas vezes se compraz em esconder e como ele era sacerdote, também conhecia as profecias que estão nos livros santos (Flávio Josefo. *Guerra dos Judeus*, 24: 266).

De acordo com o trecho acima, Josefo destacou a sua função sacerdotal ao observar os seus sonhos que lhe davam uma interpretação ao estar próximo à divindade dos judeus. Porém, o historiador destacou as ações romanas na Guerra, demonstrando, dessa forma, a vontade de Deus nos desencadeamentos do conflito, sugerindo que a responsabilidade acerca dos efeitos da Revolta seria dada aos próprios judeus. Assim, os romanos não foram os responsáveis pelos resultados da Guerra, mas, sim, os próprios judeus. John M. G. Barclay (2005, p. 331) propõe que Josefo utilizou um dispositivo retórico em favor dos romanos, não os responsabilizando pelos resultados da guerra, à medida que a história do povo judeu estava sujeita a essas interferências e entendimentos (BARCLAY, 2005, p. 329). Sabemos, pois, que Josefo valeu-se de diferentes passagens para exaltar a si e até mesmo os romanos; este fato é considerado um importante mecanismo na composição de sua obra. No que se refere à exaltação do poderio romano, faz a seguinte afirmação:

Então, tentei conter os insurgentes designando-os a pensar novamente. Deveriam, em primeiro lugar, observar com quem iriam fazer uma guerra (Flávio Josefo, *Vita*, 4: 17).

Nesse momento, Josefo demonstrou o panorama político na Judéia, momentos antes da eclosão da Revolta Judaica. Entretanto, o excerto coloca em evidência o recurso argumentativo empregado por Josefo para mostrar que a Guerra seria contra um inimigo forte e bem treinado. De qualquer forma, essa foi uma utilização retórica para ressaltar a força e superioridade romana (BARCLAY, 2005, p. 326). Na mesma

narrativa, percebemos outra passagem em que Josefo relatou sobre a sua apreciação a respeito dos preceitos judaicos:

Após a minha chegada na Galiléia, me inteirei desses acontecimentos por intermédio de relatores, escrevi para o Sinédrio de Jerusalém pedindo instruções sobre o que deveria fazer. Aconselharam-me que ficasse ali, mantendo os meus companheiros enviados, se assim estes desejassem, para que me ocupasse da Galiléia (Flávio Josefo, *Vita*, 12: 62).

Assim, o comando Galileu foi exercido por Josefo após a derrota de *Gallus*. Nesse excerto, podemos perceber a preocupação de Josefo em se inteirar dos assuntos recorrentes da Galiléia, ao ponto de pedir instruções aos seus superiores. Dessa forma, compreendemos a questão da submissão retratada por Josefo, pois foi uma situação que demonstrou sua vinculação com as autoridades de Jerusalém e seu respeito para com as instituições judaicas. Sendo este mais um recurso empregado e destacado por Josefo em sua narrativa, com propósito de ressaltar a sua conexão e submissão com as autoridades judaicas. Ainda em *Vita*, Josefo narrou o seu apoio popular a partir da seguinte argumentação:

Os galileus, assim como muitos outros da região, já tinham se revestido de armamentos quando perceberam que aquele homem era pernicioso e transgressor de juramentos, por isso apelaram a mim para que eu pudesse levá-los contra ele, oferecendo o seu fim e o da Giscala também (Flávio Josefo. *Vita*, 21: 102).

Esse trecho apresenta uma das inimizades de Josefo, neste caso a de João de Giscala. Dessa forma, pretendeu enfatizar o apoio obtido dos galileus, ao ponto de pedirem a autorização de Josefo para perseguirem João de Giscala, bem como eliminá-lo. Desta maneira, compreendemos outra forma enunciativa de Josefo, na qual fez alusão a um possível apoio popular que teve entre os galileus, ao ponto de estes designarem ações contra os seus supostos “inimigos”. No entanto, utilizou deste atributo para demonstrar sua afinidade com a população, evidenciando um aspecto de apoio popular entre os habitantes da Galiléia.

Além da compreensão da narrativa histórica e de seus dispositivos retóricos, devemos também propor, nessa dissertação, a discussão do gênero biográfico em *Vita*. O conceito de “biografia” é uma denominação recorrente ao final da Antiguidade, oriunda do termo grego “*bios*”, que era usado para designar narrativas sobre a vida e

feitos de um indivíduo (MOMIGLIANO, 1971, p. 12). Assim, considerarmos que a narrativa histórica permitia a perpetuação das ações coletivas, por meio da escrita como um processo de validação e comprovação de ações que decorreram em um determinado período histórico, pois, como entendemos, a ação individual poderia ser comprovada em termos históricos. Logo, a aproximação entre história e biografia ocorria pela legitimação dos relatos de caráter pessoal e, evidentemente, esse gênero possuía um caráter apologético ao biografado.

Em uma perspectiva diferente, Joseph Geiger (2011) propõe uma discussão voltada à elaboração do gênero biográfico à época de Augusto. Segundo o autor, as motivações para que esse gênero se difundisse ocorreu entre o fim da República e início do Império, com uma característica direcionada à exaltação pública (GEIGER, 2011, p. 233). Dessa forma, a construção biográfica decorria da visão de seu narrador, ou seja, a construção de uma biografia estava sujeita às motivações e preferências em relação às abordagens de temas, podendo ser um trabalho de seleção de fatos e ações. Sobre essas premissas, a biografia se tornou uma alternativa para a promoção pessoal de um determinado indivíduo, sendo uma forma de perpetuar a memória do biografado, tornando-se, desse modo, imprescindível à posição política que visava a “autopromoção”. As biografias não são apenas descrições de um biografado, mas um gênero com intencionalidades de memória e perpetuação (GEIGER, 2011, p. 234). Segundo Geiger (2011, p. 242), a partir de Augusto, as biografias tornaram-se um repositório de memória, à medida que pretendia perpetuar as ações individuais do biografado. Estas narrativas tinham por objetivo a exaltação do biografado, por intermédio da seleção de ações e realizações (GEIGER, 2011, p. 243) que, em relação a Augusto, promoviam as ações do *Princeps*, caracterizando-se como uma forma de propagação e exaltação (GEIGER, 2011, p. 246-247).

Apesar de retratar um modelo biográfico com aspirações políticas (GEIGER, 2011), a biografia mantém o aspecto de preservação da memória do biografado, já que os atos e feitos ali descritos visam perpetuar as suas ações para a posterioridade. Além desses elementos, Geiger (2011, p. 250) enuncia as influências das biografias no século I e mostra a influência grega em Roma. Acerca dessa temática, Vivien J. Grey (2011) evidencia importantes argumentos relacionados à escrita biográfica na Grécia Clássica. O autor destaca as diferentes motivações para uma escrita biográfica na Grécia Clássica, retratando-a como uma questão complexa. No entanto, o gênero biográfico, segundo

Grey (2011), surgiu por volta do século IV a. C na Grécia, a fim de evidenciar ações individuais (GREY, 2011, p. 3). Contudo, uma autobiografia é regularmente associada à exaltação retórica e também à contrição; dado que representa o desejo de defesa ou de justificativa do autobiógrafo no sentido de explicar suas intenções e ações em um mundo que não as compreende; isto, de certo modo, justifica suas atitudes. Existem muitos problemas na definição do *auto*, que é o assunto da autobiografia.

José M. Candau (2011, p. 124) considera o caráter biográfico uma modalidade literária com aspirações políticas, sendo estas bem definidas a partir do século I a. C. Concentrando a sua análise na sociedade romana, o autor propõe que esse foi um dos períodos em que as divisões dos segmentos sociais romanos, bem como as disputas políticas pelo poder, atingiram o seu ponto mais elevado (CANDAU, 2011, p. 124). Dessa forma, Candau (2011, p. 124) enuncia que o caráter apologético e o esforço dos autores para justificar atos públicos foram elementos primordiais no surgimento do gênero autobiográfico em Roma. Assim, consideramos a importância desse gênero no que diz respeito à perpetuação individual diante das ações coletivas, tornando o indivíduo parte de grandes realizações, representando, igualmente, um esforço político de exaltação pessoal. Evidentemente que a análise de Candau (2011) retrata um período diferente da biografia de Josefo, porém, as motivações de tal gênero se assemelham, mesmo que em períodos distintos, à medida que retratam ações individuais em contextos coletivos, ao mesmo tempo em que perpetuam a memória do biografado.

Dessa forma, compreendemos as variadas influências do gênero biográfico a que Josefo estava sujeito, estas consideradas premissas fundamentais para o seu processo de escrita, pois o seu relato biográfico se inspirou nesses modelos de exaltação própria e até mesmo de defesa de calúnias. De qualquer forma, em nosso entender, a descrição autobiográfica de Josefo estabeleceu uma relação de proximidade com as suas lembranças e recordações, pois se tratou de uma obra elaborada a partir de suas ações em diferentes períodos de sua vida. Assim, a *Vita* apresentou etapas distintas da vida de Josefo, porém, a sua concentração descritiva incorreu por meio de suas experiências na Revolta Judaica. Somando-se a isso, o período de elaboração da obra foi importante, assim como o fato de ter narrado eventos de caráter coletivo (e.g. Revolta Judaica) em uma perspectiva pessoal, cujas fontes dessa narrativa se relacionavam às suas percepções e recordações. Independentemente de sua escrita autobiográfica, entendemos a relevância de questões ligadas à memória em Flávio Josefo à medida que construiu

representações do passado e, além disso, permitiu que suas recordações fizessem parte da estrutura de sua narrativa, transformando a escrita em um meio de perpetuação de seus atos.

Assim, entendemos que a memória levava e conferia os feitos do passado em uma perspectiva de “imortalidade”, por meio de uma remodelação de sentido do passado, exigindo dos autores o significado do presente, determinando não apenas o que lembrar, mas como deveria ser lembrado (GOWING, 2005, p. 10). Dessa forma, a escrita se construía nessa perspectiva, pois os fatos retratados caracterizavam a intencionalidade de eternizar uma recordação. Dessa maneira, a forma como se dava a escrita no mundo antigo detinha esse caráter de lembranças, inserindo feitos ou ações em um meio social com a finalidade de que não fossem esquecidos. A escrita estava vinculada à lembrança, escrevia-se para lembrar (GAGNEBIN, 2006, p. 11). Diante disso, as produções textuais no mundo antigo desejavam imortalizar o vivo, mantendo sua lembrança para o futuro, por meio de um processo de codificação e de fixação. Desse modo, a memória dos homens se infere a partir de dois focos: a transmissão oral viva, que poderia ser efêmera e frágil, e o legado escrito, que perduraria (GAGNEBIN, 2006, p. 11).

Dessa forma, empreendemos a *Vita* de Josefo como uma obra cujas lembranças são ressaltadas; fato que ocorre no próprio ato de recordar para escrever, como também na estrutura da narrativa, que se materializava por meio da escrita sobre as suas lembranças, bem como sobre as suas recordações descritas em uma narrativa com argumentos selecionados que exaltavam a si mesmo (GEIGER, 2011, p. 234). Sem dúvidas um trabalho de memória que incluiu lembrar, selecionar e esquecer, porém, perpetuar, igualmente, algo por meio da escrita, extraída desse exercício de memória. Assim, compreendemos que o ofício da memória se torna uma reconstrução contínua e atualizada do passado, muito mais do que uma reconstituição fiel do mesmo (CANDAU, 2011, p. 09). Portanto, a relação com o passado não é livre, já que este pode ser gerido, conservado, explicado, narrado, comemorado e, até mesmo, odiado. Celebrado ou ocultado, o passado é um investimento fundamental ao presente. A relação com o passado está vinculada às experiências do presente; estas determinantes à experiência de “revivermos” e de “retratarmos” esse passado. Assim, inferimos que Josefo determinou as suas ações passadas em um processo seletivo, visando corroborar



a si mesmo em um ambiente coletivo, motivado, evidentemente, por questões contemporâneas. Vejamos *in extenso*:

Eu, portanto, apresento a sucessão de nossos ancestrais de modo como a encontrei nos registros públicos, enviando uma saudação para aqueles que tentam nos caluniar (Flávio Josefo. *Vita*, I: 6).

Partindo desse trecho, podemos pensar sobre uma motivação de Josefo ou talvez sobre um problema que estivesse passando entre os anos 94 e 101, uma vez que foram os prováveis anos de elaboração da *Vita*. É evidente que existiam pessoas que estavam proferindo-lhe críticas, sendo Justo de Tiberíades o seu principal crítico (BILDE, 1988, p. 108). Entretanto, o que queremos evidenciar é esse suposto problema de Josefo com aqueles que buscavam difamá-lo, ao ponto de ele deixar isso claro em sua autobiografia, na medida em que, a partir desse panorama, teve a oportunidade de relembrar ações individuais que enalteciam a sua pessoa. Para isso, Josefo voltou ao passado e buscou realizações que foram exercidas por ele, a fim de justificar as suas ações e defender as críticas que lhe eram proferidas. Em um processo de seleção, construiu o seu passado fundado nas circunstâncias vivenciadas no presente, estas determinantes para alcançar o resultado. Dessa forma, o que Josefo iria deixar “imortalizado” por meio de sua escrita (GOWING, 2005, p. 10) se relacionava à circunstância em que o relato foi produzido, uma vez que este foi um processo seletivo de um passado vivenciado, determinando a si mesmo para a posteridade.

Em relação a essa discussão, Fernando Catroga (2009) apresenta profícuas discussões acerca do posicionamento do indivíduo perante a relação com suas ações do passado, elucidadas em sua memória individual. O autor discute questões individuais ou associadas ao próprio indivíduo, sintetizadas na percepção do “eu”. Sua proposição trata das experiências as quais o “eu” pode estar sujeito em um processo de interação com o meio vivenciado, ou seja, o “eu” está estabelecido em um contexto coletivo, portanto, suas experiências não são totalmente individuais, embora possam ser individualizadas. Dessa forma, Catroga (2009) define:

A formação do *eu* será, assim, inseparável da maneira como cada um se relaciona com os valores da(s) sociedade(s) e grupo(s) em que se situa, bem como com relação ao modo como, à luz do seu passado, organiza o seu percurso como *projecto* (CATROGA, 2009, p.15).

A relação do individual com o coletivo decorre de um aspecto indissociável com os valores do grupo ou da sociedade, demonstrando a relevância desse passado vivido no meio coletivo para a caracterização do indivíduo no presente ou no futuro. Assim, os aspectos do passado são fundamentais para a formação do indivíduo, bem como as suas intencionalidades em caracterizar as suas definições e suas implicações a serem perpetuadas.

Essa discussão se aproxima de Flávio Josefo, principalmente no que se refere ao debate da *Vita*, pois ali observamos uma obra focada em alguns eventos de sua vida. Levando em consideração que a narrativa autobiográfica no mundo antigo possuía um caráter de seleção (GEIGER, 2011, p. 234), podemos então inferir que na *Vita*, a preocupação principal de Josefo foi demonstrar os eventos da Revolta Judaica. Nisso, percebemos que o autor estava inserido em um meio social, dentro de ações coletivas, porém, esse meio retratado influenciou suas ações e comportamentos pessoais (CATROGA, 2009, p.15). Entendemos, portanto, que a sua individualidade foi notadamente marcada por eventos coletivos; não se trata de demonstrar apenas as suas ações, mas, sim, de justificar e esclarecer o que Josefo considerou importante demonstrar, já que o passado continuava presente em sua perspectiva.

Dessa forma, a questão do período em que a narrativa foi elaborada demonstrou as influências da memória na vida de Flávio Josefo. Considera-se que a *Vita* foi elaborada por volta dos anos 94 e 101, retratou assuntos vivenciados pelo autor no decorrer dos trinta anos anteriores à publicação da obra. Este processo ocorreu não apenas como parte de uma rememoração, mas também como um sistema de seleção, no qual os fatos descritos compunham um relato de caráter pessoal. Selecionar eventos, implicou construir a si mesmo, já que sua memória seletiva destacou ações que lhe seriam proveitosas.

Se compreendermos a biografia como um gênero de exaltação (GEIGER, 2011, p. 234), com critérios de seleção que permitem tal premissa (GEIGER, 2011, p. 234), Josefo elaborou o seu relato com o propósito de perpetuar a si mesmo. Em um período em que as biografias eram obras encomendadas e elaboradas por eruditos que poderiam estar próximos ou distantes do biografado, mas de qualquer forma, geralmente, a compilação não envolvia o biografado. Em relação a isso, Geiger (2011, p.246) aponta as produções biográficas no período de Augusto, geralmente elaboradas por biógrafos.

Portanto, o gênero biográfico da *Vita* de Josefo apresenta uma peculiaridade, à medida que o próprio biografado foi quem elaborou a obra. Dessa forma, Josefo promoveu a si mesmo e perpetuou a si mesmo, em um processo de memória seletiva pessoal, visando organizar da melhor forma um relato sobre si.

Assim, enunciamos a relevância de compreender os aspectos que estavam ligados a Josefo, uma vez que permitiram e favoreceram a elaboração de suas narrativas. Variados fatores contribuíram nesse processo de produção de suas obras, como a sua posição social entre os judeus, designando atributos ligados ao ofício sacerdotal, e até mesmo uma viagem a Roma, ocasião na qual precisou solucionar questões ligadas à Judéia. Evidentemente, esses atributos demonstram a posição social que Josefo detinha na sociedade judaica, visto que era considerado um indivíduo de elevada distinção. No entanto, a eclosão e o desdobramento da Revolta Judaica colocaram-no em circunstâncias para além dos judeus, pois a partir daí obteve uma proximidade com os Imperadores Flavianos, além de benefícios como isenção de impostos, acesso a terras e obtenção da cidadania romana. De qualquer forma, a condição de Josefo em Roma e a forma como se retratou em sua autobiografia serão assuntos abordados posteriormente.

**CAPÍTULO III**  
**FLÁVIO JOSEFO E REFERÊNCIAS NA VITA**

## I. DOMUS E FAMÍLIA

No capítulo anterior, fizemos uma análise acerca dos aspectos da vida pessoal de Flávio Josefo que se vinculavam à Revolta Judaica, bem como à ascensão dos Flavianos. À época da revolta, foi general; ao cair nas mãos dos romanos, no chamado cerco de Jotapata, e ao profetizar a futura posição de poder de Vespasiano Josefo obteve benefícios como a concessão de terras, o recebimento de uma pensão e a cidadania romana (Flávio Josefo, *Vita*. 76: 422-423). Na condição de cliente imperial e em homenagem à *domus* Flaviana, passou a ser chamado Flávio Josefo. Deste modo, é necessário fazer uma reflexão crítica sobre os conceitos de família e *domus*, pois, assim como compreendemos, a família congregava relações pessoais, sociais, econômicas, culturais e políticas na sociedade romana; ademais, a família imperial representava as relações de poder no *Imperium romanus*.

Posto isto, interessa-nos ressaltar que a família romana passou a ser compreendida como um local e uma entidade de grande importância, não somente aos membros nucleares, mas também à família estendida, tal como Flávio Josefo, cliente imperial. Richard P. Saller (1984, p. 336-355), no artigo *Familia domus, and Roman conception of the family*, pressupõe que a família estaria associada estritamente a uma condição legal. Uma atribuição que englobava a ideia de família por natureza ou por lei, incluindo, dessa forma, filhos, filhas, filhos adotivos, netos e netas. De acordo com o autor,

Sua importância reside mais no campo legal do que no campo social: aqueles em *potestate* (isto é, os herdeiros de um pai de família com direito a uma parte igual dos bens do testamento) estão incluídos, mas não a mulher que, em um casamento livre, continua a pertencer à família de seu pai (SALLER, 1984, p. 338).

Nessa perspectiva, Saller (1984) destaca que a composição da família vinculava-se ao âmbito legal e, assim, abrangeria consequências econômicas e sociais. Entretanto, na circunstância de Josefo, a aproximação com a *domus* flaviana não se estabeleceu por pertencer à família, mas em função de sua inserção nas relações sociais do grupo familiar imperial. Fator que evidencia o estabelecimento de relações entre a dinastia e grupos de pessoas, sendo pertencentes à aristocracia romana ou indivíduos de origem estrangeira. Como argumenta Lindsay Penner (2012, p. 143), a composição familiar, a

partir de vestígios materiais encontrados em epitáfios e em columbários, diferente do pressuposto legal de Saller (1984), pode ser encontrada de múltiplas formas dentro da composição social de família romana; além disso, faziam-se presentes escravos, libertos e clientes que, nos monumentos mortuários, pertenceriam àquela família. Assim, o ambiente familiar pôde revelar diferentes papéis, como gênero, influência econômica, tarefas ocupacionais, hierarquias sociais nos ofícios exercidos pelos escravos e a estrutura social dos membros do agregado familiar (PENNER, 2012, p. 143). Por exemplo, os columbários *Monumentum Liviae*, *Monumentum Filiorum Drusi* e *Monumentum Marcellae* são demonstrativos das relações do Imperador Augusto com diferentes famílias agregadas a sua. O primeiro relacionava-se às duas famílias: Júlia e Cláudia; o segundo, referia-se à família de Lívia com seus filhos e o terceiro associado à família da sobrinha de Augusto, Marcela Menor, filha de sua irmã Otávia (PENNER, 2012, p. 143). A análise em conjunto desses columbários revelou os distintos papéis sociais inseridos nesse ambiente familiar agregado à família imperial (PENNER, 2012, p. 144) que, em termos evidentes, projetava-se por meio de interesses de ordem política.<sup>24</sup>

Nessa conjuntura, a autora aprofundou o debate a respeito das agregações familiares enquanto processo de vinculação entre famílias distintas; sistema este que possuía caráter de fortalecimento político, econômico e social. Em relação aos escravos, libertos e estrangeiros, inferimos a possibilidade de serem agregados ao ambiente familiar. No entanto, essa aproximação não caracterizava a associação entre diferentes famílias, mas representava a associação individual a um meio social. Compreendemos, em razão disto, o reconhecimento de diferentes indivíduos, os quais se uniam ao ambiente familiar. Isso não implica dizer que um escravo, liberto ou estrangeiro, passaria a ter direitos sob a família, mas estaria associado ao ambiente familiar e à

---

<sup>24</sup>Assim, podemos inferir acerca da distinção dos papéis ligados ao gênero em uma família, sendo uma dissociação de atividades masculinas e femininas. De acordo com as análises dos columbários (PENNER, 2012, p. 145), torna-se importante lembrar que ocorriam diferenciações entre atividades masculinas e femininas de escravos pertencentes às famílias; bem como havia igualmente distinções quanto às suas designações no núcleo familiar. Deste modo, a própria composição quantitativa de escravos informa sobre a distinção social das famílias. Vale ressaltar que a base de análise desses columbários retrata o período de Augusto, um campo de análise restrito, e inclusive as famílias analisadas, à medida que estavam associadas ao Imperador (PENNER, 2012, p. 146). Não somente o quantitativo de escravos indicava a distinção social de uma família, as atividades exercidas por eles também apresentavam tal característica, bem como o quantitativo de homens e mulheres, na condição de escravos ou de libertos. Tanto escravos quanto libertos poderiam também estar associados ou vinculados à família, não necessariamente como pertencentes, mas como associados. Essa condição foi analisada a partir das inscrições em epitáfios das famílias referentes aos cinco columbários citados, cuja presença de escravos, escravas, libertos e libertas se destaca.

posição social a qual a família pertencia. Com base nessas análises, torna-se evidente que o agregado familiar romano não pode e não deve ser entendido como uma entidade imutável. A comparação entre os referidos columbários revelou que as famílias romanas estavam sujeitas a possuírem identidades e estruturas distintas (PENNER, 2012, p. 151), provenientes de diversas composições culturais advindas da união de indivíduos e famílias díspares.<sup>25</sup>

Nestes termos, inferimos que os monumentos mortuários tornam-se importantes testemunhos para a compreensão do ambiente familiar romano. À vista disso, David Noy (2011) considera que o fim da vida de um romano representaria, em termos simbólicos, um ato civil; contudo, a forma como as pessoas morriam e recebiam os ritos funerários era importante para marcar como seriam lembradas. Era preciso ter uma morte apropriada. Nesse sentido, se a morte ocorresse em casa, os ritos funerários poderiam ser cumpridos. Conforme a sua compreensão, a morte estaria congregada ao contexto familiar. Consideramos que suas acepções complementam o entendimento sobre família, pois os ritos funerários garantiriam a preservação da memória do falecido (NOY, 2011, p. 5). Isso nos leva a crer que os rituais mortuários representavam um ato cívico e, ao mesmo tempo, caracterizavam a relevância do espaço doméstico associado ao público. De acordo com estes argumentos, depreendemos que o espaço doméstico, em associação com o público, preservaria a memória do falecido, bem como de seus familiares e ancestrais, promovendo, em termos sociais e políticos, a *gens*. Diante dessas discussões, propomos que os monumentos mortuários projetavam a memória de seus ancestrais; por conseguinte, as relações entre os espaços doméstico e público se enraizavam no passado (HOPE, 2003, p. 115). Preservar monumentos mortuários demonstrava a preocupação na manutenção do passado e da memória, pois diríamos, ao partilhar destes pressupostos, que a família, a partir de diferentes membros, construía-se e projetava-se no espaço público.

De acordo com esses argumentos, devemos incorporar à análise dos monumentos mortuários os pressupostos de Ann-Cathrin Harders (2012, p. 10), que compreende a vinculação da família ao mundo de tradição Ocidental, já que se destaca a natureza das relações familiares. Para a autora, a família compõe-se por um grupo de

---

<sup>25</sup>No ambiente familiar aristocrático, tais fatores tiveram um forte impacto na forma como homens e mulheres se relacionavam enquanto cônjuges, pais, trabalhadores e líderes, indicando a influência do meio social sobre este ambiente (PENNER, 2012, p. 151). Cada família possui características próprias, capacidades e necessidades específicas e, até mesmo, costumes e hábitos singulares, sendo este um fator que demonstra as multiplicidades implícitas no ambiente familiar romano (PENNER, 2012, p. 151).

peças associadas por fatores naturais, caracterizando-a como uma unidade central de relações sociais. Dessa forma o indivíduo é incorporado e integrado em um ambiente social (HARDERS, 2012, p. 11). Segundo Ann-Cathrin Harders (2012, p. 12), a antropologia moderna tornou-se muito produtiva ao explorar novos entendimentos acerca das relações familiares, pois possibilitou agregar e compreender as multiplicidades implícitas em uma composição familiar como parte desse ambiente. Assim, a reconfiguração dos estudos sobre família e parentesco é produtiva não somente no campo etnológico e antropológico moderno, mas também no que diz respeito à percepção da família nas sociedades mediterrânicas. Neste contexto, o parentesco não se definia apenas como um fator "natural", se estabelecia, igualmente, por intermédio de uma relação cultural (HARDERS, 2012, p. 12).

O avanço dos estudos de gênero contribuiu para a análise sobre as relações sociais inerentes a uma família. O impacto desses estudos estendeu a percepção de um grupo parentesco, uma vez que a relação entre o natural e social foi abordada em perspectivas semelhantes (HARDERS, 2012, p. 12-13). A relação entre parentesco e gênero é vista como um meio de demonstrar diferenças e tratá-las como uma condição pré-social (HARDERS, 2012, p. 13). Assim, a abordagem de uma família estava além dos limites biológicos e "naturais", o que permite refutar as comparações generalizantes no que se refere à composição familiar. Dessa maneira, a abordagem familiar deve ser compreendida enquanto uma análise específica, pois cada grupo de parentesco possuía especificidades próprias e as relações culturais nas quais cada grupo estava inserido definiam os limites da percepção familiar (HARDERS, 2012, p. 13). Desse modo, o aspecto cultural é um importante ponto de análise para a compreensão de uma dinâmica familiar. O núcleo familiar pode ser entendido por meio de uma concepção social dinâmica. Ademais, a composição familiar agregava aqueles que não detinham premissas biológicas ou naturais, pois, em nossa percepção, os indivíduos, que de alguma forma estabeleciam uma relação social a fim de gerar vínculos, tornavam-se parte agregada de uma família. Assim, a relação familiar apresentava complexidades e, como já demos a entender, particularidades que se expressavam em práticas sociais (HARDERS, 2012, p. 13).

Entretanto, as manifestações e manutenções das relações de parentesco se diferem culturalmente e socialmente. Na sociedade romana, o grupo doméstico continha uma variedade de pessoas que não estavam relacionadas genealogicamente entre si. No



entanto, os parentes eram vistos como um grupo especial de pessoas que estavam associados por descendência, casamento ou direito de herança (HARDERS, 2012, p. 15). Porém, diferentes funções sociais estavam associadas aos diferentes princípios na formação de grupos de parentesco, assim como se observa entre os *agnatos* e *cognatos*.<sup>26</sup>

O parentesco não é um fato dado apenas por questões genealógicas, mas também uma construção cultural que, de fato, serve para hierarquizar os indivíduos e criar uma rede social em diversificadas manifestações (HARDERS, 2012, p. 18). Esta percepção nos possibilita observar as diversificadas composições sociais em um ambiente doméstico, uma vez que não podem ser compreendidas como “dadas” ou “definidas” (HARDERS, 2012, p. 18-19). No entanto, o parentesco não é, necessariamente, um vínculo permanente. As rupturas e as desarticulações familiares foram situações recorrentes e realizadas de acordo com a conveniência dos membros de um aglomerado familiar (HARDERS, 2012, p. 19). Parece-nos possível inferir, a partir deste debate historiográfico, que Josefo vinculou-se à família dos Imperadores Flavianos. De acordo com suas palavras,

Quando chegamos a Roma, recebi todo tipo de atenção de Vespasiano. Abrigou-me em sua casa, que havia sido sua antes de se tornar Imperador, me honrou com a cidadania romana e me assegurou uma pensão; não hesitou em honrar-me sem diminuir a sua bondade até os seus últimos dias de vida (Flávio Josefo, *Vita*. 76: 422-423).

O contexto retratado refere-se à sua chegada em Roma. Segundo suas proposições, Vespasiano lhe rendeu todo tipo de atenção e o abrigou em sua antiga casa. Assim, recebeu ainda mais considerações do Imperador. A partir desse relato, percebemos a aproximação de Josefo com a dinastia flaviana, já que a incorporação individual ocorreu em um ambiente familiar imperial. Como entendemos, se levarmos em consideração a discussão proposta por Lindsay Penner (2012), Josefo poderia ser considerado um membro associado à *domus* dos Flávios, por isso, a condição de estrangeiro e de prisioneiro não caracterizava uma objeção em vincular-se à família imperial.<sup>27</sup> Flávio Josefo torna-se, portanto, um agregado e não um membro

---

<sup>26</sup> O direito romano privilegiava o *agnato*, especialmente em relação às leis de hereditariedade e, com essa circunstância, definia-se como o grupo de pessoas que se encontravam na condição de pai de família, incluindo os adotados e esposas e, reconhecia também os parentes maternos (HARDERS, 2012, p. 15-16).

<sup>27</sup> Entendemos que a família Imperial possuía especificidades em relação a outras famílias em Roma. No período de Augusto, o grupo familiar Imperial já não era apenas um aglomerado de indivíduos inseridos

consanguíneo com direitos à herança. Compreendemos, dessa maneira, que o ambiente familiar não se restringia apenas ao contexto jurídico, mas abrangia diferentes composições sociais, culturais e econômicas.

Nesse sentido, parece-nos pertinente inferir, em relação a Josefo, a particularidade de sua vinculação com a *domus* flaviana. Em ambiente de guerra e, sendo ele, aristocrata judeu, filho de sacerdote, utilizou seu alto *status* social para angariar benefícios com Vespasiano. Como mencionamos anteriormente, anunciou a vitória do *Imperator* em Roma e, sob a condição de sacerdote, apresentou um discurso legitimador da dinastia flaviana. Tal aproximação pode ser compreendida na própria denominação de Josefo. Seu nome hebraico era Yosef ben Mattityahu e, após sua vinculação aos Flávios, passou a ser chamado Flávio Josefo. Para Nuno Simões Rodrigues (2007, p. 777), a denominação latina de Josefo representou maiores vantagens, à medida que o nome indicava a concessão da cidadania romana por intermédio da família flaviana. Visto desse modo, sua posição na *aula* imperial, colocava-o em destaque (RODRIGUES, 2007, p. 777), mesmo sem ser descendente ou herdeiro de sangue.

Em relação à cidadania romana, depreendemos a percepção de Allan K. Bowman (2008) ao considerá-la como um benefício que poderia estender os privilégios individuais ou até mesmo de um grupo. Sua análise salienta que diferentes grupos de pessoas estavam sujeitos a possuí-la. As questões jurídicas e legislativas se tornaram uma das grandes vantagens para os seus detentores. Em um Império vasto como o romano, as diversificadas províncias detinham leis e costumes próprios, já que nem sempre os dominadores romanos costumavam interferir. Dessa forma, Allan K. Bowman (2008, p. 361) destaca que um grande benefício, advindo da cidadania romana, se referia ao cidadão estar sujeito à legislação romana e não à Província local.

Posto isso, interessa-nos ressaltar a discussão sobre *domus*. A princípio, Richard P. Saller (1984) compreende *domus* por meio de aproximações que não se referiam aos interesses familiares, e sim às vontades políticas, econômicas e sociais. Tratava-se de um local físico de estabelecimento da família, onde habitava o grupo familiar, escravos,

---

em si mesmos, mas já haviam se tornado uma instituição de caráter público (SEVERY, 2003, p. 214). Consideramos que o ambiente familiar não era estático, pois estava sujeito a um considerável número de matrimônios e também de separações (divórcios), bem como a morte de membros e mudança de locais (domicílio). Assim, o ambiente familiar poderia ser composto por membros de mais de um casamento e até mesmo “netos” de avôs diferentes. (Cf. HARDERS, 2012)

grupos de parentesco amplos, ancestrais, descendentes e herdeiros de patrimônios, os quais possuíam relações circunstanciais (SALLER, 1984, p. 341). Além de incorporar um sentido físico, a *domus* transformava-se em um ambiente de legitimação de poder e de alianças entre famílias. Assim, elementos como a manutenção de números expressivos de escravos, alianças entre famílias e, até mesmo, a questão estética e arquitetônica do local demonstravam a relevância social familiar (SALLER, 1984, p. 337).

Larry F. Ball apresenta uma importante discussão em seu livro – *The Domus Aurea and the Roman architectural Revolution* (2003, p. 1-27) – acerca dos aspectos estéticos e arquitetônicos do palácio de Nero, exemplificando-o como uma *domus*. Esses elementos demonstram o estabelecimento do espaço físico como um local de perpetuação de poder. O autor salienta o preceito de *Domus Transitória* como o projeto de construção do novo palácio de Nero, a fim de estabelecer sua legitimação ante os Imperadores precedentes (BALL, 2003, p. 2). É traçado um paralelo com o incêndio da cidade de Roma e a execução de seu novo palácio, que estabelece o preceito de *Domus Aurea*, que é justamente a fixação do novo palácio de Nero (BALL, 2003, p. 2). Assim, sua *argumentatio* visa demonstrar a significação do espaço ou palácio como um local de relação de poder; vale ressaltar que sua construção se sobressaiu às demais, o que enfatizava a grandiosidade e a legitimação do poder de Nero (BALL, 2003). A proposição de Larry B. Fall (2003) é importante para compreendermos a *domus*<sup>28</sup> enquanto um espaço de habitação que busca a legitimação de poder. Ao retratar a construção do palácio de Nero, o autor enuncia como esse fator poderia estabelecer uma forma de legitimação de poder. Evidentemente que fazer parte desse local caracteriza a inserção nas relações de poder do Imperador. Portanto, com as diversificadas possibilidades de agregações familiares, o espaço em que ocorriam essas vinculações designava a diversidade desse local.

No entanto, compreender a *domus* como um local restringe a sua percepção. Como argumenta Ann-Cathrin Harders (2012, p. 14), a *domus* não pode ser compreendida como um local estático ou imutável, mas como um ambiente que traduz

---

<sup>28</sup> Segundo Andrew Wallace-Hadrill (2008, p. 288) três grupos são distintos em uma composição familiar (é importante ressaltar que sua análise se concentra na compreensão de uma família Imperial, especificamente a de Augusto): a família nuclear, os membros domésticos servis e os “amigos”. Os dois primeiros grupos são aqueles considerados mais próximos ou aqueles que moravam no mesmo local da família, podendo ser definido como a *domus*, o terceiro grupo retrata as relações estabelecidas entre a família e outros indivíduos ou grupos, o que indica as relações estabelecidas de um grupo familiar com diferentes composições sociais, políticas e econômicas (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 288).

as composições de uma família e de seus interesses (HARDERS, 2012, p. 14). Ao enfatizar a esfera doméstica, Ann-Cathrin Harders (2012, p. 14) salienta que a *domus* poderia ser composta por aqueles que estabeleciam vínculo com a família, portanto, escravos, libertos ou estrangeiros também integravam sua constituição.

Assim, a definição de *domus* vai além da composição nuclear de uma família, inclui, desse modo, os agregados (HARDERS, 2012, p. 14). É dessa forma que consideramos a *domus* como um conceito amplo e dinâmico, pois abrange um elevado número de indivíduos com funções diversificadas; em termos patrimoniais, evidentemente, tais pessoas podem vir a ser excluídas da legitimidade de heranças pelo fato de não serem herdeiras ou parentes “naturais” (HARDERS, 2012, p. 15). Vale dizer que a *domus* se caracteriza como um importante local de comunicação e, portanto, como um ambiente com finalidades sociais de integração (HARDERS, 2012, p. 16-17). Em vista destes apontamentos, o espaço doméstico detinha uma assimilação dirigida em uma perspectiva social, à medida que alcançava e comunicava diferentes setores. Retomando a proposição de Richard P. Saller (1984), a *domus* foi observada como um espaço de legitimação no ambiente familiar com distinções e aglomerações. Era um local onde uma família poderia se associar a outra para obter benefícios mútuos, sejam estes de ordem econômica, social ou política. Porém, sua análise dissocia a *domus* da família ao tratá-las de forma distinta.

Veremos, por isso, que a vinculação de Josefo à dinastia flaviana ocorreu em um sentido amplo e dinâmico (HARDERS, 2012; PENNER, 2012). Entretanto, inferimos que sua associação ficou restrita à condição de agregado, já que não possuía direitos ligados à herança e hereditariedade. Ser associado a uma família dinástica concentrava uma preocupação política na busca de maiores benefícios e privilégios. Assim, Josefo não foi o único a se vincular aos Flávios, pois, como pressupomos, a própria posição da família poderia atrair novos grupos familiares e, até mesmo, indivíduos interessados em alcançar benefícios. É dessa forma, portanto, que consideramos a ocupação de Josefo na *domus* flaviana. Vejamos o seu testemunho:

O sucessor de Tito, Domiciano, aumentou suas considerações sobre mim: castigou os judeus que haviam me acusado e ordenou castigo a um escravo eunuco, o instrutor de meu próprio filho. Concedeu-me a isenção de impostos em minha propriedade da Judéia, que me representou uma vantagem considerável. Domicia, a mulher de César, também foi

para mim, uma grande benfeitora (Flávio Josefo, *Vita*. 76: 429).

É interessante notar que foi enunciada a proximidade obtida com Domiciano e sua esposa Domícia. Dessa forma, inferimos que a vinculação de Josefo à dinastia flaviana sucedeu a todos os Imperadores. No entanto, a forma em que se deu tal vinculação ocorreu por intermédio dos Imperadores Vespasiano e Tito, já que estes tinham uma relação direta com a Revolta Judaica. Domiciano era filho de Vespasiano e irmão de Tito, porém, não teve uma participação acentuada no conflito da Judéia. Assim, podemos compreender que a associação de Josefo aos Flávios foi muito longa, pois, se considerarmos os Principados de Vespasiano, Tito e Domiciano, teremos um recorte temporário considerável. No entanto, a proximidade com Domiciano nos chama a atenção, porque, aparentemente, Josefo não teria uma relação de proximidade com este Imperador. Mas ao revelar que essa relação se manteve, inferimos que a presença de Josefo no meio social Flaviano foi longa e duradoura. Dessa forma, Josefo esteve presente na *domus* flaviana, ampliando, deste modo, o seu relacionamento com diferentes segmentos sociais.

Acerca desse aspecto, Andrew Wallace-Hadrill (2008, p. 285-286) nos apresenta um debate voltado para esse ambiente ao qual Josefo estava inserido. Sua argumentação consiste em demonstrar que a relação de proximidade com o *Imperator* não tinha nenhuma definição “oficial”; por isso, pode ser considerada uma prática de teor social e não uma instituição legal. Essa perspectiva era variável, e estava sujeita a alterações de acordo com a sucessão imperial. No entanto, os eventos de relevância pública tiveram lugar no Palatino de *Augustus* como a recepção de embaixadas e conselhos de Estados, mas isso ocorreu em virtude das obrigações pessoais do Imperador, sendo realizado no ambiente que abrigava a sua família, juntamente, com os agregados nas relações de poder estabelecidas (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 285). Por uma questão de costume, qualquer figura pública de Roma estava suscetível a utilizar a própria casa para ocasiões de natureza pública. Assim, a falta de uma definição institucionalizada desse ambiente só fortalecia, em termos políticos e sociais, o poder daqueles que estavam próximos ao *Imperator* (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 286).

O interesse em aproximar de um Imperador era constituído de variadas intenções, como o poder e vantagens que essa autoridade poderia oferecer, além de riquezas, hierarquias militares, vantagens fiscais, entre outras (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 296). Evidentemente que diferentes indivíduos demonstravam interesses

distintos. Dessa maneira, pertencer a esse grupo caracterizava uma ascensão que dispensava fazer parte de qualquer estrutura burocrática, assim, o Imperador se tornava o centro de uma complexa rede de indivíduos e interesses (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 296). A proximidade com o Imperador poderia conferir autoridade e poder, ao ponto de diferentes composições sociais estarem sujeitas a uma posição de privilégios e até mesmo poder de influência no cotidiano romano (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 296). Esse aspecto retrata as vantagens de se aproximar da autoridade Imperial romana, sendo que a obtenção de benefícios demonstra a relação estabelecida entre o *Imperator* e os distintos beneficiários. Assim, estar associado diretamente à figura do Imperador e, receber algum benefício por isso, pode indicar uma relação de clientelismo. A acessibilidade para com os benefícios advindos da proximidade com o Imperador acarretava em um ambiente de disputas internas, no qual indivíduos distintos procuravam manter e garantir os benefícios provenientes dessa aproximação. É recorrente destacar que esse ambiente traduz em uma prática condizente com a realidade de uma família imperial, no qual as relações estabelecidas demonstram a constituição de um exercício social e não um exercício legal institucionalizado (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 296).

A concepção de Andrew Wallace-Hadrill (2008) se refere acerca da relação de benefícios ao qual diferentes indivíduos poderiam obter ao estarem próximos ou vinculados com um determinado Imperador. Dessa forma, compreendemos como uma relação de patronato e clientelismo; pois, segundo Wallace-Hadrill (2008), muitos benefícios concedidos foram em decorrência de uma garantia de governabilidade e ampliação do poder político de um *Imperator*. Assim, as relações estabelecidas com diferentes segmentos sociais e econômicos indicavam uma prática mútua de apoio, no qual os beneficiários buscavam diferentes tipos de vantagens como *status* e privilégios legais (cidadania), magistraturas, postos no exército e na administração imperial, benefícios financeiros (concessões fiscais e imunidades, subvenções após desastres) e até mesmo julgamentos (a partir de resolução de litígios em casos de vida e morte) (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 296).

O patronato constituía uma prática no qual uma pessoa com menor influência, seja ela política, econômica ou social, conseguisse progredir através do auxílio de outro indivíduo com maiores poderes e influências. Esse auxílio ou assistência era estabelecido por meio de uma relação de “troca”, ao qual o beneficiado receberia

vantagens e o beneficiador era retribuído com exaltação e apoio político (NICOLS, 2014, p. 128).

Essa relação mútua de benefícios indica outra forma ao qual Josefo poderia estar sujeito, no que se refere pertencer às relações estabelecidas que uma família Imperial constituísse. Notamos que indivíduos como Josefo poderiam estar inseridos em um ambiente de relevância social, com desdobramentos no campo político e econômico. A proximidade estabelecida com o *Imperator* poderia retratar uma relação de benefícios que ambas as partes poderiam obter (NICOLS, 2014). Em relação aos benefícios que Josefo poderia oferecer aos Flávios, evidenciamos a elaboração da obra *Guerra dos Judeus* como um fator de exaltação dos feitos flavianos, principalmente no que se refere a Vespasiano e Tito, já que tal obra foi encomendada pelo Imperador Tito (Cf. BARNES, 2005). Já em relação aos benefícios que Josefo poderia obter dos Flávios, destacamos a aproximação com os Imperadores, a concessão da cidadania romana, acesso a terras e isenção de impostos. No entanto, Josefo nos relatou, por intermédio da *Vita*, que essa relação não foi apenas mantida com a dinastia Flaviana, mas com outro indivíduo, Epafrodito.

Tendo recompensado você Epafrodito, o mais excelente dos homens, a todo registro das minhas *Antiguidades* até o presente, concludo minha narrativa aqui (Flávio Josefo, *Vita*. 76: 430).

Esse relato de Josefo indica uma possível vinculação que não seja ligada ao Flávios, ou seja, nessa passagem, Josefo indica uma homenagem a um indivíduo que, aparentemente, não era do círculo social e familiar flaviano. Assim, destacamos que Josefo, possivelmente, obteve uma relação de proximidade com Epafrodito, podendo indicar uma situação de clientelismo (BILDE, 1988, p. 105-106). De qualquer forma, podemos empreender que Josefo esteve vinculado a dinastia flaviana, mas esteve inserido em um ambiente social distinto, ao qual diferentes pessoas buscavam estar próximos ao poder central romano com a finalidade de receber benefícios diretos da figura do Imperador. Por outro lado, a inclusão de diferentes setores indicava a composição de alianças e manutenção da governabilidade de um Império vasto e plural.

É importante considerarmos que as enunciações de Andrew Wallace-Hadrill (2008) retratam sobre um aspecto específico, já que a sua argumentação tem por objetivo empreender as múltiplas possibilidades de relações políticas estabelecidas por

meio da estrutura Imperial, pois visa compreender as diferentes composições que o ambiente imperial estava suscetível. Por isso, sua *argumentatio* expõe, com veemência, a relação de obtenção de benefícios de diferentes pessoas com a figura do Imperador romano enquanto uma relação de clientelismo e patronato. Isso não implica em dizer que Andrew Wallace-Hadrill (2008) considera apenas esse relacionamento estabelecido com o Imperador como um único modo de se alcançar benefícios na sociedade romana; mas, por se tratar de uma análise política dos poderes dos Imperadores romanos, sua análise visa compreender esse princípio como uma das formas de se obter vantagens e privilégios.

O contexto social que Josefo vivenciou em Roma foi de convivência com diferentes grupos de pessoas que buscavam estar próximas ao *Imperator*. Dessa maneira, inferimos que a vida de Josefo em Roma esteve relacionada a essas características que envolviam o meio social próximo ao Imperador, já que esteve próximo e vinculado a dinastia flaviana. Sendo assim, consideramos que o ambiente que Josefo vivenciou em Roma passou desde a sua proximidade com os Flávios, até a convivência com diferentes segmentos étnicos e sociais do Império que buscavam estarem próximos ao Imperador romano. No entanto, compreender a vida de Josefo em Roma torna-se um elemento fundamental para a complementação desse debate acerca de sua vivência fora do contexto judeu.

## **II- FLÁVIO JOSEFO: UM JUDEU ROMANO**

É importante discutirmos a vida de Flávio Josefo fora do contexto judaico, ou seja, a sua vivência em Roma. Esse período serve para compreender as relações estabelecidas com a casa flaviana. De fato, compreendemos que esse ambiente na cidade de Roma foi fundamental para que alcançasse os benefícios que lhes foram concedidos. Assim, retomamos novamente ao artigo de Hannah M. Cotton e Werner Eck (2005, p. 37-52), à medida que exploram o seu relacionamento com as “elites” romanas. Para estes autores,

a elite romana era composta por três grupos. Os membros de dois grupos pertenciam à elite, devido ao seu *status* sócio político; estes eram membros da



ordem senatorial e da ordem equestre. O terceiro grupo incluía todos aqueles que, embora não fizessem parte de qualquer uma das duas ordens acima mencionadas, mantiveram um relacionamento com o imperador e sua família (esposa e filhos). E no caso dos membros deste último grupo, nem por ordem social e ou por regime jurídico foi relevante. Tudo o que importava era a sua relação com o soberano ou com alguém muito próximo a ele (COTTON e ECK, 2005, p. 37-38).

O artigo enuncia que o conceito de “elite” envolvia três grupos sociais: a ordem senatorial, a ordem equestre e aquelas pessoas que possuíam um relacionamento próximo à figura do Imperador e de sua família. Essa perspectiva aborda que os grupos dominantes em Roma poderiam ser compostos por indivíduos que, não necessariamente, possuíam origens romanas, mas que também, detinham alguma relação de proximidade com o Imperador. Empreender um grupo social composto de escravos, libertos e estrangeiros como participantes de um ambiente dominante (“elite”) em Roma reflete uma abordagem delicada, na medida em que tal condição lhes rendia posições de distinção em Roma; porém, este fato não era o suficiente para que ocupassem os domínios políticos romanos. Entretanto, os benefícios poderiam caracterizar o pertencimento a *domus*, já que muitas concessões estavam ligadas à proximidade com o Imperador.

Ao argumentarem sobre a aproximação de grupos sociais na administração dos Flávios em Roma, Cotton e Eck (2005, p. 40) demonstram que a dinastia flaviana concedeu um número considerável de cidadania romana a muitos estrangeiros que não possuíam ascendência romana. Sendo esta uma forma de ampliar a influência dinástica em grupos sociais distintos. A imigração para a cidade de Roma era um fator comum e recorrente desde o final da República e o início do Império. Muitos casos ocorriam pela necessidade de assumirem cargos públicos, fator que iria compor um grupo social estrangeiro próximo à administração Imperial. Essa era uma forma de manter relações harmoniosas com grupos dominantes de diferentes regiões do Império (BOWERSOCK, 2005, p. 56). A presença estrangeira era uma realidade em Roma e proveniente desde os últimos anos da República. Porém, a aproximação desses grupos para perto do centro administrativo romano seria uma atitude política que estava sujeita a variações, pois era dependente das ações realizadas pelo Imperador que estivesse exercendo o poder. Partindo dessas premissas, a relevância de um Imperador ao se legitimar no poder ocorria por intermédio da formação de alianças e da distribuição de recursos, que

demonstrava uma cadeia de operações e de interesses pessoais presentes no Império (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 284). Esses laços políticos estavam sujeitos a se interligarem por meio de uma rede de interesses distintos, os quais nem sempre obedeciam a uma hierarquia estabelecida, mas às ligações políticas e financeiras que asseguravam a governabilidade do Imperador (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 285).

O meio político não se dava apenas na relação entre o *Imperator* e o Senado, ocorria semelhantemente na composição do ambiente interno imperial, pois, em nossa percepção, aqueles que detinham uma proximidade com o Imperador também estavam sujeitos a fazer parte do jogo político romano (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 285-286). Porém, nem todos aqueles que estavam próximos ao *Imperator* compunham essas relações de poder e de legitimação política. Por exemplo, Flávio Josefo obteve benefícios dos Imperadores, entretanto não se distinguiu no meio político romano.<sup>29</sup>

Notamos que grupos estrangeiros mantinham relações de proximidade ao Imperador e à sua administração política. Essa conjuntura demonstra que a presença e permanência desses grupos dependiam das relações mantidas entre eles e o *Imperator*; portanto, o fortalecimento político da família Imperial ocorria ao estreitar laços com diferentes setores da sociedade, sendo estrangeiros ou não. O fato é que essa composição poderia indicar alianças, mas não sinalizava uma situação em que os grupos agregados fossem pertencentes aos segmentos políticos dominantes de Roma. No entanto, tais relações revelavam as complexidades existentes dentro das cadeias de relacionamento, podendo empreender benefícios políticos, econômicos, sociais e culturais.

Esse debate demonstra a complexidade em tratar os assuntos relativos a vinculação de diferentes indivíduos e grupos com o Imperador romano. Não se trata em conceber institucionalmente que os indivíduos próximos ao *Imperator* compunham um grupo político dominante em Roma; porém, em termos de prática social, as alianças estabelecidas entre o poder central romano e diferentes setores sociais, indicam a presença de um poder político de relevância em Roma, mas que poderia sofrer variações de acordo com a sucessão imperial (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 286). Nesse sentido, a *argumentatio* de Hannah M. Cotton e Werner Eck (2005) torna-se uma abordagem de consideração, pois as suas enunciações retratam sobre a posição de influência que esse grupo social poderia ocupar em Roma. Portanto, devemos

---

<sup>29</sup> Na *Vita* de Flávio Josefo não há relatos que evidenciam sua influência política na cidade de Roma.

considerar como procedente tais afirmações, mas com a ressalva de que esse grupo detinha uma posição política não institucionalizada, mas baseada em preceitos de costumes e de relações sociais (WALLACE-HADRILL, 2008).

Assim, inferimos a relevância de compreender o contexto social romano próximo ao Imperador, pois entendemos que esse ambiente retratava complexidades no que se referia aos interesses de aproximação com o poder político central romano. Dessa maneira, os ambientes da família Imperial, *domus* e *aula*, estavam sujeitos a essas circunstâncias. De qualquer maneira, empreendemos pela significância dessa circunstância, pois Flávio Josefo vivenciou uma ambiente semelhante em Roma. Sua proximidade com a dinastia flaviana poderia indicar a sua agregação à família imperial, já que mencionou que viveu na antiga casa do Imperador Vespasiano, além do seu nome romano indicar a vinculação com os Flávios (Flávio Josefo, *Vita*. 76: 422-423); portanto, esteve ligado a *domus* flaviana.

Acrescenta-se a essas discussões a abordagem de John Curran (2011), o qual afirma que as fontes utilizadas por Josefo em suas narrativas foram inspiradas a partir de suas percepções e experiências pessoais, tornando sua escrita estritamente pessoal (CURRAN, 2011, p.65). Assim, é recorrente observar o cenário em que ele estava inserido, principalmente no que diz respeito à elaboração de suas obras, pois o contexto cultural ao qual pertencia refere-se à sua estadia em Roma (CURRAN, 2011, p. 66).

O próprio relato autobiográfico de Josefo faz referência à participação nos mais elevados círculos sociais de Roma (CURRAN, 2011, p. 66). Por exemplo, quando afirmou ter servido a uma embaixada em Roma com a finalidade de garantir a liberação de alguns sacerdotes detidos pelas autoridades romanas. Nessa viagem, Josefo afirmou ter tido contato com Popeia, esposa do Imperador Nero, por meio de um judeu.

Depois de termos chegado com segurança a Dicaearcheia, chamada pelos romanos de Puteoli, conheci *Aliturus*: este homem era um ator, requisitado especialmente por Nero, mesmo sendo um judeu por ancestralidade. Por meio dele me tornei conhecido por Popeia, a esposa de César, e, em seguida, muito rapidamente arranjei as coisas, apelando para ela libertar os sacerdotes. Depois de ter conseguido, após ter recebido enormes presentes de Popeia, além desse benefício, voltei para casa (Flávio Josefo, *Vita*. III: 13-16).

Esse trecho refere-se um contexto anterior à Revolta Judaica. De qualquer forma, judeus que designavam ações nas quais Josefo descreveu deveriam estar preparados para tal empreitada. Essa preparação consistia na consolidação dos preceitos da cultura judaica e no conhecimento de uma segunda língua, geralmente o grego. Essas designações eram cumpridas por indivíduos que detinham algum tipo de influência sobre a sociedade judaica, incluindo o grupo de sacerdotes e sumo sacerdotes (RAJAK, 2002, p. 40). No entanto, a argumentação de John Curran (2011) visa compreender a aproximação de Josefo nos círculos sociais romanos e, segundo o autor, isso ocorreu antes mesmo da Revolta Judaica. Para um indivíduo afirmar que manteve contato com a esposa do Imperador romano significava uma grande distinção, não apenas em seu local de origem, mas na cidade de Roma também (CURRAN, 2011, p. 66). Por intermédio dessa descrição, percebe-se a enunciação de Josefo em se representar de forma influente em Roma.

Outro relato faz referência ao benefício da cidadania romana concedida por Vespasiano e ao fato de ter sido acomodado na antiga casa do Imperador na cidade de Roma. Josefo destacou que acompanhou Tito no cerco e queda de Jerusalém; atuou como intérprete para os romanos e intercedeu por um considerável número de amigos capturados na destruição da cidade. O Imperador Domiciano foi relatado com satisfação por Josefo, pois puniu os judeus que lhe acusavam e isentou a sua propriedade na Judéia de tributação. Josefo escreveu e apresentou formalmente a obra *Guerra dos Judeus* aos Imperadores Vespasiano e Tito, este último autenticou-a formalmente e ordenou que essa obra fosse colocada nas bibliotecas de Roma. Vejamos *in extenso*:

O *Imperator* Tito, por sua vez, insistiu que o conhecimento desses eventos fosse transmitido às pessoas, de modo que, depois de ter inscrito os volumes com suas próprias mãos, ordenou que fossem publicados. (Flávio Josefo, *Vita*. 65: 363)

O excerto acima refere-se à relação de Josefo com o Imperador romano Tito. A partir de sua análise, podemos inferir que Josefo relatou o interesse do *Imperator* em publicar as suas obras. Esse trecho pode revelar a posição que Josefo ocupou em Roma, sendo que demonstrou a proximidade que obteve com o Imperador ao ponto de ele determinar a publicação de sua obra. Assim, infere-se que a obra *Guerra dos Judeus* foi encomendada por Tito (BARNES, 2005, p. 139), porém, o interesse demonstrado pelo Imperador remete à posição a qual Josefo ocupava em Roma; pela sua descrição, era uma posição que permitia uma relação de muita proximidade. Per Bilde (1988, p. 60)

propõe que a posição que Josefo ocupou em Roma foi de amplo benefício proveniente de sua proximidade com os Flávios.

John Curran (2011, p. 67) nos afirma que as proposições de Josefo manifestavam-no como um indivíduo distinto em Roma; porém, provavelmente, o que foi vivenciado em Roma foi muito diferente do que Josefo diz ter acontecido. Essa argumentação pode ser exemplificada com a estadia de Josefo na antiga casa de Vespasiano em Roma, residência esta distante do palácio do *Imperator*. Outra informação recorrente foi a dedicatória de suas obras: somente *Guerra dos Judeus* foi oferecida aos Flávios, as demais foram dedicadas a um indivíduo denominado Epafrodito,<sup>30</sup> circunstância que indica um possível distanciamento dos Imperadores flavianos (CURRAN, 2011, p. 67).

Nuno Simões Rodrigues (2007) apresenta outra perspectiva acerca da participação de Flávio Josefo nos meios sociais de Roma. Para o autor, a vinculação de Josefo com a casa Flaviana ocorreu muito antes de ele receber os benefícios de Vespasiano, aconteceu ainda durante a Revolta Judaica. A partir das enunciações proféticas de Josefo sobre a ascensão de Vespasiano ao poder Imperial romano, Josefo contribuiu para o desenrolar de uma crise política em Roma, legitimando Vespasiano como o novo *Imperator* romano. Vespasiano se aproveitou da validade das palavras de Josefo e tornou-o um importante sujeito no desenrolar da Revolta judaica (RODRIGUES, 2007, p. 776).

Nuno Simões Rodrigues (2007, p. 776) considera que o tratamento de Josefo em Roma foi de elevada distinção por intermédio da família dos Flávios. Os fatores que comprovam essa consideração foram os benefícios recebidos dos Imperadores: um casamento em Cesaréia, durante a Revolta Judaica, concedido por Vespasiano; a cidadania romana; o recebimento de terras e a isenção de tributos (RODRIGUES, 2007, p. 777). A casa de Vespasiano em Roma é compreendida como um lar de distinção social, um local que abrigou uma família judaica de grande importância, considerando

---

<sup>30</sup> As prováveis identidades desse indivíduo podem representá-lo como um possível liberto de Nero, que tinha desempenhado o papel de desvendador da conspiração contra o Imperador em 64, posteriormente foi recompensado por sua lealdade. Pode ter sido executado por Domiciano, denominado de Epafrodito. Entretanto, ambos não poderiam ser o indivíduo que Josefo dedicou às suas obras, isso devido a própria cronologia de publicação de sua obra autobiográfica, em anexo à *Antiguidades*, por volta dos anos de 93 e 94 (CURRAN, 2011, p. 68). Outra enunciação faz referência a um homem que teria sido patrono de Josefo em seus trabalhos posteriores a *Guerra dos judeus*, demonstrando, dessa forma, a distância que Josefo estava dos meios sociais mais distintos de Roma, com a probabilidade de estar solitário nesse ambiente (CURRAN, 2011, p. 68).

que Josefo já estava casado com a esposa, oriunda de uma família importante em Creta. Assim, considera-se Josefo como um homem de elevada distinção social em Roma, à medida que suas realizações contribuíram para a ascensão dos Flávios ao poder político Imperial (RODRIGUES, 2007, p. 777). Tais realizações permitiram e viabilizaram o prestígio militar alcançado por Tito e Vespasiano e, dessa forma, Josefo se vinculou aos Flávios em um ambiente que lhe foi bem recebido e respeitável.

Evidentemente que temos proposições distintas acerca da vida de Flávio Josefo em Roma. Assim, John Curran (2011) salienta sobre possíveis “equivocos” em se compreender as proposições de Josefo como verdadeiras, já que ele mesmo era autor de tais afirmações; teria, portanto, todo o interesse em se promover e se posicionar em ambientes de distinção social, principalmente em Roma. Apesar de ter sido detentor de benefícios, essa característica se traduzia em prática recorrente em um Império vasto com diferentes composições étnico-culturais. Já Nuno Simões Rodrigues (2007), enuncia que a presença de Josefo, de certa forma, impulsionou os desdobramentos da Revolta Judaica para os romanos. A partir dele, os romanos tiveram informações que poderiam privilegiar as suas ações, além de proferir a Vespasiano que se tornaria o futuro Imperador romano, uma forma de legitimar a sua busca pelo poder político central em Roma. Os benefícios recebidos foram tratados como uma forma de ressaltar a distinção social de Josefo.

Assim, inferimos que os dois pressupostos são relevantes, pois tratam de uma mesma temática, porém com abordagens diferentes. No que se refere ao posicionamento de John Curran (2011), compreendemos a importância em considerar as diversidades culturais de um Império vasto como o romano. Indivíduos como Josefo poderiam ser amplamente associados a famílias distintas como a dos Flávios. A associação de Josefo aos Flávios desempenhou um papel voltado ao meio intelectual, ao exercer a função de historiador; porém, outros indivíduos poderiam estar relacionados aos Flávios por meio de interesses políticos ou econômicos. Dessa forma, John Curran (2011) considera um grande número de pessoas em condições semelhantes a de Josefo em Roma, mas estavam sujeitas a apresentarem motivações distintas. A argumentação de Nuno Simões Rodrigues (2007) é relevante por enfatizar a proximidade que Josefo obteve com os Flávios, já que o posicionou em um local de distinção em Roma ao considerá-lo uma importante figura no círculo social da família flaviana.

Mesmo com percepções diferentes sobre a possível distinção que Josefo ocupou em Roma, podemos inferir que as propostas de Nuno Simões Rodrigues (2007) e John Curran (2011) se convergem quanto a relação de proximidade de Josefo com a dinastia flaviana. Neste aspecto, os dois autores salientam essa condição, de elevado destaque ou não, como resultante de sua vinculação com a casa flaviana. Dessa forma, entende-se Flávio Josefo como um indivíduo associado aos Flávios, sendo esta uma união que lhe rendeu uma série de benefícios e posições de distinção em Roma: de maior relevância, como defende Nuno Simões Rodrigues (2007), ou de menor relevância, como propõe John Curran (2011). De qualquer maneira, esse debate infere acerca do ambiente e cotidiano de Josefo em Roma, estando na condição cidadão romano e beneficiário dos Flávios. Aliás, sua condição de cidadão romano, em comparação com os outros trechos da *Vita*, foi apresentada em uma curta seção (Flávio Josefo, *Vita*. 76: 422-430), indicando sua preocupação de concentrar fatos que destacam sua natureza judaica, seja na sua ascendência, no ofício sacerdotal e nas designações que ocupou na Revolta Judaica.

### **III- FLÁVIO JOSEFO E AUTORREPRESENTAÇÃO NA VITA: O OFÍCIO SACERDOTAL**

Temos por objetivo compreender a forma que Josefo escreveu sobre si por meio de seu relato autobiográfico e, deste modo, entender a representação de si por meio de suas percepções pessoais em *Vita*. Dessa forma, acreditamos que essa análise deve ser fundamentada no conceito de representação, pois, como propõe Sandra Jatahy Pesavento (2003, p. 40), trata-se de conceito ambíguo, à medida que se estabelece uma relação entre ausência e presença. A representação não é uma cópia do real, mas uma construção feita a partir dele. Pode ser retratada além de algo dado ou visualizado, carregando consigo sentidos sociais e historicamente construídos a partir das experiências vivenciadas. São internalizadas no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais e, portanto, portadoras de sentido (PESAVENTO, 2003, p. 40).

Portanto, é relevante conhecermos os aspectos ligados à representação no âmbito social e suas implicações no que se refere ao desvendamento de uma representação coletiva. Assim, as ações humanas podem ser ilustradas por intermédio de uma perspectiva coletiva, porém, é necessário levar em consideração as enunciações

individuais, pois contribuem para a construção de uma realidade comum em uma conjuntura social (SANTOS, 2007, p. 18). Assim, Márcio Oliveira (2004) demonstra que as representações sociais não derivam de uma única sociedade, como salienta Durkheim, mas de diversas sociedades que existem no interior de um contexto social. O intuito desse conceito é evidenciar os aspectos implícitos em relação às questões sociais e suas influências em diversificadas percepções, demonstrando as múltiplas capacidades em um meio social, podendo ser derivadas de contextos coletivos e também individuais. No entanto, as complexidades dessas relações se expressam nas diversas representações e suas derivações de sentido, pois traduzem uma visão de um contexto apresentado, que deriva uma constituição de sentido para tal situação (Cf. SANTOS, 2011).

Assim, a partir dos estudos de Chartier (2002), a representação torna-se essencial para a compreensão do conhecimento histórico enquanto espaço de conflitos entre grupos sociais distintos. A representação pode ser compreendida como “um instrumento de conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição imediata”. Neste sentido, Chartier (2002) entende a representação como uma prática social, podendo ser determinada por grupos distintos e com interesses específicos, dada como uma importante base da História cultural, que tem como objetivo: “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 17; *Apud*: SANTOS, 2007, p. 21).

Posto isto, interessa-nos ressaltar, a compreensão da *Vita* de Flávio Josefo enquanto narrativa de autorrepresentação. A narrativa traduziu algo que foi vivenciado por Josefo, entretanto, esses fatos narrados foram descritos em um processo de seleção, à medida que relatou o que seria relevante, a fim de construir uma narrativa que o perpetuasse na memória e, mais do que isso, o representasse por meio de uma perspectiva biográfica.<sup>31</sup> Dessa forma, entendemos a *Vita* de Flávio Josefo não apenas

---

<sup>31</sup> Por se tratar de uma biografia escrita pelo próprio autor, ressaltamos a discussão sobre o gênero, realizada por Pierre Bourdieu (1986), em *A ilusão biográfica*, em que enuncia as limitações e os usos de biografias como fontes históricas. A sua base de pensamento indica que a construção de uma narrativa autobiográfica está sujeita às percepções individuais de seu narrador. O processo de sua elaboração estaria sujeito às seleções de seu relator, demonstrando que os acontecimentos descritos serão seus dependentes. Dessa forma, o relato autobiográfico poderia conter fatos, os quais poderiam ser fictícios, a fim de enriquecer a narrativa e, com isso, teríamos não propriamente a *vita* e sim um processo de seleção do biógrafo. Sendo assim, os relatos biográficos ou autobiográficos poderiam apresentar características de uma narrativa ficcional, aproximando-se das narrativas literárias. Bourdieu (1986, p.187-191) ainda salienta sobre as implicações de uma biografia como fonte histórica, pois em sua construção poderiam conter elementos e seleções ligadas diretamente às impressões e percepções de seu autor, que, como recurso de escrita, agregaria fatos não condizentes com os ocorridos.



como uma narrativa de perpetuação de uma memória (Cf. GEIGER, 2011), mas como uma obra que representa o próprio autor por intermédio de uma construção de si em um processo de seleção de fatos enunciados em palavras. Sendo assim, vejamos alguns elementos que denotam esse processo de autorrepresentação na *Vita*, de Flávio Josefo. *Vejamos in extenso*:

Agora, no meu caso, a minha ascendência é bastante ilustre, tendo-se originado com os sacerdotes há muito tempo. Assim como a base de nascimento ilustre é diferente entre várias nações, assim também entre nós [judeus] a associação ao sacerdócio é uma prova certa de uma ascendência de brilho. Agora, no meu caso, a minha ascendência é não apenas a partir de sacerdotes; também é do curso do dia — primeiro de enorme distinção — um vinte e quatro, este — e de fato, desde os mais distintos dentro deste [curso]. Além disso, eu tenho uma quota de ascendência real por parte materna, porque os filhos dos Hasmoneus, de quem ela era uma descendente, por um tempo muito longo serviu como sumos sacerdotes e exerceu a realeza de nossa nação indicando sucessão (Flávio Josefo. *Vita*, I: 1-3).

Nesse excerto, vemos Josefo representando a si mesmo como um sacerdote entre os judeus e demonstrando a relevância do ofício para a sociedade judaica. Ao descrever dessa maneira, Josefo se posicionou como um sujeito distinto entre os judeus, já que fazer parte desse ofício consistia em uma atividade de distinção social (RAJAK 2002, p. 12-16). Ainda sobre essa designação sacerdotal, podemos destacar o episódio em que Josefo foi capturado por Vespasiano no sítio de Jotapata, no qual proferiu que o general seria o futuro Imperador romano. Vale lembrar que os aspectos ligados à interpretação de sonhos e enunciações proféticas faziam parte do ofício sacerdotal (RAJAK 2002, p. 18).

Porém, mais do que fazer parte do ofício sacerdotal, era fundamental poder legitimar a ascensão de Vespasiano ao poder Imperial romano. O próprio general consultou o oráculo do deus Carmelo a fim de legitimar a sua empreitada (RODRIGUES, 2007, p. 774). Desse modo, a profecia de Josefo também ratificou a ascensão de Vespasiano, exaltando o seu caráter de sacerdote por meio de enunciações proféticas. Portanto, sua representação enquanto sacerdote ocorre não apenas pelas suas designações, mas também por se retratar dessa maneira.

Outro fator que evidenciou o caráter sacerdotal de Josefo foi a descrição de um sonho que afirmou ter tido. Nessa descrição Josefo retratou características vinculadas a sua liderança na Galiléia, ao demonstrar que os galileus fizeram grandes súplicas ao desígnio de líder militar. No entanto, o sonho que Josefo afirmou ter tido, refere-se a uma “visão” que o encorajava e confirmava a função que designava. Vejamos *in extenso*:

Durante aquela noite eu tive um sonho maravilhoso. Quando eu deitei em minha cama, triste e perturbado pelo o que tinha sido escrito, alguém de pé acima de mim disse o seguinte: “Olhe, você que está sofrendo: acalme sua mente! Deixo de lado todo o medo! A circunstância que te deixa mais triste agora te fará grande e será afortunado em todos os aspectos. Você terá êxito não apenas nestas questões, mas em muitas outras também. Não se desfaleça, mas lembre-se deve guerrear contra os romanos.” (Flávio Josefo, *Vita*, 42: 208-209)

O contexto em que Josefo teve esse sonho foi após a derrota de *Céstio Gallus* e antes da chegada de Vespasiano na Judéia. Nesse recorte temporal, Josefo designava o comando militar e também político da Galiléia. A partir dessa enunciação, podemos perceber a ênfase que foi dada aos aspectos que legitimam sua liderança e confirmam os seus desígnios, ao afirmar que em um futuro próximo, Josefo seria afortunado e bem sucedido. O êxito de Josefo seria confirmado muito além das circunstâncias que estava vivenciando. Apesar de retratar de um sonho que obteve em uma circunstância ligada a Revolta Judaica, compreendemos que essa característica reforça o aspecto sacerdotal implícito na vida de Josefo.

Segundo Ivan Esperança Rocha (2004), o sonho na cultura judaica pode apresentar significados variados. Esse é um fenômeno que se liga ao aspecto divino, obtendo uma relação de proximidade com a Divindade dos judeus. Assim, o sonho para os judeus pode revelar uma maneira natural da revelação divina, podendo, de certa forma, influenciar no destino das pessoas. No entanto, a interpretação do sonho é um fator de grande relevância, pois tal habilidade é dada por meio da proximidade obtida com a Divindade judaica, ou seja, aqueles que mantinham uma relação de proximidade com o aspecto religioso, eram capacitados para interpretar os sonhos (ROCHA, 2004). Dessa maneira, podemos inferir outro aspecto relacionado a atividade sacerdotal, sendo que aqueles que detinham a capacidade de interpretar os sonhos e suas designações podem revelar os aspectos sacerdotais implícitos nessa atividade. Assim defende Tesa

Rajak (2002), ao compreender que essa capacidade também fazia parte do ofício sacerdotal, apesar de existirem indivíduos que não estavam ligados ao meio sacerdotal, porém, detinham a capacidade de interpretar os sonhos.

No entanto, inferimos que a inserção de um sonho na *Vita* de Josefo, pode retratar e reforçar o aspecto sacerdotal implícito em sua vida. Assim, Josefo mencionou de um evento do seu passado vivenciado ao qual enunciava as realizações em seu futuro. Porém, devemos compreender que a *Vita* foi um relato escrito posteriormente aos fatos ali inseridos; dessa forma, Josefo incluiu um argumento que reforçou o seu ofício sacerdotal, além disso, demonstrou que os fatos descritos em seu sonho se tornaram verdadeiros, pois ele obteve benefícios maiores após a Revolta Judaica. Portanto, Josefo não apenas demonstrou um aspecto ligado ao ofício sacerdotal, bem como evidenciou que sua ligação com o aspecto divino se tornou verdadeiro, pois os desdobramentos de sua vida confirmaram a veracidade do sonho que teve, bem como a sua interpretação.

A escolha de Josefo em demonstrar suas características na qualidade de sacerdote complementa a ideia de evidenciar a distinção social a qual se deteve na sociedade judaica. Para Tesa Rajak (2002, p. 14) a *Vita* é uma obra que destacou fatos acerca de Flávio Josefo. No entanto, as descrições retratadas nos permitem conhecer aspectos peculiares sobre a vida de Josefo. O desígnio da função sacerdotal foi algo destacado na *Vita* a fim de demonstrar a relevância deste ofício e, o mesmo tempo, provar a vinculação de sua família nesse ambiente. Portanto, a relevância do ofício não ressalta apenas a posição social de sua família, mas coloca em evidência a sua origem enquanto judeu. Assim, Josefo não se representou apenas como um sacerdote, mas também como um judeu.

Esse fator de evidenciar a sua origem judaica pode ser compreendido por outra citação de Josefo. Vejamos a seguir:

Eu, portanto, apresento a sucessão de nossos ancestrais de modo como a encontrei nos registros públicos, enviando uma saudação para aqueles que tentam nos caluniar (Flávio Josefo. *Vita*, I: 6).

Ao considerarmos o período de elaboração da *Vita* (por volta dos anos 94-101), compreendemos uma viável motivação para que produzisse esse relato. Assim como está descrito acima, a preocupação de Josefo em destacar a relevância de sua

ascendência é enviar uma saudação para aqueles que buscam caluniá-lo. Dessa forma, inferimos que Josefo estava enfrentando questionamentos no contexto de elaboração da *Vita*. O principal crítico de Josefo era Justo de Tiberíades, que o responsabilizou pela eclosão da Revolta Judaica, bem como pelos desdobramentos para Judéia, além de criticá-lo pelos benefícios que obteve após a Revolta (BILDE, 1988, p. 108; COHEN, 2002, p. 22). Nesse sentido, Dennis Lamour (1999, p. 107) aponta que a principal motivação de Josefo para a elaboração da *Vita* foi se defender das críticas de Justo ao incluir em sua narrativa elementos da *Guerra dos Judeus*.

As críticas de Justo enfatizaram a condição que Josefo obteve, ou seja, sua vinculação com a família flaviana e os benefícios provenientes dessa aproximação. Justo não criticou apenas as ações de Josefo, mas demonstrou que sua vinculação aos romanos o distanciou de sua posição de judeu. Josefo reservou um espaço da *Vita* para rebater essas acusações (Flávio Josefo, *Vita*. 65: 336-367). Portanto, consideramos que a motivação para elaboração da obra também se evidencia no fato de querer refutar as acusações que ele recebeu ao ser um beneficiário dos romanos. Assim, entendemos que, ao mencionar sua família, educação e designações que obteve na sociedade judaica, Josefo estava se representando enquanto judeu.

#### **IV- O COMANDO GALILEU**

As críticas de Justo se referem também às ações de Josefo na Revolta Judaica, questionando sua atuação na qualidade de líder na Galiléia e como comandante militar. No entanto, Josefo refutou essas críticas ao demonstrar o ambiente da Revolta Judaica em uma perspectiva pessoal por intermédio da *Vita*. Compreendemos que essa obra detém consideráveis relatos nos quais Josefo se representou no contexto da Revolta Judaica, manifestando um relato acerca de suas designações na Galiléia (BILDE, 1988, p. 109). Dessa forma, vejamos alguns trechos da *Vita* em que a sua liderança foi destacada.

Após a minha chegada à Galiléia, eu me inteirei desses acontecimentos por intermédio de relatores, escrevi para o Congresso dos habitantes de Jerusalém (Sinédrio) pedindo instruções sobre o que eu deveria fazer. Eles me aconselharam para que ficasse ali

mantendo os meus companheiros enviados, se assim estes desejassem, para que eu me ocupasse da Galiléia (Flávio Josefo, *Vita*, 12: 62).

O excerto acima aponta o ambiente da Galiléia em momentos precedentes à chegada de Vespasiano. Josefo descreveu que foi designado para tentar coibir os insurretos a entrarem em uma guerra contra os romanos. Assim, Josefo demonstrou a relação de respeito com as autoridades judaicas ao pedir instruções de como deveria agir para não ter atitudes precipitadas. Dessa forma, Josefo se representou como uma pessoa preocupada com os assuntos da Galiléia, além de demonstrar submissão às autoridades de Jerusalém, bem como de ser um detentor de atitudes equilibradas.

Ao considerar a relação entre representação e o autor de um texto, Ruty Amossy (2005, p. 9) destaca que um escritor possui todas as condições de construir uma representação, mesmo que não seja intencional, mas como retrata algo isso implica uma forma de representar. Dessa maneira, o fato de Josefo escrever sobre sua vida não remete somente a um aspecto rememorativo, mas também a um processo construtivo de representação. Nesse sentido, sua condição enquanto autor de uma obra autobiográfica já gera uma condição de autorrepresentação (AMOSSY, 2005, p.5).

Enquanto líder na Galiléia, Josefo retratou em outras passagens as suas ações que apresentavam tal característica. Vejamos o excerto da *Vita*:

Quando Cestio foi derrotado, como já foi narrado, os principais homens de Jerusalém observaram que os bandidos e os insurretos estavam bem providos de armas. Eles ficaram ansiosos com essa situação, pois estavam desarmados e deixados a sorte de seus adversários (foi o que ocorreu posteriormente). Eles descobriram que a Galiléia tinha sido desertora dos romanos, portanto, uma parte dela ainda se mantinha pacífica. Então, eles enviaram a mim outros dois sacerdotes, Joazar e Judas, para persuadir os maldosos a abandonarem suas armas e para instruí-los de que era preferível reservarmos-los aos distintos da nação. Ficou acordado que estes últimos iriam se manter armados, constantemente prontos para o futuro, mas iriam esperar pacientemente para conhecer o que os romanos fariam. (Flávio Josefo, *Vita*. VII: 28-29).

Nesse outro excerto, podemos perceber a forma que Josefo representou a si mesmo, ao retratar-se como uma importante liderança no contexto da Revolta Judaica. Liderança que foi exercida por meio de atitudes que sempre buscaram conciliação entre

os insurretos judeus, convencendo-os a não entrarem em uma guerra contra os romanos. É perceptível como Josefo se representou por intermédio de uma figura conciliatória. Foi capaz de convencer muitos insurretos a esperarem as ofensivas dos romanos ao descrever um acordo que intermediou com os judeus rebeldes, demonstrando a sua capacidade conciliatória e até mesmo a de um pacificador sensato. Entretanto, a guerra foi inevitável e rendeu descrições de Josefo em relação a esse conflito.

Nesse momento, Josefo revelou peculiaridades próprias acerca de si mesmo, como a sua habilidade enquanto general, seu aspecto conciliador e pacifista, o apoio popular que sempre afirmou ter tido e inimizades com líderes rebeldes locais como João de Giscala. Sobre esses assuntos, Josefo retratou suas atitudes nessas circunstâncias, produzindo representações próprias em momentos distintos. A representação não deve ser compreendida apenas pelo fato de Josefo imprimir um relato próprio. Entretanto, outro aspecto ligado à sua argumentação nos permite considerar que sua descrição retrata uma construção a partir de sua escrita. Assim, o processo representativo apresenta características que envolvem uma constituição de sentido e, até mesmo, um processo seletivo de argumentos, pois o que pode ser representado pode retratar também uma vontade de destacar algo.

Entendemos esse aspecto vinculado à percepção de Chartier (1990, p.20), pois destaca a representação como um objeto ausente que é substituído por uma imagem com a capacidade de reconstruir-se na memória. Assim, Shaye Cohen (2002, p. 181) evidencia a escrita de Josefo na *Vita*, em que os fatos relatados estavam sujeitos às suas memórias pessoais. Dessa forma, o que foi descrito está representado a partir da percepção de Josefo, uma vez que, ao escrever sobre si, empreendeu uma representação própria.

As ações que Josefo obteve na posição de general também foram retratadas na *Vita*. No trecho a seguir, Josefo se representa como comandante militar na Judéia Rebelde.

Depois de ter feito isto, desafiei Ebucio para batalha. Quando ele recusou, estava intimidado com a nossa preparação e ousadia. Eu me virei contra Neapolitano, pois tinha ouvido falar que o território de Tiberíades estava sendo saqueado por ele. Neapolitano era comandante de um esquadrão de cavalaria e estava encarregado da defesa de Escitópolis. Uma vez que eu tinha impedido que seguisse causando danos no

território de Tiberíades, dediquei as minhas atenções para Galiléia. (Flávio Josefo, *Vita*. 24: 120-121).

O trecho acima é uma descrição de Josefo enquanto comandante de Guerra em exercício. Esta foi a descrição de seu primeiro embate contra as tropas romanas, à medida que a sua habilidade como general foi destacada. Afirmou ter conseguido conter as forças romanas ao ponto de deixá-los “espantados” com as habilidades impostas pelo exército rebelde judeu, obviamente, comandado por ele mesmo. Dessa forma, Josefo descreveu esse relato como uma representação de si, na condição de importante líder militar. Assim, as habilidades de Josefo se encontravam também no campo militar, caracterizando outra maneira de compreendê-lo. Em outro trecho da *Vita*, Josefo retratou um ataque que desempenhou na cidade de Tiberíades, demonstrando, novamente, a sua habilidade de líder militar.

Fui conhecer Simão que veio na companhia de seus companheiros, cumprimentei-o de forma amistosa e agradei por ter vindo. Depois de um tempo, saímos como se quiséssemos falar a sós e quando estávamos longe de seus companheiros, tomei-o e o levei para fora da aldeia e o entreguei aos meus companheiros. Depois ordenei aos meus soldados o ataque a Tiberíades. Foi um combate violento para as duas partes e os de Tiberíades estiveram ao ponto de vencer, já que os nossos soldados haviam fugido. Porém, ao me dar conta do que havia acontecido, chamei as tropas e com elas prossegui contra Tiberíades. Enviei uma tropa especial através do lago para incendiar a primeira casa que tomassem. Quando isso aconteceu, os de Tiberíades, acreditando que a sua cidade estava tomada por assalto, jogaram suas armas e por medo, juntamente com suas mulheres e crianças, me imploraram para que eu tivesse piedade de sua cidade. Comovido por estes apelos, abandonei o assalto juntamente com minhas tropas. (Flávio Josefo, *Vita*. 63: 325-329).

Neste sentido, Josefo atacou a cidade de Tiberíades; segundo suas palavras, foi um combate difícil para os dois lados. Conforme o seu relato, a cidade só foi conquistada por meio de suas ordens e estratégias, já que, no combate, os de Tiberíades estavam vencendo as tropas de Josefo. A situação se reverteu em função de sua designação em incendiar a cidade, fato que causou “atemorização” entre os soldados de Tiberíades, resultando na rendição da cidade. Aqui vemos mais uma descrição de Josefo acerca de si mesmo, quando se representou como um líder militar com designações bem-sucedidas. Josefo também destacou a sua benevolência perante os habitantes da

cidade após a ter tomado. Esta circunstância representa a sua condição de líder piedoso diante da fraqueza de outros que foram vencidos.

Shaye Cohen (2002, p. 197) nos apresenta uma argumentação considerável acerca do comando designado por Josefo na Revolta Judaica. Segundo o autor, Josefo excluiu muitos líderes da Judéia rebelde de suas narrativas, inclusive na *Guerra dos Judeus*. A motivação para tal omissão decorreu de seu interesse pessoal em destacar suas ações enquanto comandante militar; evidentemente, as ações de sucesso de outros líderes militares judeus foram omitidas em suas obras (COHEN, 2002, p. 197). Assim, entendemos que Josefo desempenhou outra forma de se promover ao desconsiderar as demais lideranças militares da Judéia. Dessa forma, suas designações foram empreendidas por si mesmo em uma posição de destaque, representando-o como um general de grande importância na Judéia rebelde.

Outro ponto que podemos perceber na *Vita* de Josefo foi a referência ao apoio popular que obteve em diferentes circunstâncias. Vejamos um excerto que traduz essa característica acentuada em sua obra:

Quando me situei entre eles, comecei a falar com eles, mas estavam todos gritando e me chamando de patrono e salvador de sua região. No entanto, após demonstrar toda minha gratidão a eles, aconselhei a não fazerem guerra e nem sujarem as mãos com a pilhagem, mas que acampassem em seus campos e se contentassem com as suas próprias provisões. Pois lhes dizia que queria acabar com os distúrbios sem derramamento de sangue. (Flávio Josefo, *Vita*. 47: 244).

Esse trecho nos revela o caráter de apoio popular que Josefo afirmou ter tido. Segundo o que descreveu, estava em uma aldeia na Galiléia, denominada de Gabarot e lá afirmou ter sido aclamado pela população local de benfeitor e salvador da região local. Adiante, Josefo ainda narrou que aconselhou o povo a não praticar a pilhagem, dizendo que a sua intenção era reprimir as revoltas sem derramamento de sangue. Dessa maneira, Josefo imprimiu outro relato acerca de si mesmo, o qual afirmou que foi bem recebido em Gabarot, revelando um aspecto de apoio popular. Portanto, a representação que Josefo empreendeu acerca de si retrata um homem pacífico, amplamente aclamado pelo povo e que tentou evitar ao máximo o derramamento de sangue dos habitantes locais. Ainda sobre essa questão de apoio popular, podemos verificar outro trecho na *Vita* de Flávio Josefo. Citemos *in extenso*:



A multidão saiu para encontrá-los, até mulheres e crianças não paravam de chorar para que não deixassem que o seu general fosse retirado por inveja. Jônatas e seu grupo ficaram muito irritados com estas mensagens, mas não se atreveram em revelar sua raiva. Sem a necessidade de um parecer deles, eles seguiram o seu caminho para outras aldeias. Mas em todos os lugares eles foram recebidos de forma semelhante, as pessoas choravam ao ponto que ninguém poderia mudar suas convicções de terem Josefo como general. (Flávio Josefo, *Vita*. 45: 230-231).

Aqui encontramos outro trecho em que Josefo descreveu sobre o intenso apoio popular que obteve. Esse excerto tratou sobre a chegada dos delegados de Jerusalém enviados pelo sumo sacerdócio da cidade, tendo como um dos membros Jonatas. Assim, narrou a chegada deles na aldeia de Jafa, ocasião na qual, segundo Josefo, a população local demonstrou forte apoio a sua condição de general. Josefo foi identificado como uma figura carismática entre a população local, causando, inclusive, a cólera dos enviados de Jerusalém. Evidentemente que Josefo demonstrou esses aspectos de forte apoio popular ao se representar como um líder carismático e enfatizá-lo constantemente. Josefo enunciou outra passagem em circunstâncias semelhante: quando os habitantes de Tariquéia se indignaram contra a cidade de Tiberíades e quiseram tê-lo como general. A motivação da população local decorreu da forma hostil em que foi tratado em Tiberíades, sendo este um dos motivos de Tariquéia apoiá-lo e aclamá-lo como general (Flávio Josefo, *Vita*. 19: 97).

Acerca do apoio popular que Josefo referiu ter tido ao longo da *Vita*, Shaye Cohen (2002, p. 209) destaca que as afirmações de Josefo aludem a uma percepção própria. Mesmo com suas constantes afirmações sobre o apoio popular que recebeu, essa situação pode se tornar variável devido à distinção do movimento rebelde na Judéia, portanto, a adesão popular poderia variar de cidade para cidade (COHEN, 2002, p. 209). Assim, Shaye Cohen (2002, p. 209) afirma que o local que Josefo obteve o maior apoio foi na cidade de Tariquéia. Entendemos que essa percepção implica mais uma maneira de Josefo se representar, pois relatou somente as cidades que lhe renderam apoio.

Josefo ressaltou suas inimizades na Judéia antes da chegada de Vespasiano. Nesse contexto, uma de suas grandes desavenças foi com João de Giscala, reconhecido como filho de Levi e um líder local. Segundo Josefo, a cidade se encontrava em um

ambiente de insurreição contra os romanos e João tentou convencer os habitantes locais a não guerrearem. Suas tentativas foram inúteis, obrigando-o a formar um exército próprio. De acordo com suas palavras:

A situação de Giscala era a seguinte: João, filho de Levi, ao ver alguns cidadãos que estavam contemplando a secessão contra os romanos, tentou contê-los, ao pedir para que se mantivessem fiéis a Roma. Apesar de ser muito determinado, não obteve sucesso, pois a nação vizinha (gadarenos, gabarenos, soganeus e tírios) reuniu uma grande força contra Giscala. Com isso, João ficou furioso e se articulou junto a seus aliados. Depois dessa união contra as nações citadas, reconstruiu Giscala e fortaleceu suas fortalezas por uma questão de segurança. (Flávio Josefo, *Vita*. X: 43-45)

Josefo retratou a liderança que João exerceu na Judéia após Giscala ser invadida por povos vizinhos. Assim, empreendeu o destacamento de uma importante liderança rebelde judaica. No entanto, João obteve desavenças com Josefo, por ser representado na *Vita* como um homem que, constantemente, agia em favor de prejudicá-lo. Vejamos outras enunciações da *Vita*:

O afeto e lealdade dos galileus a mim foram tão elevados que, quando as suas cidades foram tomadas e suas mulheres e crianças vendidas como escravas, ainda sim não se concentraram em seus infortúnios, mas estavam preocupados com minha segurança. Quando João viu essas coisas ficou com muita inveja. (Flávio Josefo, *Vita*. 16: 84).

A partir das enunciações acima, Josefo empreendeu outra situação na qual era detentor de grande apoio popular. Enfatizou as manifestações e preocupações dos galileus em uma possibilidade de derrota ou invasão. Supostamente, Josefo relatou que essa manifestação de apoio causou ódio em João. Assim, podemos perceber a ênfase que destacou ao receber o apoio dos galilues; porém, tal circunstância serviu para fomentar a inimizade de João. Esse contexto nos permite elucidar a representação que Josefo construiu de si mesmo a partir das inimizades com João. Segundo sua enunciação, João se incomodou com a estima de Josefo entre os galileus, sendo este um fator suficiente para que as inimizades entre os dois se agravassem. Dessa forma, percebemos que Josefo se estabeleceu, conforme a perspectiva de João, a partir de um recurso para exprimir os seus valores mediante a comparação com outro indivíduo. Assim, sua representação estabelece uma comparação com a atitude de outra liderança

rebelde na Judéia, pois Josefo se retratou como um sujeito preocupado com a população, enquanto outras lideranças demonstraram motivações voltadas a interesses próprios ou à intenção de destruí-lo e difamá-lo. Nisso, Josefo ainda retratou outras ações de João que visavam ao seu prejuízo:

Quando João chegou à cidade de Tiberíades começou persuadir as pessoas a desertarem da lealdade que tinham comigo para se juntarem a ele! E muitos – pessoas que sempre tinham anseio por ações revolucionárias e de natureza favorável a convulsões, tendo alegria em sedições – aceitaram de bom grado seu convite. (Flávio Josefo, *Vita*. 17: 87)

O excerto acima traduziu um tumulto que ocorreu em Tiberíades. Para Josefo, esse motim foi ocasionado por João, pois este convenceu muitos habitantes a deixarem a liderança de Josefo. Dessa maneira, o historiador nos aponta outra circunstância de dissensão entre ele e João. No entanto, esse trecho evidencia a inserção de uma perspectiva individual em um meio coletivo, ou seja, a rebelião em Tiberíades ocorreu pelas desavenças pessoais de João contra Josefo. Dessa maneira, Josefo nos imprime outra percepção de si, pois retratou instigações que poderiam lhe prejudicar, porém, sua atitude demonstrou que era um homem pacífico e conselheiro do povo. Esse ponto alude uma representação de si, pois mesmo sendo prejudicado suas atitudes geraram pacificação na cidade, demonstrando sua preocupação com a população local. Assim, Josefo infere que suas ações visavam ao bem coletivo, não sendo legitimada por motivações pessoais, como ocorria com João de Giscala.

Shaye Cohen (2002, p. 93) destaca que a inimizade entre Josefo e João de Giscala pode ser encontrada também na *Guerra dos Judeus*. Portanto, não foi apenas na *Vita* que João foi retratado como uma figura mal sucedida na Revolta Judaica. Dessa maneira, Josefo evidenciou seus destacamentos em detrimento a outra liderança que foi apresentada de forma crítica. Ao escrever, Josefo tinha o controle de produzir relatos que exaltassem suas ações e inferiorizasse as ações de suas inimidades. Nesse panorama, Josefo apresenta outra passagem da *Vita* que relata a tentativa de João em prejudicá-lo. Citemos *in extenso*:

Agora, o filho de Levi, João, a quem descrevemos como vivendo em Giscala. Quando ele descobriu que tudo estava decorrendo de acordo com meu propósito e que eu estava agindo de boa vontade para com os meus apoiadores, mas com terror para com o inimigo,

não se sentiu satisfeito. Presumiu que o meu sucesso implicava em sua destruição e sentiu uma profunda inveja. (Flávio Josefo, *Vita*. 25: 122)

Nesse excerto, Josefo continuou a evidenciar o caráter de inimizade com João ao ponto de enunciá-lo em um sentimento de inveja. No entanto, Josefo ainda fez questão de mencionar o sucesso que obteve perante o infortúnio de João. Essa é outra evidência argumentativa perante João, pois Josefo destaca que obteve sucesso e isso causou desavenças e inimizades ao ponto de João tentar incitar os galileus contra ele. Dessa forma, Josefo demonstra o ambiente da Revolta judaica em uma perspectiva pessoal, ao destacar as desavenças que tinha com João. Josefo se posiciona como um homem que sempre obteve sucesso e apoio das populações locais; porém, os desentendimentos foram retratados ao serem ocasionados por João. Os argumentos contra João não ficaram restritos apenas na *Vita*, mas em *Guerra dos Judeus*, Josefo também evidenciou João de Giscala de forma negativa, caracterizando-o como desleal e enganador (COHEN, 2002, p. 93). Assim, Josefo caracteriza seu adversário de forma negativa ao viabilizar uma representação própria enquanto indivíduo que obteve sucesso por onde passou.

Ademais, Josefo quis evidenciar que os responsáveis pela eclosão da Revolta foram pessoas com motivações extremistas, mas que ele e outros homens tiveram de exercer a função de liderança nessa Guerra. No entanto, destacou que suas ações seriam em benefício da população, enquanto os seus adversários eram motivados por interesses pessoais (COHEN, 2002, p. 187). Dessa forma, Josefo informou sobre as distinções entre as lideranças judaicas. Nesse contexto, Josefo destacou outra divergência política que teve contra um homem denominado Jesus. Josefo considerou-o como uma pessoa que tentou matá-lo.

Difundiu por toda a Galiléia um boato que eu iria entregar a região aos romanos, todos se agitaram para que eu fosse punido (Flávio Josefo, *Vita*. 27: 132).

Jesus, filho de Sapphias e chefe do conselho de Tiberíades, foi uma pessoa miserável e cuja natureza era de interromper assuntos de grande relevância, provocava sedições e era um revolucionário como nenhum outro (Flávio Josefo, *Vita*. 27: 134).

Os trechos acima retratam o contexto em que Josefo designava o comando na Galiléia. Além de mencionar as desavenças com João de Giscala, paralelamente, Josefo destacou o desentendimento com um indivíduo denominado Jesus. Segundo Josefo,

Jesus era um dos líderes da cidade de Tiberíades e contribuiu para inflamar acusações contra o seu comando. Para Josefo, este homem prejudicava a causa judaica, pois, além de ser um agitador, provocava desordens e insurreições entre o povo. Evidentemente que Josefo apresentou uma argumentação crítica contra Jesus. Ao tratá-lo como uma liderança de Tiberíades, inferimos que detinha uma posição de influência na cidade. Assim como fez com João de Giscala, Josefo se representa a partir da percepção de outro indivíduo, proferindo argumentos que seus críticos sempre mantinham como uma postura para persegui-lo.

Dessa forma, a percepção retratada por meio da *Vita* refere-se ao comando de Josefo como notável, pois enfatizou com veemência o apoio popular que, constantemente, obteve. Nessa conjuntura, compreendemos uma representação própria de um bom líder. No entanto, Josefo afirmou que lideranças locais tentaram, incessantemente, prejudicá-lo, seja perseguindo-o ou tentando difamá-lo. Nessa perspectiva, compreendemos a construção de sua representação a partir da comparação com outros indivíduos, já que o comando exercido na Galiléia foi prejudicado por pessoas como João de Giscala e Jesus. Tais posturas denotavam interesses particulares em oposição aos de Josefo que, segundo próprias declarações, sempre foram voltados para a conjuntura popular. Assim, ao se comparar com demais lideranças da Judéia rebelde, Josefo criou uma representação própria e diferente dos demais (COHEN, 2002, p. 94).

Dessa maneira, Josefo descreveu de forma concisa a percepção de si mesmo acerca de fatos vivenciados. O forte apoio popular foi uma das questões relevantes em sua obra, pois, ao retratá-lo, estaria selecionando argumentos que viessem representá-lo como um bom líder que comovia a todos. Todos aqueles que buscavam prejudicá-lo acabavam por criar inimizades com a população. Além de sua grande habilidade enquanto general e líder popular pacificador, sempre quis evitar as mortes que viessem a ser ocasionadas por esse conflito. Por se tratar de um relato de gênero biográfico, existe um princípio de perpetuação de memória (GEIGER, 2011); mas, nesse caso, o próprio biografado foi o autor da obra, implicando uma perpetuação de memória ligada a si mesmo, enfatizando-o em circunstâncias que legitimam a sua argumentação. Inferimos, então, que essa obra é uma narrativa detentora de um caráter de autorrepresentação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao longo dessa dissertação procuramos compreender as autorrepresentações de Flávio Josefo, que, a partir da Revolta judaica, exerceu a função de comandante do exército rebelde judaico e, *à posteriori*, tornou-se prisioneiro dos romanos. Após esses fatos, Josefo conseguiu aproximar-se dos Imperadores da dinastia flaviana. Consideramos, ainda, que o contexto da Revolta Judaica resultou em modificações em sua vida, bem como no ambiente político romano (LAVAN, 2013 p.73; WOOLF, 2012, p. 169). Sabemos, pois, que a transição do Principado de Nero para a ascensão de Vespasiano decorreu de uma crise política em Roma, resultando na morte voluntária do *Imperator*. Nesse ambiente tivemos um período de disputa política, ocasionando a ascensão de Vespasiano ao poder Imperial (WOOLF, 2012, p. 169). Assim, entendemos a proximidade entre os eventos da Judéia com o contexto em Roma, pois a ascensão flaviana decorreu do sucesso de Vespasiano e Tito na Judéia (Cf. BARNES, 2005).

Flávio Josefo estava inserido nesse contexto desde a chegada dos romanos a Judéia até a ascensão de Vespasiano em Roma. Sua condição nesse conflito operou de formas distintas, pois inicialmente era um comandante rebelde dos judeus e, ao ser capturado por Vespasiano no cerco a Jotapata, contribui para as ações romanas na contenção da Revolta (LEVICK, 1999, p. 32). No entanto, a ascensão de Vespasiano permitiu a Josefo novas oportunidades fora do contexto judaico (Cf. LEVICK, 1999). Dessa forma, compreendemos que o contexto vivenciado por Flávio Josefo foi complexo. Por isso, salientamos a relevância da dominação romana na Judéia, bem como o ambiente judaico em relação aos destacamentos romanos. Essa dominação evidenciou as diversas práticas administrativas romanas nas Províncias (Cf. BARRET, 2009; KASHER, 2007; ROGAN, 2011). Os destacamentos político-administrativos estavam sujeitos ao poder exercido por um Imperador, logo poderiam variar de acordo com a sucessão imperial (MATTINGLY, 2011; HINGLEY, 2010; ROGAN, 2011). Sendo assim, entendemos que os eventos da Judéia estavam sujeitos a essas circunstâncias, pois os destacamentos administrativos romanos influenciaram o agravamento dos descontentamentos locais.

A partir desse contexto, discutimos, ao longo dessa dissertação, a inserção de Flávio Josefo no ambiente insurreto na Judéia, para tanto tomamos por base a obra *Vita*.

No entanto, o contexto em que essa obra foi elaborada se refere a sua vinculação no meio social romano, pois já era um beneficiário da ascensão flaviana. Assim, nos deparamos com as seguintes problematizações: Qual o contexto em que Josefo se tornou um historiador? Qual era a sua relação com a dinastia flaviana e os benefícios que esta aproximação lhe renderia? Qual a motivação dele em elaborar a *Vita*? Quais foram as representações que fez de si mesmo?

Em razão disso, buscamos compreender a Revolta Judaica, bem como sua participação nela. Deste modo, inferimos que esse ambiente era dotado de lideranças diversificadas e opiniões distintas, demonstrando ser um meio complexo (Flávio Josefo, *Vita*. IX: 32-42). A partir dos relatos da *Vita*, Josefo caracterizou esse ambiente em uma perspectiva pessoal, pois relatou as divergências existentes diante de sua própria percepção. Mas qual era a percepção de Josefo sobre esse conflito? Sua opinião acerca da guerra estava voltada a ações mais cautelosas, isto se tornou evidente a partir de enunciações que demonstraram sua preocupação em enfrentar os romanos (Flávio Josefo, *Vita*. IV: 17). A forma como Josefo retratou os romanos em sua obra autobiográfica traduz uma percepção de inferioridade militar dos judeus. Portanto, o fracasso da Judéia se notabiliza na própria estrutura judaica, pois Josefo ressaltou inúmeras inimizades com líderes rebeldes que mantinham, de acordo com seus pressupostos, posturas prejudiciais ao povo judeu (Flávio Josefo, *Vita*. IX: 43-45; 22: 104-106).

A partir dessa percepção, compreendemos que Josefo destacou sua liderança em oposição à dos seus “inimigos” (Flávio Josefo, *Vita*. 22: 109-111), (Flávio Josefo, *Vita*. 13: 70-76). Nesse caso, os inimigos de Josefo eram algumas lideranças rebeldes locais, como Justo de Tiberíades, João de Giscala e Jesus. Esse foi um fator relevante, pois Josefo era um general contra os romanos, mas também tinha inimizades entre os próprios conterrâneos. Assim, buscamos associar esses fatores como uma forma de representar a si enquanto importante liderança na Judéia, em oposição aos destacamentos de outros indivíduos.

Em razão disso, inferimos que a *Vita* expressou momentos que lhe foram cruciais na construção de sua representação. Assim, o contexto ao qual a obra foi elaborada tornou-se uma importante referência em sua produção. Sabemos que Josefo se beneficiou com a ascensão de Vespasiano, fator que lhe proporcionou benefícios. No entanto, essa aproximação lhe rendeu a condição de elaborar e escrever sobre os fatos

que vivenciou (RODRIGUES, 2007, p. 777). Ao analisar o contexto em que Josefo elaborou a *Vita*, compreendemos que questões contemporâneas tiveram influências em sua narrativa.

Em razão destes aspectos, tentamos explorar a relação entre o presente e o passado de Josefo. Ao empreender que a *Vita* foi elaborada e publicada entre os anos 94-101, e que tratou de assuntos referentes à Revolta Judaica (66-70); assim, entendemos que foi uma obra que narrou assuntos referentes à memória de Josefo. Dessa forma, buscamos compreender a *Vita* enquanto narrativa que traduziu eventos de um passado vivenciado por seu elaborador, compilada por intermédio de um processo de seleção, fatos ou argumentos. Em razão disto, tentamos explorar as peculiaridades que aludem à argumentação de Josefo em se representar. Entretanto, qual a finalidade de Josefo querer se representar? Esse questionamento pode ser compreendido por meio de suas próprias designações. Josefo afirmou que escreveu a *Vita* por esclarecer alguns fatos de sua vida e questionar aqueles que buscavam difamá-lo (Flávio Josefo, *Vita*. I: 6). Nesse sentido, consideramos que sua atitude na Revolta judaica em se posicionar ao lado dos romanos empreendeu questionamentos advindos dos próprios judeus. O principal indivíduo que proferiu críticas a Josefo foi Justo de Tiberíades (BILDE, 1988, p. 108; COHEN, 2002, p. 22). Consideramos que essa foi uma importante motivação para elaborar tal relato.

Entendemos que a *Vita* possibilitou a Josefo narrar e selecionar fatos acerca de si mesmo. Essa particularidade resultou em um relato que construiu diversificadas representações próprias. Algumas passagens da *Vita* evidenciam esse caráter de representação própria como a ênfase que descreveu sua ascendência e o desígnio sacerdotal, que ele e sua família possuíam na sociedade judaica (Flávio Josefo. *Vita*, I: 1-3). O comando que ocupou durante a Revolta Judaica e a exaltação de seu caráter como comandante na Galiléia (Flávio Josefo, *Vita*, 12: 62) foram outros fatores destacados por Josefo. O historiador ainda salientou acerca de sua atitude cautelosa quanto ao desdobramento da Revolta (Flávio Josefo, *Vita*. VII: 28-29). Na qualidade de líder militar, Josefo narrou diferentes circunstâncias que apontavam sua elevada habilidade (Flávio Josefo, *Vita*. 24: 120-121) e destacou também a forma como que era acolhido pela população local, sempre se representando como um homem com intenso apoio popular (Flávio Josefo, *Vita*. 47: 244). Ademais retratou as desavenças que obteve



com diferentes lideranças rebeldes da Judéia, João de Giscala, por exemplo, foi um dos seus “inimigos” mais retratados (Flávio Josefo, *Vita*. 16: 84).

Procuramos, com esse debate, enfatizar a escrita de Josefo acerca de suas motivações para apresentar tais argumentações sobre si. Assim, como já vimos, suas inimizades podem ter influenciado para que esse relato fosse elaborado. No entanto, entendemos que Josefo poderia obter outra motivação para elaborar a *Vita*. Como já foi elucidada, a *Vita* tratou da vida de Flávio Josefo no contexto da Revolta Judaica e também enfatizou sua ascendência perante a sociedade judaica. A partir dessas enunciações, consideramos que Josefo teve a oportunidade de elaborar uma narrativa que significasse muito mais que uma resposta aos seus supostos caluniadores. Assim, Josefo estava se representando enquanto judeu, pois ao longo de sua argumentação não enfatizou com veemência a sua condição romana. Mesmo sendo a sua última obra, ante uma contextualização temporal distante dos eventos da Revolta Judaica, as premissas judaicas ainda faziam parte da vida de Josefo, fator este estritamente destacado na *Vita*. Isso não implica apenas uma resposta, mas, sobretudo, uma perpetuação e transmissão de sua identidade judaica.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

### **CORPUS DOCUMENTAL**

*Carta de Cláudio aos Alexandrinos (CPJ, 153)*. GRANT, M. *The Jews in the Roman World*. London: Phoenix, 1999

JOSEFO. *Autobiografia*. Tradución y nota de Margarita Rodríguez de Sepúlveda. Madrid. Editorial Cremos, 1994.

JOSEFO, Flávio. *Antiguedades judias*. Libros I-XI. Edición de José Vara Donado. Madrid. Akal. 2013

JOSEFO, Flávio. *Antiguedades judias*. Libros XII-XX. Edición de José Vara Donado. Madrid. Akal. 2013

JOSEFO. *Contra Apião*. Tradución y nota de Margarita Rodríguez de Sepúlveda. Madrid. Editorial Cremos, 1994.

JOSEFO. *Guerra dos judeus*. Livro I. Jurua Editora. Edição 2. 2002

JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. Tradução de Vicente Pedroso. Rio de Janeiro. CPAD, 1990.

JOSEPHUS, Flavius. *Life of Josephus. Translation and commentary by Steve Mason*. Boston. Brill. 2001

SUETÔNIO. *A vida dos doze Césares*. São Paulo: Prestígio, 3. ed. 2002.

### **BIBLIOGRAFIA**

AMORIN, Maria Aparecida Blaz Vasques. *História, memória, identidade e História Oral*. São Paulo. Jus Humanum. V. 1. n. 2. 2012. p. 107 – 112.

AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

- ASSMANN, Jan. *Historia y mito en el mundo antiguo: Los Orígenes culturales de Egipto, Israel y Grecia*. Madrid. Editorial Gredos, 2005.
- AVELAR, Alexandre de Sá. *A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões*. Dimensões, vol. 24, P.157-172. 2010
- BABOTA, Vasile. *The Institution of the Hasmonean High Priesthood*. Boston. Brill. 2014.
- BALL, Larry F. *The Domus Aurea and the Roman architectural revolution*. Cambridge. Cambridge University Press. 2003.
- BARCLAY, John M. G. *Josephian Rhetoric in Flavian Rome*. In: EDMONDSON, Jonathan. MASON, Steve. RIVES, James. *Flavius Josephus and Flavian Rome*, New York, 2005, p, 129-144.
- \_\_\_\_\_. *Josephus V. Apion: Analysis of an Argument*. In: MASON, Esteve. *Understanding Josephus: Seven Perspectives*. Worcester. Sheffield Academic Press, 1998, p, 194-221.
- BARNES, T. D. *The sack of the Temple in Josephus and Tacitus*. In: EDMONDSON, Jonathan. MASON, Steve. RIVES, James. *Flavius Josephus and Flavian Rome*, New York, 2005, p, 129-144.
- BARRET, Anthony A. *HEROD, AUGUSTUS, AND THE SPECIAL RELATIONSHIP: THE SIGNIFICANCE OF THE PROCURATORSHIP*. In: JACOBSON, David M. & KOKKINOS, Nikos. *Herod and Augustus*. Boston, Brill. 2009. p. 281-302
- BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BERLIN, Andre M. *Romanization and anti- Romanization in pre-Revolt Galile*. In: BERLIN, Andrea M. & OVERMAN, J. Andrew. *The First Jewish Revolt Archaeology, history, and ideology*, London and New York. Routledge. 2009. p. 59-73
- BARNES, T. D. *The sack of the Temple in Josephus and Tacitus*. In: EDMONDSON, Jonathan. MASON, Steve. RIVES, James. *Flavius Josephus and Flavian Rome*, New York, 2005, p, 129-144.
- BILDE, Per. *Flavius Josephus between Jerusalem and Rome: His Life, his Works, and their Importance*. Worcester. Sheffield Academic Press. 1988.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p.183-191.

BOWERSOCK, G. W. *Foreign Elites at a Rome*. In: EDMONDSON, Jonathan. MASON, Steve. RIVES, James. *Flavius Josephus and Flavian Rome*, New York, 2005, p, 53-62.

BOWMAN, Alan K. *Provincial administration and taxation*. In: BOWMAN, Alan K. CHAMPLIN, Edward. LINTOTT, Andrew. *The Augustan Empire, 43 B.C—A.D. 69*. Cambridge. 2ª Ed. 2008. p. 344 – 370.

CANDAU, José M. *Republican Rome: Autobiography and Political Struggles*. In: MARASCO, Gabriele. *Political Autobiographies and Memoirs in Antiquity*. Boston: Brill, 2011. p. 121-160.

CANDAU, J. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2011

CATROGA, Fernando. *Memória e História. Fronteiras do milênio*. Porto Alegre. Ed. Universidade/UFRGS. 2001

\_\_\_\_\_. *Os passos do homem como restolho do tempo: Memória e fim do fim da História*. Coimbra. Ed. Almedina. 2009.

CAVALLO, G. Entre volumen e codex, a leitura no mundo romano. In: CAVALLO, G. & CHARTIER, R. (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998, p. 71-102.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertran, Brasil, 1990

\_\_\_\_\_. *À beira da Falésia: A História entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

COHEN, Shaye J. D. *Josephus in Galilee and Rome: His Vita and Development as a Historian*. Boston/Leiden. Brill Academic Publishers, INC. 2002.

COTTON, Hannah M. & ECK, Werner. *Josephus' Roman Audience: Josephus and the Roman Elites*. In: EDMONDSON, Jonathan. MASON, Steve. RIVES, James. *Flavius Josephus and Flavian Rome*, New York, 2005, p, 129-144.

- CURRAN, John. *Flavius Josephus in Rome*. In: PASTOR, Jack; STERN, Pnina; MOR, Menahen. *Flavius Josephus: Interpretation and History*. Boston. Brill, 2011. p. 65 – 86.
- DEGAN, Alex. *A Guerra Judaica - Flávio Josefo*. Prólogo da obra. Seleção, tradução e comentários. *Notícia Bibliográfica e Histórica (PUCCAMP)*, v. 200, p. 107-109, 2007.
- \_\_\_\_\_. *As lágrimas e o historiador: uma leitura da Guerra Judaica*. *História da Historiografia*, v. 5, p. 21-32, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Josefo exegeta: História e memória*. *Revista de História*. São Paulo. Nº 162, 2010, p. 295-310.
- DEL PRIORE, Mary. *Biografia: quando o indivíduo encontra a História*. *Topói*, v.10, n.19, p. 7-16, jun/dez 2009.
- EHRlich, Carl S. *Conhecendo o judaísmo*. Petrópolis. Editora Vozes. 2010
- FELDHERR, A. *The roman historians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009
- FREYNE, Sean. *The Revolt from a regional perspective*. In: BERLIN, Andrea M; OVERMAN, J. Andrew. *The First Jewish Revolt Archaeology, history, and ideology* London and New York. Routledge 2009. p. 44-45
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GAGNEBIN, J. M. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 223.
- GEIGER, Joseph. *The Augustan Age*. In: MARASCO, Gabriele. *Political Autobiographies and Memoirs in Antiquity*. Boston: Brill, 2011. p. 233-266
- GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GONÇALVES, A. T. M. *Entre gregos e romanos: história e literatura no Mundo Clássico*. *Revista Tempo*, 2014, v. 20, p. 1-14.
- GOODMAN, Martim. *A classe dirigente da Judeia. As origens da revolta judaica 66-70 d.C*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- \_\_\_\_\_. *The Roman World: 44 B. C – A. D. 180*. New York. Routledge. 2003.

- GOWING, A. M. *Empire and memory: the representation of the Roman Republic in imperial culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- GREY, Vivien J. *Classical Greece*. In: MARASCO, Gabriele. *Political Autobiographies and Memoirs in Antiquity*. Boston: Brill, 2011. p. 1- 36.
- GRIFFIN, Miriam. *Nero: the end of a dynasty*. Nova Iorque: Routledge, 2001.
- GRUEN, Erich S. *Roman perspectives on the Jews in the age of the Great Revolt* In: BERLIN, Andrea M. & OVERMAN, J. Andrew. *The First Jewish Revolt Archaeology, history, and ideology* London and New York. Routledge 2009. p. 27-42
- HADAS-LEBEL, Mireille. *Flávio Josefo: o judeu de Roma*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.
- HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2007
- HARTOG, François. *Primeiras figuras do Historiador na Grécia: Historicidades e História*. São Paulo. Revista de História 141. FFLCH-USP. 141. 1999. p. 9 – 20.
- HEARDERS, Anm-Cathrin. *Beyond Oikos and Domus: Modern Kinship Studies and the Ancient Family*. In: LAURENCE, Ray; STRÖMBERG, Agneta. *Families in the Greco-Roman World*. Fakenham. Continuum International Publishing Group. 2012. p. 10 – 26.
- HINGLEY, Richard. *O Imperialismo romano: Novas perspectivas a partir da Bretanha*. São Paulo. Annablume. 2010.
- HOPE, Valerie M.. *Remembering Rome: Memory, funerary monuments and the roman soldier*. In: WILLIAMS, Howard (ed.). *Archaeologies of Remembrance: death and memory in past societies*. Nova Iorque: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2003. p.113 – 140.
- \_\_\_\_\_. *Roman Death: The Dying and the Dead in Ancient Rome*. London: Continuum, 2009.
- HORSLEY, Richard A. *Power vacuum and power struggle in 66–7 C.E.* In: BERLIN, Andrea M. & OVERMAN, J. Andrew. *The First Jewish Revolt Archaeology, history, and ideology* London and New York. Routledge2009. p. 87-109.

- JONES, Christopher P. *Josephus and Greek Literature in Rome*. In: EDMONDSON, Jonathan. MASON, Steve. RIVES, James. *Flavius Josephus and Flavian Rome*, New York, 2005, p. 201-208.
- KASHER, Aryeh. *King Herod: A Persecuted Persecutor – A Case Study in Psychohistory and Psychobiography*. New York. W de G, 2007.
- KEHOE, Dennis P. *Law and the rural economy in the roman Empire*. Michigan. University of Michigan Press, 2007.
- LAMOUR, Denis. *Flávio Josefo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.
- \_\_\_\_\_. *L'Autobiographie de Flavius Josephe ou le roman d'une vie*. In: *Revue belge de philologie et d'histoire*. Tome 77 fasc. 1, 1999. Antiquite - Oudheid. pp. 105-130.
- LAVAN, Myles. *The empire in the age of Nero* In: BUCKLEY, E; DINTER, M. (eds). *A Companion to the Neronian Age* Wiley-Blackwell, 2013. p. 65-82.
- LEVI, Giovanni. *Os usos da biografia*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p.167-182.
- LEVICK, Barbara. *Vespasian*. London. Routledge. 1999.
- LICHTENBERGER, Achim. *Herod and Rome: Was Romanisation a Goal of the building Policy of Herod?* In: JACOBSON, David M. & KOKKINOS, Nikos. *Herod and Augustus*. Boston, Brill. 2009. p. 44-62
- MAS, Salvador. *De Tácito a la lex de imperio Vespasiani*. SEMATA, Ciências Sociais e Humanidades, 2011, vol. 23. p. 77-96
- MASON, Esteve. *The aim and Audience of Josephus's Judean Antiquities/Life*. In: MASON, Esteve. *Understanding Josephus: Seven Perspectives*. Worcester. Sheffield Academic Press, 1998, p. 64-103.
- MATTINGLY, David, J. *Imperialism, Power, and Identity: Experiencing the Roman Empire*. Princeton University Press. 2011, p, 125-145.

MEYERS, Eric M. *Sepphoris: city of peace*. In: BERLIN, Andrea M. & OVERMAN, J. Andrew. *The First Jewish Revolt Archaeology, history, and ideology* London and New York. Routledge 2009. p. 110-120.

MILLAR, Fergus. *The Greek World, the Jews, & the East*. The University of North Carolina Press, 2006, p. 3-31.

\_\_\_\_\_. *Monuments of the Jewish War in Rome*. In: EDMONDSON, Jonathan. MASON, Steve. RIVES, James. *Flavius Josephus and Flavian Rome*, New York, 2005, p. 101-128.

MITRAUD, C. A. *História e Tradição no livro I de Tito Lívio*. 2007. (Dissertação de Mestrado) Faculdade de letras da UFMG. Belo Horizonte. 2007.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *The Development of Greek Biography*. Harvard: University Press, 1971

NICOLS, John. *Civic Patronage in the Roman Empire*. Leiden: Koninklijke Brill, 2014.

NOY, David. *Goodbye Livia's: dying in the Roman home*. In: HOPE, Valerie; HUSKINSON, Janet (orgs). *Memory and Mourning: Studies on Roman Death*. Oxford: Oxbow Books. 2011. p. 1 - 20

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de. *Resenha de: Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, V. 19 n° 55 São Paulo, 2004, p 180-186

OMENA, Luciane Munhoz de; SILVA, S. B. *A retórica da morte na narrativa de Tito Lívio (Século I a. C.)*. Revista História e Cultura, v. 2, n. 3, p. 94-108, 2013.

\_\_\_\_\_; FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. *Memória e esquecimento: narrativa sobre imperador romano e senado*. História, v. 31, n. 1, 2012. p. 163-184.

OVERMAN, J. Andrew. *The First Revolt and Flavian politics* In: BERLIN, Andrea M. & OVERMAN, J. Andrew. *The First Jewish Revolt Archaeology, history, and ideology* London and New York. Routledge 2009. p. 214-220

PENNER, Lindsay. *Gender, Household Structure and Slavery: Re-Interpreting the Aristocratic Columbaria of Early Imperial Rome*. In: LAURENCE, Ray;



STRÖMBERG, Agneta. *Families in the Greco-Roman World*. Fakenham. Continuum International Publishing Group. 2012. p. 143- 158.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte. Autêntica Editora. 2003.

POLLACK, M. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, 1989, p.3-15.

RAJAK, Tessa. *The Against Apion and the Continuities in Josephus's Political Thought*. In: MASON, Esteve. *Understanding Josephus: Seven Perspectives*. Worcester. Sheffield Academic Press, 1998, p. 222 – 246.

\_\_\_\_\_. *Josephus: The Historian and His Society*. London. Gerald Duckworth & Co. 2002.

RICHARDSON, Peter. *HEROD King of the Jews and Friend of the Romans*. University of South Carolina. 1996.

ROCHA, Ivan Esperança. *Práticas e Representações Judaico-Cristãs. Exercícios de interpretação*. Assis. FCL-Assis-UESP Publicações. 2004.

RODRIGUES, Nuno Simões. *IVDAEI IN URBE. Os judeus em Roma de Pompeio aos Flávios*. Coimbra. Imprensa de Coimbra. 2007.

ROGAN, John. *Roman Provincial Administration*. Amberley. 2011.

ROMÁN, Ediberto. *Citizenship and its exclusions: A classical and Critical Race Critique*. New York. 2010.

SALLER, Richard P. "Familia, Domus", and the Roman Conception of the Family. *Phoenix*, Vol. 38, No. 4 (Winter, 1984), pp. 336-355.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. *As representações das cristianizações da Irlanda Celta: Uma análise das cartas de São Patrício (V séc. D. C)*. Goiânia. 2008. p. 7-43. (Dissertação de Mestrado).

\_\_\_\_\_. *Acerca do Conecito de Representação*. Goiania. Revista de Teoria da História Ano 3. Número 6. 2011. p. 27 – 53.

SCHIMIDT, Francis. *O pensamento do Templo a Qunram*. São Paulo. Loyola. 1994,

- SEVERY, Beth. *Augustus and the Family at the Birth of the Roman Empire*. Nova Iorque: Routledge, 2003.
- SEWARD, Desmond. *Jerusalem's Traitor Josephus, Masada, and the Fall of Judea*. Cambridge Center. DA CAPO PRESS. 2009.
- SILVA, Uirian Gebara da. *A escrita Biográfica na Antiguidade: Uma tradição incerta*. Vitória da Conquista. Politéia: Historia e Sociologia. V. 8, n. 1. P. 67-81. 2008.
- WALLACE-HADRILL, Andrew. *The imperial court*. In: BOWMAN, Alan K. CHAMPLIN, Edward. LINTOTT, Andrew. *The Augustan Empire, 43 B.C—A.D. 69*. Cambridge. 2ª Ed. 2008. p. 283 – 308.
- WASSERMAN, Claudia. *Problemas teóricos que envolvem a questão da identidade coletiva e a formação de novas identidades*. Londrina. Semina: Ciências Sociais e Humanas. 2002. P. 93-100.
- WHITTAKER. C.R. *Rome and Frontiers: The dynamics of Empire*. Routledge. New York. 2004.
- WIEDEMANN, T. E. J. *From Nero to Vespasian*. In: BOWMAN, Alan K. CHAMPLIN, Edward. LINTOTT, Andrew. *The Augustan Empire, 43 B.C—A.D. 69*. Cambridge. 2ª Ed. 2008. p. 256 – 282.
- WOOLF, Greg. *Rome: An Empire's story*. Oxford University Press, 2012, p, 163-184.